

A Missão



Mônica Rocha

Romance

ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	03
Augusto e Pedro	11
Danilo	28
Tambores	37
A expedição	49
O Hospital	65
O despertar de Danilo	80
A visita de Francisco	101
Primeiro passeio	124
Os terrores de Pedro	138
A revelação	150
Dona Marieta e Dona Cacilda	159
Novos amigos	167
Os sonhos de Pedro e André	177
A reunião	188
Encontro de amigos	202
A Missão é apresentada	216
Alegria na enfermaria	237

A partida	249
Nas estradas da Terra	262
Mãe Maria Eufrásia	279
Um pedido de socorro	288
Em que mundo estamos?	307
A fortaleza medieval	319
Parada no bar	342
No coração do inimigo	354
Numa prisão sombria	371
O encontro com Simeão	387
Os cientistas	398
Combate final	415
Vamos voar, voar, voar, meus amigos...	422

PREFÁCIO — A MISSÃO

Foi bem no início da década de sessenta, que ficamos conhecendo, pessoalmente, a Autora deste livro, a jornalista Mônica Ribeiro Rocha, quando de sua visita a Uberaba, não somente com missão de fazer uma reportagem sobre o médium Chico Xavier, mas, principalmente, para mostrar-lhe algumas páginas por ela psicografadas, de grande beleza, assinadas por um Espírito que a intrigou bastante pela pureza e a fluência das idéias que eram passadas para a folha em branco, e temerosa de que estivesse sendo assediada por alguma entidade culta, porém menos feliz, com vistas a levá-la ao ridículo. Achou por bem ouvir, o quanto antes, quem lhe pudesse, calcado em sua grande experiência, dar os esclarecimentos necessários, tranquilizando-a tanto quanto possível.

Apresentada ao nosso amigo e médium de Emmanuel, este, depois de passar os olhos pelas páginas cuidadosamente datilografadas, afirmou-lhe, em nossa presença:

— Minha filha, estas mensagens são, de fato, do Espírito que as assina, seu amigo de vidas passadas, mas, seguindo as orientações de Allan Kardec, precisamos ter mesmo muito cuidado com os nomes utilizados pelos Espíritos e apostos ao final das comunicações mediúnicas. O que nos interessa é a orientação evangélica, mesmo em se tratando de páginas de cunho científico, que nos chegam por intermédio da mediunidade, e não propriamente o nome do Espírito comunicante, a não ser nos casos em que haja absoluta necessidade de sua identificação, para consolo dos que ficaram neste mundo, contribuindo assim para a divulgação da verdade irretorquível de que não existe a morte, prosseguindo, estuante, a vida além do túmulo.

Não são estes os termos *ipsis litteris* do médium do *Parnaso de Além-Túmulo*, devido ao tempo transcorrido desde que foram pronunciados, mas o certo é que Mônica ficou radiante de alegria com o que ouviu, solicitando como proceder no caso de prosseguir na tarefa psicográfica.

Foi quando Chico Xavier lhe disse, despedindo-se de nós, em seguida, para

atender outros companheiros que o aguardavam, ansiosos para registrar-lhe a palavra sempre sábia e confortadora:

— Já que você é jornalista, permita Deus que doravante possa vir a ser, além de jornalista, escritora e médium.

Passaram-se anos até que, nos primeiros dias de setembro de 1994, Mônica nos informou que estava escrevendo um livro e ainda se perguntando o que fazer com semelhante material. Solicitamos-lhe nos mandasse, por via postal, no máximo seis capítulos de cada vez, de quinze em quinze dias, a fim de que pudéssemos, superando a nossa indisciplina pessoal e a falta – por que não dizer material – de tempo, percorrer, palavra a palavra, o livro em andamento. E deste modo os capítulos foram se sucedendo e cada vez mais nos convencíamos de que se tratava de experiência séria, narrada de modo bastante descontraído, com diálogos freqüentes, em estilo inquestionavelmente cinematográfico, narrando a perplexidade de Espíritos colhidos pela desencarnação, sem nenhum preparo para se adequar à vida que prossegue no Plano Extrafísico.

Evitando, naturalmente, tirar ao leitor o prazer de sentir e compreender o desenrolar de todas as passagens de *A Missão*, tomamos a liberdade de esclarecer apenas alguns pontos que reputamos valiosos para os nossos estudos doutrinários.

Da imensa galeria de personagens, num total de pouco mais de trinta que movimentam esta narração, algumas aparecendo em raros lances, somente duas pertencem – é bom que se frise – ao Plano Físico. Todas as demais desempenham os seus respectivos papéis, nas regiões inferiores da Espiritualidade, com episódios de acentuado realismo, prendendo a nossa atenção da primeira à última página.

São feitas referências aos locais de transição onde os Espíritos se abeberam de energias que lhes são necessárias, dando ênfase ao “Grande Lar Francisco de Assis”.

Dramáticas, a nosso ver, as cenas de socorro aos Espíritos de paleontólogos e sua equipe, enquanto os bombeiros da Terra se esforçam na remoção de escombros, onde antigos caçadores de

tesouros há longo tempo desencarnados, se encontram ensandecidos, e a descrição da paisagem dantesca do Campo de Pedras, com as estátuas que vivem chorando e que se derretem com as próprias lágrimas, anteriormente hipnotizadas por perseguidores cruéis, que desconhecem, por enquanto, a Lei do Perdão.

O fato de a quase totalidade dos Espíritos em torno dos quais gira a trama do presente livro ter chegado ao Mundo Espiritual, sem o devido apresto, desconhecendo, por completo, o continuísmo da vida além da tumba, e de que somos o que somos, sem qualquer disfarce, no devido lugar onde nos encontremos, sempre colhendo o que semeamos, vem confirmar o que constatamos, desde 1959, em nossas sessões de Desobsessão: entidades espirituais, depois de com muito amor esclarecidas, notadamente as intelectuais, suplicam-nos levar aos profitentes das religiões formalistas e aos cultores do materialismo semelhantes verdades, para que não venham a enfrentar o terrível choque, que elas mesmas sentiram,

idênticas às descritas por Lucas, em XVI, versículos de 19 a 31, e estudadas por Allan Kardec no item 5 do Capítulo XVI – “Não se Pode Servir a Deus e a Mamom” – de *O Evangelho Segundo O Espiritismo*.

Os idosos que aparecem neste volume, assim se apresentam devido às suas respectivas condições espirituais, não nos esquecendo de que o Espírito que atingiu a senectude no corpo físico e desencarnou de consciência tranqüila, poderá retomar a sua condição de maturidade ou de juventude, desde que isto lhe seja de proveito para ajudar outros Espíritos a buscarem Jesus, na grande caminhada evolutiva, ou por decisão de foro íntimo.

Enfim, a persistência do chefe ligado às inteligências perversas do Plano Espiritual dito inferior, no caso Gabriel, negando-se a aceitar o próprio socorro dos pais e dos amigos da Espiritualidade, é mais do que natural, e dia virá em que o aludido companheiro, ao sentir indícios de arrependimento, será imediatamente amparado e conduzido a uma sessão de Enfermagem Espiritual de um Centro Espírita bem assistido pelos Benfeitores da

Vida Maior, onde, depois de se comunicar psicofonicamente através de um abnegado médium, e atendido com maternal dedicação por um dos esclarecedores da casa, sob a assistência paternal dos Espíritos ligados à Vida Superior que supervisionam os trabalhos, demandará a Colônia Espiritual mais próxima, a fim de que, mais pacificado, receba o tratamento médico adequado para, posteriormente, participar dos diversos cursos nas escolas especializadas para atendimento aos egressos das regiões denominadas umbralinas pelo Espírito de André Luiz, em *Nosso Lar*, recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 1943.

Agradecendo à prezadíssima Autora deste livro pela sua coragem ao nos convidar para que desempenhássemos a honrosa tarefa de modesto prefaciador, permitindo-nos tornar um "leitor de primeira mão", rogamos a você que vem percorrendo, pacientemente, estas linhas, escusas pela extensão delas, esperando que, sem perda de tempo, mergulhe, de corpo e alma, nas páginas de *A Missão*, das quais há de sair disposto a continuar estudando as obras de Allan Kardec, as de

André Luiz e as de Emmanuel, psicografadas pelo médium Xavier, seguindo os passos de Jesus, na divulgação da Doutrina Espírita, abençoada sempre, auxiliando os nossos irmãos em Humanidade na preparação para o fenômeno mais do que natural da desencarnação, praticando, em espírito e em verdade, os ensinamentos do Cristo.

Elias Barbosa
Uberaba, MG

AUGUSTO E PEDRO

A corrida era cansativa, o local ermo e inóspito. Tenebroso mesmo. As trilhas, mal delineadas, cheias de pedras e plantas espinhosas. Em alguns locais, árvores ressequidas estendiam os contorcidos braços para cima e grandes rochas negras interrompiam a caminhada. Então, era necessário contorná-las e, muitas vezes, escalá-las perigosamente, usando apenas as mãos e os pés, ferindo as unhas, para continuar novamente o trajeto do outro lado. Sempre em direção nenhuma, para lugar nenhum.

Neblina baixa e espessa, frio intenso, nem pensar em sol. Será que ali algum dia existira sol e calor? De vez em quando, poças de água lamacenta e escura, pegajosa, pesada. Em alguns locais, havia tanta lama que ela podia engolir tranqüilamente um homem. Em outros, o chão rachado e seco parecia querer tragar algum incauto que por ali passasse. Já em outros, era puro pântano para atravessar. A água lodosa atingia a altura dos joelhos e era preciso segurar nos galhos para não

afundar. Por isso, era importante não se afastar da trilha, por piores que fossem as condições dela, por mais terríveis que fossem o pântano ou o espinheiro.

Augusto tentava correr e não conseguia, respirando com dificuldade, tentando chegar, nem mesmo sabendo onde. Havia dias que percorria aquele caminho, não por opção, mas porque era o único. Nem queria pensar em se desviar, pois aí é que se perderia de vez naquela imensidão de pedreiras, entremeadas por extensões de areia, de pedras, de cascalho, de espinhos, de barro e lama. Por onde andava, pelo menos estava bem claro: era um caminho – reconhecível pelas marcas deixadas pelos caminhantes que haviam passado antes dele, tão desesperados quanto ele: roupas rasgadas, sinais com panos nos galhos, como que marcando passagem e, nos locais castigados pela seca, havia marcas de pés gravadas no chão árido. Como toda estrada, possivelmente levaria a algum lugar. No entanto, assustado, faminto, cansado, com frio e com sede, estranhava não ouvir nem um ruído, nenhum sinal de vida. Parecia que, naquele silêncio

absoluto e inquietante, o relógio do tempo havia parado há muito.

Chegou a um local mais espaçoso, limpou com a manga rasgada o suor gelado do rosto e sentou-se em uma pedra para pensar, colocar as idéias no lugar, tentar equilibrar a mente cansada. A única coisa de que se lembrava, assim mesmo vagamente, é que, ao acordar do desmaio, se vira andando. Que coisa estranha! Não conseguia se recordar do que ocorrera entre o desmaio, nítido em sua mente, e a hora em que sentira que andava. Mas o momento da perda dos sentidos estava claro em sua lembrança: atravessava a rua com Esther, quando caíra. Depois, o vazio: nem Esther, nem rua, nem nada! Apenas aquele caminho feio e infinito e o cansaço extremo.

Pensou em seqüestro. Claro! Recebera algum golpe e perdera os sentidos. Fora então levado e abandonado em local desconhecido. Só poderia ser isto! Mas, uma dúvida: por que alguém iria seqüestrá-lo? Ele não era rico, não tinha nada para dar em troca da própria vida... Que confusão!... E quanto a Esther,

onde estaria? Se tivesse sido o tal seqüestro, ela estaria nas mãos dos bandidos ou teria conseguido fugir? Deus! Cruel dúvida!

Resignou-se: a única solução era andar. Procurar um sinal de vida, alguém, pelo menos um som! Irritante aquele silêncio! Ou ele teria ficado surdo? Outra dúvida, Deus do céu! Mas, se seguisse a trilha principal, mais larga um pouco que as outras, certamente chegaria a uma estrada, uma fazenda, um sítio, um posto policial, um local qualquer, onde pediria socorro e se informaria.

Ficou de pé, colocando as mãos nos bolsos da calça. Outra surpresa! Onde o dinheiro, os documentos, os óculos, o revólver carregado que sempre trazia consigo? Olhou as mangas outrora compridas da camisa francesa, de seda. Rasgadas, sujas de lama e sangue. Foi quando notou que a testa doía intensamente. Compreendeu que, ao enxugar o suor, espalhara sangue pelo rosto e pela manga. Estava ferido na cabeça. Bandidos! Se não tivesse sido seqüestro, o que era improvável, um

assalto poderia ter acontecido. Agora entendia: pancadas na cabeça criam amnésia temporária. Era isso! Por isso não se lembrava de nada, ficara um lapso em seus pensamentos, criando a dificuldade de coordenar as idéias. Mas, não podia se desesperar, senão as coisas piorariam. Pelo jeito, a memória estava voltando, pois já conseguia recordar nitidamente a hora em que caíra no meio da rua.

O frio cortava a pele. Não sabia dia nem hora. Uma sensação de flutuar no vácuo, de medo mesclado à incapacidade de reagir – contra quem ou contra quê? – tomou conta dele. Criou coragem. Respirou fundo e sentiu uma dor aguda no peito. Recomeçou a andar, tropeçando, pois o caminho estava pior, com pedras e galhos secos espalhados pelo chão, estalando a qualquer toque.

Olhou para cima para se orientar e constatou que não havia céu. A névoa espessa cobria e envolvia tudo, inclusive ele. Parecia grudar em sua pele, entrar pelos seus poros, fazer parte dele. Nem mesmo dava para enxergar um palmo

adiante. Puxa! Tiveram o cuidado de deixá-lo bem longe de casa!

Gritou com sua voz forte, perguntando se havia alguém por perto. Nada respondeu e ele notou que nem eco sua voz tinha.

Apanhou do chão um galho seco, grosso e cheio de espinhos. Escolheu o maior. Poderia precisar de uma arma. Tentou olhar as horas, mas – surpresa! – haviam roubado seu relógio também. Ficou bravo de verdade. Afinal, seu Rolex fora de seu pai. E ele gostava muito deles, do pai e do relógio. Foi quando sentiu algo passando muito perto, se arrastando. Parou, apertou mais o galho nas mãos, cujos dedos sangraram com os espinhos. Nem notou, de tão tenso. Olhou em volta, devagar. Nada. Pensou que havia imaginado aquilo, era fruto do medo. Tinha que se controlar, pois não havia ninguém e o pânico só podia trazer mais complicação e alucinações. E complicação ele já tinha o bastante.

Esbarrando e tropeçando, tentando andar mais rápido, soltando improperios e nada enxergando nem ouvindo, sangrando

na testa e nas mãos, empunhando a estranha arma, continuou seguindo a inusitada trilha, como um louco perdido no meio do nada.

A névoa cada vez mais espessa e a falta de noção de tempo e hora estavam deixando Augusto cada vez mais perturbado, cansado, desesperado. Não havia horizonte, enxergar era difícil, voltar atrás impossível, ouvir ele não ouvia nada. E nem sequer sabia se estava surdo ou se o lugar era fantasmagórico e não tinha som. Gritar, já havia tentado e só conseguira o pânico de sentir algo rastejando por perto. Desesperava-se cada vez mais. Sabia que estava machucado, mas não o quanto, se era grave ou superficial. Temia desmaiar novamente e morrer abandonado naquele inferno terrível. Para completar, o sangue escorria abundantemente da testa. Curiosamente, não coagulava, corria tranqüilo, marcando veios em seu rosto, em seu peito. Deus! Aquilo era o pior! Se perdesse muito sangue, não sobreviveria! E se ali vivessem bichos ferozes? Eles poderiam devorá-lo, atraídos pelo cheiro de seu sangue! Mas, que nada! Como

pensar que algo poderia viver ali, naquele local que só lembrava morte? Sempre tem um abutre nesses locais, pensou... O medo, gerado e alimentado pelo desespero, criava em sua mente situações impossíveis e aterradoras. Augusto brandia o pau, que trazia na mão esquerda, como se fosse uma espada. Com o braço direito estendido, tateava a frente. E tentava correr, sem conseguir, tropeçando, caindo, levantando, gemendo, reclamando, praquejando.

Ele era um homem treinado para situações difíceis, um militar altamente graduado e medalhado por bravura e bons serviços e, no entanto, contrariando o que aprendera durante a vida toda, sabia que estava perdendo totalmente o controle. Suava frio e o suor misturava-se ao sangue, raleando-o. A camisa já estava empapada. O que perturbava mais era a sensação de que tudo estava parado, sem sons nem movimento, o nada em direção ao nada. Nunca sentira um silêncio tão grande, não ouvia nada, nem mesmo os próprios passos. E, pior ainda, perdera a noção de há quanto tempo vagava sem rumo. Não tinha também a menor idéia de

porque estava ali, como chegara ou mesmo como sairia. Quanto mais força fazia para se recordar, menos conseguia, mais se desesperava, mais se descontrolava. A cabeça rodou, os olhos reviraram e ele caiu, braços e pernas abertos, estatelando-se de costas no chão, em completo silêncio, ganhando mais um ferimento na nuca ao bater com ela numa pedra pontiaguda.

Quando acordou – nem tentou imaginar quanto tempo depois – a névoa havia se dissipado um pouco, o suficiente para que levasse um tremendo susto.

Em pé, observando-o com ar idiota, um homem imenso, alto e magro, cabelos pretos emaranhados, lisos e cortados retos, alguns fios compridos grudados na testa empapada de suor e sangue, olhos esbugalhados, machucado e assustado como ele, olhava-o fixamente, aparentando estar na mesma situação. Usava terno, se é que aquele monte de molambos sujos e sangrentos podia lembrar um terno.

Instintivamente, procurou o pau com uma das mãos. Mas sentiu a inutilidade do

gesto, pois o estranho nem se moveu. Nem mesmo tentou ajudá-lo a se levantar quando, com dificuldade e gemidos, ergueu-se. Nem falar ele falou. Continuou ali, olhando-o. Por um bom tempo, os dois continuaram se observando de maneira vaga, cada qual mais perdido no tempo e no espaço e, principalmente, dentro dos próprios pensamentos desordenados.

Augusto animou-se a falar primeiro:

— Olá! Quem é você? Meu nome é Augusto e o seu? Não tente me perguntar onde estamos, pois vejo que você não sabe e muito menos eu. A propósito, só por perguntar e já sabendo de antemão a resposta: sabe onde estamos?

O outro respondeu sem se mover, os olhos parados, como se fosse um robô:

— Pedro... Não sei como cheguei aqui. Parece que estou vivendo um pesadelo... Sabe me dizer onde estamos? — devolveu a pergunta, abobalhado, olhando em volta, sem nada ver.

Augusto não se conteve e, como um louco, desatou a gargalhar nervosamente. No entanto, seu riso não tinha som nem eco e tornava ainda mais terrível a

situação. Grande coisa lhe acontecera! – pensou. Alguém tão perdido como ele, machucado, assustado e cansado que nem ele.

Pedro continuava olhando para o outro, com olhos inexpressivos e doloridos. Tentou explicar-se, com voz pausada, baixa e assustada, muito lentamente:

— Eu acabava de estacionar o carro em frente à minha casa... Só me lembro de uma dor forte nas costas, como uma punhalada ou um tiro, sei lá... Devo ter desmaiado e caído. Depois, não sei. Acordei aqui. Ou melhor, por aqui, vagando. Não sei dizer se ando há dias ou há horas. Não vejo nada, não ouço nada, estou cansado e, pela primeira vez na minha vida, estou com medo. Penso que roubaram meu relógio, documentos, carteira, pois não consigo encontrá-los... Minhas costas doem terrivelmente e só estamos juntos porque tropecei em você.

— Nossa situação é mais ou menos a mesma. Acredito que fomos vítimas de bandidos, que nos doparam e nos abandonaram no mato. Ou talvez tenham

pensado que estávamos mortos e nos largaram na estrada. Cheguei a pensar que, no meu caso, fossem seqüestradores. Mas, por que? Não sou rico... Já quanto a você... É rico? Se não for, devem ter sido ladrões de carros. É isto mesmo! De toda maneira, este deve ser um local de desova. Pensaram que estávamos mortos e nos jogaram aqui. Pode crer em mim: esta neblina intensa deve estar escondendo muitos cadáveres, vítimas dos criminosos que pululam pela cidade, garanto. Quando chegarmos em local seguro, vou mandar vasculhar aqui, drenar onde houver pântano, e teremos muitas surpresas. Pegaremos os bandidos também. Os que me atacaram e os que atacaram você. Ah, isto eu garanto!

De repente, Augusto sentia que suas idéias estavam se concatenando e pensava melhor. Aprumara-se, já não sentia tanto frio nem tanta dor. Curiosamente, o sangue não escorria mais pelo seu rosto: coagulara-se. Refez-se do medo. Respirou fundo. O instinto dizia-lhe que, para sair dali, tinha que reagir. A presença do outro lhe fizera bem, encorajara-o. Afinal, Pedro não era um

pesadelo ou um fantasma. Era real. E, se algo real acontecera, havia chance de ser superada aquela situação difícil e complicada. E ele, Augusto, tinha preparo suficiente para encarar fosse o que fosse, lidar com qualquer situação. Era a sua profissão a vida toda, fora treinado para superar situações difíceis, perigosas. Começava a se controlar, tentava se orientar.

E era justamente aí que começava o primeiro problema: sentia que, pelo menos por enquanto, não podia contar com o outro. Teria que ajudá-lo e resolver tudo sozinho. Com olhar firme encarou Pedro, que continuava com os olhos fixos, perdidos e desesperados. Só faltava cair em prantos o pobre homem! Augusto sacudiu-o pelos ombros.

— Acorde Pedro! Vamos conversar, nos organizar. Caso contrário, morreremos aqui. Aliás, pela nossa aparência física, falta muito pouco... Diga-me: qual é a sua profissão?

— Sou empresário. Trabalho com armas e defesa.

— Armas contrabandeadas, posso supor?

— Não pode supor não! Dirijo uma empresa de consultoria de segurança. Tenho clientes em todos os setores: grandes empresas, pessoas famosas, políticos, etc. Somos quatro sócios. Sob nossas ordens há laboratórios e pesquisadores, bons e experientes profissionais. Os estudos, planos e estratégias são muito seguros e precisos. Incentivamos a segurança em todos os níveis, em todos os locais, e treinamos pessoal para usar técnicas inéditas, de altíssimo nível. Nossos homens, após cursos, estudos, estágios no exterior e provas práticas, ficam altamente especializados, não perdem o controle nunca e realmente são benéficos para a população. Meu trabalho é mais ou menos isso. Se tiver mais coisa, esqueci.

Pedro sentou-se, esparramando-se no chão, cansado do esforço de falar e pensar. Segurou a cabeça com as mãos, tentou ajeitar os cabelos lisos e rebeldes e completou desolado:

— No entanto, veja você: agora estou só, desarmado, inseguro e desarvorado. Não sei que lugar é este, minhas costas continuam doendo, minha cabeça roda, tenho dificuldades de orientação e concentração, não consigo pensar direito e não tenho notícias de minha família. Nem mesmo sei o que aconteceu comigo, se foi um assalto, um acidente, ou qualquer outra coisa. O que estará acontecendo com minha família? Não sei... Onde estou? Há quanto tempo? Quem é você? Devo mesmo acreditar que se chama Augusto? E que importaria numa situação assim? E sou um expert em segurança...

— Segurança por segurança, empatamos. Já disse quem sou. Chamo-me Augusto e sou militar. Vamos sair dessa. Coragem! E siga-me.

Milagrosamente, Augusto sentia que havia se recuperado. Tinha esperanças de sair dali. Nada mudara na paisagem e na situação. Mas tudo mudara dentro dele, que, mesmo sem ver nada, começou a andar com passo firme.

Maquinalmente, o outro se levantou e o seguiu de perto, os dois andando

devagar e cautelosamente, evitando cair em algum buraco dos muitos existentes – que apareciam repentinamente – tentando enxergar à frente, como duas sombras movendo-se no meio da bruma desconhecida. Nenhum dos dois saberia dizer ao certo e com segurança de onde vinham e para onde iam. No entanto, faziam a única coisa que podiam fazer naquele momento cruciante: andavam.

A dificuldade de concentrar os pensamentos era tanta, que eles nem tentavam pensar em algo, nem sequer olhavam para os lados e nem mesmo achavam necessário gravar na mente o quanto andavam. Ou mesmo marcar os locais por onde passavam. Para que? Se por acaso voltassem atrás, não iriam mesmo achar onde já haviam passado... A neblina continuava forte, o frio intenso, pairava no ar a dúvida se estavam andando em círculo. Mas nenhum deles ousava levantar o problema. Apenas caminhavam, um atrás do outro.

Isto, até ouvirem os ruídos, únicos no meio do silêncio do abismo. Diferentes, surdos, graves, impossíveis de serem

classificados como humanos ou de máquinas. Nenhuma identificação possível para eles. Sobre-humanos? Subumanos? Mas quebravam o silêncio terrível. E sons são sinais. Sinais de vida por perto.

Esquecidos do cansaço, das dores e do medo, os dois começaram a correr, tropeçando, escorregando e caindo, em direção aos sons.

DANILO

O médico dissera que seria uma operação banal, mas ele bem sabia que a verdade era outra. Simplesmente porque não existem operações corriqueiras. Afinal, não pode ser simples abrir uma pessoa, mexer nos órgãos dela, costurar, colocar remédios e muitas coisas mais! Cirurgiões são interessantes: cortam o sujeito todo, emendam, tiram e acrescentam pedaços, fazem transplantes, costuram e, depois, na maior ingenuidade do mundo, dizem sorrindo que não foi nada!

No caso dele, era apenas uma válvula que não estava bem, mas o coração não sofrera ainda com isso. Trocá-la era coisa simples, de rotina, e tudo voltaria rapidamente ao normal. No mais, ele poderia ficar tranquilo: o mundo estava cheio de gente que portava válvulas artificiais. Havia até casos mais complicados, que envolviam válvulas e grandes quantidades de pontes de safena, em pessoas idosas e com risco de vida. Que sobreviviam. O dele – jovem e forte –

era dos mais comuns. Isto tudo ele ouvira, tentando desesperadamente acreditar, sentindo um friozinho no estômago.

Pensara seriamente que morreria, na hora de se decidir diante do impasse que vivera diante das palavras do médico: “Se não fizer a cirurgia urgentemente, pode morrer. E será uma morte inútil e inglória, pois seu caso tem solução”. E ele completara em pensamento: “se fizer, pode morrer também! Tipo se ficar o bicho come, se correr o bicho pega...”.

A seguir, a conversa séria com seu pai e Cláudio, o grande amigo de ambos. O que fazer? E se morresse? Os filhos, como ficariam? Foi tranqüilizado de todas as maneiras. O pai disse que nem pensava numa coisa dessas, mas, se acontecesse, os netos e a mãe deles jamais ficariam abandonados, era evidente. Ele estava ali e os avós maternos também. Mas que era inconcebível se pensar numa coisa impossível de acontecer a um moço forte. Um absurdo ficar falando em morte quando se está tentando melhorar a vida! Cláudio não mentiria nem o outro médico. Era simples a operação, ele tinha certeza.

Cláudio reforçou o que o pai havia dito, sobre a simplicidade da cirurgia, os bons resultados previsíveis, a saúde dele, ainda muito jovem, as vantagens de ter um coração funcionando perfeitamente, necessitando apenas uma correção.

Depois, o hospital com seus corredores, quartos e lençóis brancos, os médicos e enfermeiros delicados e prestativos, as paparicações da família, o apoio dos amigos, a presença constante de Cláudio, os preparativos para a cirurgia denominada simples, o sono sem sonhos da anestesia. Nenhuma dor ou desconforto na hora.

Agora, o resultado, alguns dias depois: na cama, ainda no hospital, todo dolorido, peito aberto e costurado, sentindo como se tivesse sido atropelado por uma jamanta! Felizmente não morrera, o que já era alguma coisa.

Havia alguma compensação, além da maravilha de ainda estar vivo: o hospital era realmente ótimo, calmo, bonito, os médicos atenciosos e cuidadosos, os enfermeiros prestimosos. Uma única coisa o aborrecia: por que Cláudio, cirurgião e

amigo de infância de seu pai, querido por toda a família, resolvera viajar logo após a operação? E, ainda por cima, sem se despedir dele, sem esperar que ele acordasse da anestesia? Não seria uma falta de consideração? É verdade que o motivo apresentado em apressado recado era grave – doença séria em família – mas sentia-se ainda magoado e abandonado pelo companheiro numa hora difícil. O cirurgião assistente de Cláudio, Dr. Alberto, era excelente, estava atendendo-o muito bem. Alberto também afirmara que Cláudio ficara muito preocupado, mas não podia deixar de atender ao chamado do irmão gravemente enfermo.

Ele e Alberto estavam ficando amigos, conversavam muito, tinham interesses comuns, passavam horas juntos. Preocupara-se com o fato de estar incomodando muito, mas o amigo informou que fora responsabilizado pela recuperação dele e tinha que estar a postos sempre. Ele achou interessante aquilo. Disse que nunca tinha visto um hospital onde o médico tinha que acompanhar o doente constantemente, assumindo a recuperação dele. Soube

então que ali onde estava o regulamento era diferente e a experiência estava valendo, pois obtinham total recuperação dos doentes. Fantástico! Aquilo era uma promessa formal e real de cura, afastando totalmente a idéia de morte! Aquela clínica deveria estar fazendo uma verdadeira revolução na Medicina, pois dava garantia de cura! Como não soubera disso antes? Que benção! Que beleza! – pensou o doente aliviado.

O fato de estar sozinho no CTI era normal, pois as cirurgias cardíacas demandam muito cuidado para o doente não adquirir uma infecção hospitalar e seu estado de saúde se complicar. Tivera até muita sorte, pois, como o CTI estava lotado, foi improvisado um quarto para ele, esterilizado, onde só podiam entrar as pessoas autorizadas. A família o acompanhava ao lado de fora e só poderia entrar quando ele estivesse realmente isento do perigo de apresentar qualquer complicação. Constantemente, ele mandava e recebia recados e bilhetes dos entes queridos, graças às enfermeiras Dalva e Jaciara, que se encarregavam disso. Além da conversa encorajadora e

amiga que mantinham com ele, das papinhas deliciosas que serviam, dos remédios nas horas certas e das recomendações de ficar tranqüilo, pois tudo estava correndo como anteriormente previsto e na santa paz de Deus. E o estado de espírito tranqüilo – acrescentavam – provoca uma recuperação super rápida.

Chegou então a uma conclusão: relaxar. Era a única coisa que podia fazer. Quanto mais colaborasse, mais depressa ficaria bom e deixaria o leito. Poderia voltar logo a uma vida normal, a seus afazeres, à sua família. E como gostava da família!

Esticou braços e pernas o mais que pôde, espreguiçando-se. Fechou os olhos. Recebera a recomendação de descansar e não pensar em mais nada. Era isto mesmo que faria, que precisava fazer a muito tempo. Descansar. Não adiantaria nada ficar ali pensando nisto e naquilo, matutando. Havia uma verdade: não poderia levantar-se hoje nem amanhã e a recuperação exigiria cuidados especiais,

talvez até fisioterapia. Portanto, colaborar! O tempo faria o resto.

Depois de tudo resolvido, novamente com saúde, era imperativo mudar de vida, valorizá-la mais. Agora, que quase a perdera, entendia bem isso. E quantos planos para o futuro! A correria de advogado de várias empresas, para lá e para cá, talvez tivesse sido mesmo a responsável pela doença prematura, o cansaço, o stress. Mas, prometia a si mesmo: tudo mudaria, coisas que nunca tiveram tanto valor passariam a ter muito, ao contrário de outras, que seriam relegadas a um segundo plano. E outras tantas seriam simplesmente abandonadas e esquecidas. Revisão de valores já começava a acontecer em sua mente. Quando pudesse, poria em prática tudo aquilo que idealizara, no amadurecimento que a doença provocara.

E os projetos começaram ali mesmo, naquela hora: passaria a trabalhar com o pai, num escritório só de ambos, com menos clientes, mais selecionados. Reservaria tempo para a família, passear com os filhos, procurar ouvi-los com

atenção, estar ao lado de Marília na educação das crianças, participar da vida doméstica, férias sagradas todos juntos e – agora que conhecia o lado da doença e da dor – prometia solenemente a si mesmo ajudar aos que estivessem sofrendo em camas de hospitais. Conversaria com Alberto sobre como poderia colaborar na casa de saúde.

Com um sorriso tranqüilo, olhou através da janela, que ficava bem na frente à sua cama, à altura de seus olhos: havia florezinhas azuis no parapeito. Mais, adiante, o jardim estava bonito, as árvores floridas e coloridas, leve brisa balançando as folhas, a temperatura ótima. Uma enfermeira passava longe, numa alameda, andando rápido.

O som de pássaros cantando chegava a seus ouvidos, como doce melodia. Em algum lugar ali perto de sua janela deveria haver água correndo, pois dava para escutar um doce murmúrio de água mansa.

Fechou novamente os olhos. Um calor gostoso e morno percorreu o seu corpo. Estava em paz. Pensava em paz.

Espalharia paz quando saísse dali. Seria um apóstolo da paz.

E Danilo adormeceu sorrindo.

TAMBORES

Augusto parou de repente, segurando Pedro fortemente pelo braço. Falando baixinho, explicou a necessidade de terem prudência, pois não sabiam o que estava acontecendo. E, num lugar como aquele, qualquer coisa era possível. Portanto, importante se aproximarem devagar, observarem primeiro, escondidos, antes de se manifestarem. Não sabiam quem ou o quê encontrariam, o que os esperava mais adiante. E se fossem marginais? A situação ficaria pior do que já estava.

— Tem jeito de ficar pior? — perguntou um abobalhado Pedro.

— Sempre tem, sempre tem...

Os sons estavam cada vez mais altos, pertinho deles. Tambores ritmados, acompanhados de um canto compassado e triste. Parecia haver várias pessoas.

Agachados, quase se arrastando, os dois tentaram chegar mais perto. Estava mais fácil esconder, pois, sem que eles houvessem notado, o mato ficara alto e cerrado, as pedras enormes. O cenário mudara bastante, sem que eles

percebessem, preocupados como estavam em correr o mais rápido possível em direção à única manifestação de vida no local: aqueles sons estranhos. Ofegantes e curiosos, deitaram-se entre as plantas, de bruços, tentando normalizar a respiração.

E olharam, abrindo com muito cuidado espaço entre os galhos, para não serem notados.

Cerca de uma dúzia de lindas pessoas morenas dançava ritmadamente, num compasso sensual, batendo os pés, perto de um fio d'água, ao som de dois grandes tambores ovais, tocados por homens descalços, com peitos nus e largas faixas vermelhas na cintura. Estavam em círculo e, no meio, aparecia uma comprida toalha vermelha. Em cima dela, grandes potes de barro aparentavam conter farinhas e folhas, muitas folhas. O maior, central, enfeitado com penas negras e compridas hastes de ferro. Bem encostado nele, um buquê de rosas vermelhas, preso por um laço de fita também vermelha. Havia enfeites entre os potes. Estranhos enfeites: espadas, punhais, facas, estiletos, garrafas. E velas, muitas velas

coloridas, presas em gargalos de garrafas que pareciam de champagne. Um homem, com longo cabelo negro e descalço, peito nu e cheio de colares, andava de um lado a outro, espalhando uma fumaça cheirosa em cima dos potes e acendendo as velas com uma espécie de archote.

As roupas de todos eram diferentes, de cores fortes e enfeitadas. As saias das mulheres, longas e cheias de rendas, eram fartas e pareciam bordadas com fios que brilhavam. As pulseiras das mulheres tilintavam e os cabelos longos balançavam ao ritmo da dança.

Não dava para entender em que língua eles cantavam, mas, decididamente, português é que não era. Parecia um dialeto rouco e sincopado.

Em tempos alternados, os bailarinos paravam, curvavam-se, batiam palmas, erguiam-se novamente, abriam os braços para o alto e gritavam uma espécie de saudação. E recomeçavam, cada vez com mais intensidade. Os homens dos tambores suavam, caprichando no toque cada vez mais acelerado.

A música era bonita e triste e, em certas horas, parecia um lamento cada vez mais alto, quase gritado. Os rodopios das mulheres aumentavam gradativamente, as saias subindo e descendo, esvoaçantes.

Num crescendo louco, frenético, começaram a suar e a se contorcer, os colares balançando e volteando no ar, os turbantes desenrolando das cabeças, soltando pontas que também volteavam. Dois homens que haviam se mantido em pé ao lado dos tambores, caíram de joelhos, se contorcendo como cobras e gritando.

O que era aquilo eles não sabiam, mas algo dizia no íntimo dos boquiabertos maltrapilhos que eles não deveriam interferir. Que não seriam bem vindos ou teriam mais problemas caso se manifestassem. Afinal, o rosto do que parecia ser o chefe era sério e dava para notar que não admitiria interrupções. Qualquer atitude em relação a ele teria um preço. E nunca se sabe das coisas desconhecidas.

Depois de muitas danças, cantos e estertores, o estranho grupo se retirou, dançando de marcha à ré, a frente voltada para os potes. De vez em quando paravam, davam dois passos de dança para frente e quatro para trás e assim iam, sempre dançando, até que sumiram de vista, atrás de grandes rochedos. O silêncio reinou novamente.

Os dois estupefatos observadores ficaram escondidos mais um pouco, com medo de que alguém voltasse. Falando baixinho, combinaram que tentariam chegar mais perto, para verem melhor o que era aquilo que haviam deixado armado em cima da toalha vermelha, o que havia nos potes.

Passado um tempo, começaram a se arrastar cuidadosamente para frente, sempre protegidos pela mataria densa. Mas, antes que Augusto e Pedro se aproximassem dos potes de barro, ouviu-se um barulho forte como um galope, um estrondo, e imenso grupo cercou o local.

Os dois observadores pensaram estar sonhando e passaram as mãos nos olhos, escondendo-se o mais rápido possível. Era

a mais bizarra cena que já haviam visto. Homenzarrões e anões, mulheres bonitas e feias, muitos com mutilações, roupas coloridas e capas longas, botas imensas nos pés de alguns, chapéus e capas extravagantes, avançaram todos ao mesmo tempo sobre os potes, que, pelo visto, pareciam conter comida. Uns gritavam e empurravam os outros. Saíram tapas e disputa a murros. Os potes se esvaziaram em pouco tempo e a turba saiu com o mesmo alarido, as mesmas brigas e sopapos, os mesmos gritos.

— Decididamente não é este o lugar onde devemos descansar um pouco. Viu que coisa mais esquisita? — falou Pedro, esticando as pernas e assentando-se no chão.

— Agora é que me atrapalhei todo e não sei mesmo onde estamos... Parece outro país, outros costumes... As roupas, a língua... Não sei não... Mas acho, ou melhor, tenho certeza de que não devemos seguir o mesmo caminho que eles. Temos que continuar procurando, nem sei mesmo o quê. Estou

impressionado. Não estou me sentindo bem. E você?

— Se quer mesmo saber, estou péssimo.

Levantar, andar, quase correr na direção oposta foi coisa de minutos. O que não impediu que, logo, logo, esbarrassem nos limites da cidade. Cidade?! Não dava bem para entender, muito menos explicar. Era uma única e longa rua, poeirenta e deserta, cercada de casas tortas empoleiradas umas nas outras, sobrados sombrios que desafiavam a lei da gravidade. Tudo velho, caindo aos pedaços, antigo, cheio de pó e mofo, sem cor nem vida. Parecia um lugar fantasma, um cenário desabado e abandonado de filme de horror.

Cautelosos, começaram a atravessar, andando no meio da rua, olhando para todos os lados, em guarda.

De uma casa irrompeu um grupo na maior algazarra, uns empurrando os outros, todos vestindo roupas diferentes e coloridas, capas longas, parecendo atores mal comportados em direção ao palco para representar uma peça macabra. Os

dois encostaram as costas um no outro, protegendo-se, prontos para a briga que, acreditavam, fatalmente viria. Mas – surpresa! – ninguém lhes deu a mínima atenção. Nem sequer um olhar. E olha que passaram raspando na dupla assustada.

Recomeçaram a andar. Uma força vinda não se sabe de onde, impelia-os, olhares firmes para frente, a não parar em hipótese alguma, andar sempre no mesmo ritmo, seguir adiante, atravessando assim a cidadezinha, encontrando outros grupos bizarros, uns barulhentos, outros não, chegando novamente a campo aberto e, a seguir, mata adentro, com a maior rapidez possível.

Felizmente, embora o mato fosse denso e sombrio, não havia mais neblina nem lama. Ao contrário, agora era pó que não acabava mais. Muita cinza espalhada pelo chão, dando a tudo e a todos um colorido igual. As plantas eram as mais inimagináveis possíveis. Muito feias, pareciam artificiais, paradas, sem vida. Tinham galhos grossos e retorcidos, folhas secas que estalavam ao toque, cores escuras, espinhos longos e pontiagudos.

Havia muito cactus seco, morto. Cicuta queimada espalhava-se entre as raízes imensas e mortas de grandes árvores, parecendo sobreviventes macabras de um grande incêndio na floresta. O chão, rachado e seco, apresentava, em certos locais, fendas tão grandes e fundas que um homem poderia muito bem se esconder dentro delas. De vez em quando, caveiras descarnadas de animais desconhecidos. Augusto aproximou-se de uma, para tentar reconhecê-la, mas, a um simples toque seu, ela transformou-se em pó. Um pó fino e negro que escorreu para longe de suas mãos como se tivesse sido soprado por algum desconhecido.

Julgando-se mais protegidos, os dois sentaram-se no chão para descansar, tentar compreender e, se possível, se refazerem dos sustos das últimas horas. Pedro começou a chorar copiosamente, como uma criança indefesa e abandonada. Augusto observava mudo, mas compreendendo o desespero do outro. Estavam começando a sentir-se loucos ou então participantes de um pesadelo interminável e cada vez mais terrível.

Toda a sensação de segurança havia abandonado a dupla. Augusto não mais pensava que resolveria tudo o que aparecesse pela frente. Se não sabiam o mais elementar – onde estavam, em que país estavam e porque estavam ali – não havia condições de armar qualquer plano de fuga. Fugir de quê, de onde e para onde? Andar indefinidamente, até encontrar algo mais plausível era a única e terrível alternativa, pois cada vez encontravam coisas menos compreensíveis.

Augusto levantou-se com dificuldade e recomeçou a caminhada em silêncio, num passo cansado, Pedro seguindo-o de perto, para estacarem novamente bem adiante, frente a um novo obstáculo, desta vez com aparência de intransponível. Imenso paredão rochoso, lodoso e liso, não mostrava frestas ou condições de subida. Nem mesmo parecia ter fim, indicando que o caminho terminava ali. Do nada haviam chegado ao nada.

A vegetação tornara-se oleosa e rasteira, não havia neblina nem pó, mas

não havia também nem sol nem lua, dando a impressão de um vazio total, sem identidade. Lembrava um fim de tarde depois de uma tempestade violenta. Só que uma tempestade de óleo negro. Pois era óleo negro e pegajoso que cobria tudo.

Não dava mesmo para enxergar o final do paredão e as pedras sumiam ao longe, se perdendo da vista. Augusto pensou – e nem ousou comentar com Pedro – que aquele local era totalmente inexplicável, pois mudava constantemente de paisagem, sendo cada vez para um visual pior do que o anterior.

Estavam encurralados, abobados, cansados, sem condições de pensar numa solução, numa saída, parados, olhando para a imensidão das pedras.

Foi quando um relâmpago cortou o ar anunciando chuva grossa. Parecia que, desta vez, cairia água mesmo. Um trovão ribombou altíssimo, fazendo o chão tremer. Só faltava um terremoto, pensou Augusto. Mas foi uma tempestade que desabou violenta. E era água. Mas uma água pesada, salgada, suja.

Encolhidos num pequeno vão das rochas, os dois começaram a chorar.

A EXPEDIÇÃO

Foram muitas as providências tomadas no dia anterior e havia mais a fazer, agora em relação às emoções. Principalmente manter a mente clara e livre de receios, em sintonia com a base. Qualquer vacilo de um dos membros abriria brechas no campo vibracional do grupo e as conseqüências seriam imprevisíveis. Por isso, não era qualquer um que podia se candidatar a voluntário para as incursões nas furnas. As provas eram difíceis e o autocontrole testado ao máximo até que o aspirante recebesse autorização para participar da primeira viagem-teste. Caso se saísse bem, seria então considerado apto.

Os membros da expedição já estavam recrutados e se organizando. Antes da saída, algumas coisas tinham que ser feitas pessoalmente por Francisco e Clara, como a verificação do estado mental de todos. Isto era feito através de um cristal hexagonal cor de rosa, incrustado num bloco de mármore alvo. Era necessário que o paciente colocasse as

duas mãos abertas em cima do cristal, fechasse os olhos e liberasse os pensamentos. Caso a pedra se mantivesse na mesma cor, tudo bem. Se escurecesse, era sinal de problemas. Este aparelho de verificação ficava no gabinete de Francisco, onde todos deveriam passar antes de se dirigirem ao local de partida. Francisco verificava um a um e depois saía com eles.

Os ajudantes já haviam testado as mentes e começavam a preparar as redes magnéticas, lanternas possantes, pistolas paralisantes, padiolas dobráveis com controle de peso e todo o material necessário para socorro. Tudo estava sendo colocado em grandes mochilas com sustentação aérea, para que não pesassem muito nas costas de quem as carregava.

Enquanto Clara observava o mapa do roteiro e conversava com os experientes batedores, Francisco perdia-se em divagações, assentando em cima de um rolo de cordas, cofiando as barbas brancas.

Era importante pensar em tudo, para que o resultado fosse um sucesso e estivessem de volta o mais rápido possível. Desceriam em profundidades inóspitas e a reação sobre seus organismos se faria notar em poucas horas, consequência do ar pesado, das emanções vulcânicas e outros problemas de regiões onde predominam grutas e abismos. Teriam pouco tempo para o resgate, pois ficariam cansados muito depressa e, quando isso acontecesse, a volta se faria imperiosa. Todos os passos deveriam ser cronometrados, as faltas e imprevistos contornados com sabedoria e presteza.

Francisco já não se assustava mais e nem temia as surpresas de tais caminhadas em regiões praticamente desconhecidas. Esta não era a primeira e nem seria a última vez que desceria, procurando salvar pessoas. Há anos fazia isto! No entanto, cada uma era uma experiência nova e aconteciam fatos inesperados. Lembrava-se de um grupo de senhores idosos encontrado quando procuravam uma moça. Nem sequer vira a moça. De outra, chegara a incorporar à

sua uma outra expedição que precisava de ajuda, visto ter acontecido com eles um acidente inesperado: um dos membros, menos experiente, deixara-se impressionar pelo ambiente, desequilibrando a mente e atrapalhando os outros. Já acontecera também de ele próprio precisar de auxílio, quando, ao descer sozinho em região muito escura e profunda, ficou preso lá, precisando usar toda sua força telepática para se comunicar com a central de operações. Mas, felizmente, em todas as vezes obteve resultados positivos, coroados de sucesso.

Hoje, desceriam junto com ele e Clara os experientes Felipe, Daniel e Vera, além de quatro enfermeiros acostumados a todos os tipos de resgate. Os batedores tinham profundos conhecimentos da região, pois outrora haviam vivido nela. Em duas reuniões preparatórias, o programa fora exposto nos mínimos detalhes e todos tiveram oportunidade de esclarecer as dúvidas. Agora, era a vez da ação.

Vera aproximou-se, avisando que estavam prontos. Ainda não amanhecera, era a melhor hora para saírem. Ele enlaçou a moça tão querida pelos ombros e, abraçados, foram ao encontro do resto do pessoal que, pronto, aguardava a ordem de partida. Teriam que carregar todo o equipamento, pois a região que visitariam não comportava os carrinhos magnéticos. Portanto, todos portavam as grandes mochilas que haviam preparado, bem presas às costas.

Atravessaram o grande jardim, passaram pelo portão isolante e pela passagem imantada e se embrenharam na mata que, curiosamente, na medida em que se afastavam do ponto de partida, ia ficando mais densa e menos bela. Sempre em silêncio, em ordem, com passos cadenciados, sem olhar para os lados, sem parar ou falar.

Em poucos minutos, uma escura pedreira coberta de musgos mostrou que estavam chegando ao local da descida. Dava para ver de longe o imenso buraco, que mais parecia uma boca aberta, pronta a engolir quem entrasse nela. Era a

entrada. Andaram mais rápido e passaram a uns cinco metros do local, conservando as posições. Francisco olhou para trás conferindo a ordem e, parecendo satisfeito, fez um sinal levantando a mão direita.

Silenciosos e em fila indiana, Francisco e Clara à frente – logo atrás os batedores Felipe e Vera – Daniel atrás de todos, dando cobertura à retaguarda, entraram na caverna, um pequeno grupo iluminado pela luz das lanternas e pela brancura imaculada das roupas, que brilhavam no escuro, espalhando uma aura fluorescente em torno de cada um.

Apesar das pedras pontiagudas e dos morcegos que voavam baixo e assustados, ninguém falou, parou ou mudou o ritmo dos passos. Avançavam com a segurança de quem conhecia o caminho, muitas vezes antes percorrido. Para eles, não havia perigo. Mentos vibrando juntas e em paz, rostos tranqüilos, olhar firme, passo seguro, descendo sempre, embrenhando-se em longos corredores de pedra, rampas em caracol, quase verticais, em direção ao fundo.

No fim da descida, grandes galerias apareceram à frente, mostrando muitas entradas e poucas saídas. Ouviam-se estranhos ruídos, estalos intermitentes e dava para notar que um rio corria em cima, pelo barulho da água batendo violentamente nas margens.

Escolheram a mais estreita das galerias, um imenso corredor apertado e escuro, com gotas de água quente pingando do teto que, ao baterem no chão, formavam estalagmites com uma rapidez inimaginável. De vez em quando tinham de se curvar para conseguir passar.

Foi aí, quando a passagem se tornou quase impossível, que o ar começou a pesar e um cheiro forte de enxofre predominou. Algumas pedras, de tão quentes, estavam incandescentes, mostrando a cor vermelha da brasa. O calor, muito forte, começou a dificultar a respiração de alguns deles.

No entanto, todos caminhavam tranquilos, sem o menor susto ou o menor interesse pelo ambiente em volta.

No grande salão que encontraram após as galerias, um lago de águas borbulhantes, muito quentes, apareceu em frente. Atravessaram de pedra em pedra, imersos no vapor que exalava da fervura. Suas roupas protegiam-nos de todas as variações, não se molhavam e ninguém dava sinais de cansaço, susto ou desequilíbrio. Os que estavam com a respiração ofegante, concentraram-se e reequilibraram-na.

Entraram na última galeria, que tinha degraus escavados na rocha como uma escada em caracol, que descia a perder de vista, em direção a um mundo sem fim.

Uma última etapa, outro salão cheio de estalactites e estalagmites e um longo corredor menos sombrio e mais largo apareceu. Aproximava-se a saída do lado de lá.

Demoraram a atravessar pelo interior e só muito tempo depois saíram do outro lado, para enfrentar a garoa fina e fria do exterior. Não havia sol nem claridade, fazia um frio de cortar, só escuridão, piados de aves noturnas e a sensação da

existência de répteis que não os tocavam embora passassem por perto.

À frente, longa trilha de pedras e areia. Se eram vultos humanos ou animais que se esgueiravam, ninguém se preocupava em olhar ou conferir. Todos sabiam exatamente o que faziam, aonde iam e o que fariam. Começavam a sentir ligeiro cansaço, pois o ar ficava cada vez mais pesado, seco e gélido. A sensação de aperto, como se carregassem um pesado fardo, estava com todos. Mas ninguém falava, parava ou fazia qualquer sinal. Apenas andavam, os batedores mantendo uma certa distância de Francisco, que puxava a fila. O mal-estar que sentiam já era previsto, pois acometia a todos os que se aventuravam naquelas regiões.

O local escuro dava idéia de vazio. De vez em quando, pequena cratera se abria no chão e uma língua de fogo varria o ar, lambendo as rochas, gerando sombras imensas dos passantes.

A certa altura, Francisco parou, pois os batedores haviam sinalizado adiante.

— É aqui a primeira parada. Preparem-se.

Colocados os fardos no chão, todos se dispersaram, procurando com lanternas, parecendo saber muito bem o quê e onde procurar. Até que Daniel fez um sinal, mostrando algo. Acorreram, uma padiola foi estendida e um senhor idoso, de longas barbas brancas, desmaiado, foi resgatado de dentro de imenso buraco de onde, em tempos sincopados, chamas ardentes brotavam do interior, como bolas de fogo atiradas ao ar.

Sem uma palavra de susto, medo, pena do homem ou pavor diante de sua situação terrível – queimaduras e bolhas por todo o corpo –, a expedição continuou, desfalcada de dois enfermeiros, que, visto a gravidade do doente, voltaram pelo mesmo caminho, levando-o na padiola, tudo tranqüilamente como se previamente combinado. Seguiram novamente em fila indiana, sempre com Francisco seguido por Clara.

A escuridão já não era tão intensa e as possantes lanternas foram desligadas. A expedição continuava por um caminho mais largo e com mato alto em volta.

Mesmo assim, não seria fácil dizer se era dia ou noite, madrugada ou tarde chuvosa. Uma nuvem cinza impedia a visão do céu e de possíveis estrelas, sol ou lua. O ar parado e viciado, o mato rígido e ressecado, em alguns locais com pouca ou nenhuma folha verde, de um verde morto. Quem ficasse ali perderia fatalmente a noção de tempo. Ou enlouqueceria.

No meio do caminho, um grupo de pessoas estranhas, umas muito altas e outras muito baixas, todas portando roupas multicoloridas e exóticas, apareceu à frente, fechando a passagem. Diante dos olhares firmes dos batedores o confuso grupo abriu-se para dar passagem ao outro, o de branco. Uns riam, outros olhavam sérios e um alto e tremendamente parecido com uma raposa, mais atrevido, perguntou se procuravam alguém. Nenhuma resposta. A branca fila indiana passou calada. Nos lábios de Francisco, um sorriso, o olhar firme e fixo em todos que lhe abriam caminho.

Respiravam arfando, quando pararam no alto de um rochedo. Olharam para baixo, mirando o fundo com as lanternas. Foi Vera, com sua visão de águia, quem viu primeiro: dois homens assustados, feridos e sujos, de cócoras num vão de rocha, tinham as cabeças entre as mãos e pareciam chorar.

Constataram que seria impossível descer para ajudá-los, pois gastariam muita energia. A ordem era não passar do limite pré-determinado pela engenharia de apoio, que traçava as rotas previamente e marcava os possíveis obstáculos que poderiam oferecer maior dificuldade ou risco de perda de recursos mentais. Descer mais do que já haviam descido oferecia perigo. Cada expedição de resgate tinha um limite de profundidade e ninguém o quebrava.

Imediatamente, Felipe começou a desenrolar as redes, que foram atiradas como escadas. Os dois homens teriam que subir. Daniel, de posse de um megafone, gritou que subissem e se segurassem bem.

Os dois, apalermados, olhando para cima, não sabiam se subiam ou se ficavam onde estavam, pois a visibilidade não era boa e a certeza de estarem sendo salvos não ocupava suas mentes.

E foi aí que aconteceu. De todos os lados, apareceram pessoas, como tribos perdidas, maltrapilhas, sujas e animalizadas, vestindo tangas e usando nas cabeças adereços que lembravam cocares, avançando para as redes, brandindo cajados e gritando frases e palavras ininteligíveis.

Augusto só teve tempo de puxar pela camisa o apalermado Pedro, e correr em direção à rede próxima. Os dois começaram a subida, sentindo que mãos lhes puxavam os calcanhares e escorregavam, não conseguindo se segurar neles ou nas improvisadas escadas. Uma pedra voou das mãos de alguém e atingiu Augusto no ombro esquerdo, causando dor e dormência no braço. Mesmo assim, ele segurava firme a rede com uma das mãos e com a outra ajudava Pedro a se sustentar, numa escalada difícil, onde os pés ajudavam as

mãos, pois, para cada avanço, ele tinha que enrolar a perna na corda para se firmar, poder soltar uma das mãos e puxar o companheiro. A subida não estava fácil, o óleo das rochas se transferia às cordas, tornando-as escorregadias, as mãos sangravam, o corpo escorregava, os pés lutavam para se firmar.

Embaixo, uns atacavam os outros, tentando subir também, como que pensando que o vizinho de tentativa era o responsável pela impossibilidade de escalar o escorregadio piso de pedra.

Pedro parecia não estar bem, ensaiando um desmaio. Augusto falava firme com ele, mandando que segurasse, pois, se caísse, era certo que não haveria volta. Poderia ser massacrado pela turba de baixo.

Foi quando uma mão forte e firme, mas tão machucada quanto a de Augusto, ajudou a aparar Pedro pelo outro lado. Era um homem na mesma situação e com a mesma determinação que os dois.

Os três galgavam com dificuldade, Pedro no meio, escorregando e chorando de desespero. O topo ficava cada vez mais

perto e já dava para distinguir os vultos que os estimulavam a subir, subir...

Sentir o final da subida e as mãos firmes dos batedores puxando-os foi o paraíso. Os três, exaustos, caíram no chão, olhando para os tranqüilos salvadores. Francisco providenciava algo numa moringa e os outros amparavam as cabeças dos recém-chegados, dando-lhes a água da bilha, que parecia conter algum remédio, pois o cansaço passou de imediato.

Augusto e o desconhecido puseram-se de pé. Pedro foi colocado numa padiola e dois enfermeiros o acomodaram o melhor que puderam. Parecia desmaiado. Clara cobriu-o com uma manta, mandou que ele descansasse e todos ficassem calmos.

Augusto olhou para baixo, aonde ecos de impropérios iam se esvaindo no ar, voltando a reinar o silêncio. Instintivamente, começou a ajudar a recolher a rede, ajudado pelo outro, de quem nem sequer o nome sabia.

Recolhido o material, Francisco se dirigiu aos recém chegados:

— Não se preocupem, vocês estão bem e a salvo. Terão a explicação de tudo mais tarde. Agora, urge voltar, sair deste local. Vamos, meus filhos.

Nova fila indiana se formou, desta vez com os sobreviventes logo atrás de Francisco. Clara postou-se bem atrás da padiola. Daniel novamente na retaguarda, protegendo os amigos. Receberam ordem de manter silêncio. Perplexos, eles obedeceram. Cada um recebeu uma lanterna e, instintivamente, os dois pediram mochilas para carregar e aliviar os outros.

E, voltando nos próprios passos, a caravana seguiu, entrando de novo na escuridão, acendendo as lanternas, em direção à caverna, onde a subida pelas galerias sombrias seria, com certeza, mais longa e exaustiva que a descida.

O HOSPITAL

Augusto respirou aliviado, depois de passar a noite na caverna, superando obstáculos e fazendo intervalos para descansar. Por duas vezes pararam, com a volta se tornando cada vez mais difícil, já cansados. Quando ficavam exaustos e sem fôlego, Francisco ordenava um círculo, mandava que se dessem as mãos, fechassem os olhos e respirassem fundo. Mantinha-se um bom tempo como que hibernando e, quando recebiam ordem para abrir os olhos, sentiam-se refeitos. Só no final da travessia aconteceu um obstáculo intransponível: o lago de águas quentes encheu a galeria e eles tiveram que aguardar a descida das águas. Durante toda a noite esperaram. De madrugada o líquido fervilhante sumiu como por encanto em alguma fenda das rochas e as pedras apareceram para que eles pudessem passar. Tudo superado, eles conseguiram sair ao ar livre.

A caravana, no mais perfeito silêncio e na maior ordem, entrou em terreno livre, gramado, parecendo aproximar-se

de local habitado. Amanhecia, sol morno e céu azul. Mas, na cabeça do andarilho socorrido a pergunta persistia: onde estavam? Quanto ao terceiro companheiro, que caminhava firme e alegre logo atrás de Clara, ninguém duvidava: estava calado, mas bem e, embora parecesse partilhar os pensamentos com Augusto, aparentava não se incomodar muito com isso. Familiarizara-se com Clara, ajudava-a carregando mochila e equipamentos, para que aquela moça bonita de idade indefinida tivesse mais liberdade de movimentos para abrir a manta e verificar, de vez em quando, como estava Pedro. Ele mesmo cuidava de olhar se o paciente adormecido ainda respirava. Enfim, comportava-se na maior naturalidade, prestando atenção ao redor e refletindo no rosto a impressão que sentia quando as paisagens variavam.

Obedientes às instruções, não faziam perguntas. Apenas caminhavam e ajudavam a carregar os fardos. De vez em quando, Francisco olhava para trás e seu olhar cruzava com os dos recém-chegados. Um sorriso enigmático e

bondoso aparecia mais no olhar que nos lábios do chefe da expedição.

Entraram por uma porta linda, toda coberta de hera e invisível à distância, incrustada numa rocha sem fim. Um grande e movimentado pátio apareceu. Pararam diante de imenso prédio, que parecia ser um hospital localizado em algum bairro de cidade grande, pois, embora cercado de verde e em região rural, ambulâncias e outros carros de marcas estrangeiras – eles nunca tinham visto iguais – entravam e saíam, velozes, de um largo portão lateral. O entra-e-sai de enfermeiros e médicos era intenso, todos vestidos de impecável branco. Outras expedições chegavam e algumas partiam, quase todas a pé.

Aquele era um local amigável. Nem um rosto conhecido. Augusto começou a ficar intrigado. Pedro dormia profundamente na maca. Clara avisou que ia levá-lo para o quarto e que depois poderiam visitá-lo. Seguiu acompanhando o doente, levado por dois novos enfermeiros que vieram buscá-lo. Dispersaram-se todos para seus afazeres.

Francisco chamou Augusto e o outro, pelo nome:

— Augusto e André, venham comigo. Poderão descansar e depois conversaremos. Não temam. Estão em local seguro. Acabaram-se as suas aflições.

— Parece-me um hospital imenso – arriscou Augusto.

— Acertou. É o melhor lugar para o que vocês dois precisam: um grande descanso, nada mais. Felizmente, não estão machucados ou doentes, apenas cansados. E assustados – completou Francisco com um grande sorriso.

— De fato – murmurou André – gostaríamos de saber onde estamos, que lugar é este... Meu Deus! Onde estamos? E nossas famílias? O que fazemos aqui se não estamos doentes? O que está acontecendo conosco? Quem são vocês?

Haviam chegado a uma ala de quartos. Francisco indicou um a cada um e respondeu:

— Tudo na hora certa. Estão exaustos. Por ora, descanso e relaxamento, um bom sono. Depois, uma

longa conversa comigo. Voltarei logo. Descansem bastante, meus filhos.

Já dentro do quarto, Augusto correu para a janela, abrindo-a de par em par. Ficou espantado com o tamanho, a beleza e a calma do que viu. Prédios perdendo-se de vista, todos brancos. Entre eles, jardins, gente de branco andando para todos os lados, ambulâncias, atividade de uma colméia de abelhas diligentes. Teve certeza de que aquilo era um complexo hospitalar maior que todos que já tivera oportunidade de conhecer.

Num dos jardins, logo abaixo de sua janela, pessoas passeavam, em grupos, conversando calmamente. Uns se amparavam em muletas, outros em enfermeiros. Já outros andavam devagar, como se tivessem saído de uma cirurgia e estivessem em plena convalescença. Havia tranqüilidade em todos os rostos e grupinhos se formavam, assentados em bancos ou na grama, à sombra de imensas árvores hospitaleiras.

Logo adiante, um colossal repuxo jorrava água para cima, atirando-a nas alturas, bem alto mesmo, e soltando-a no

ar em cascatas lindas. Pessoas paravam para olhar e molhar as mãos, encantadas.

Havia muitas flores, de todos os tamanhos e cores. Algumas formavam lindas trepadeiras, subindo pelas árvores e se atirando em outras, formando balouçantes alças floridas e multicoloridas.

Este sim era um hospital digno de se ver, de se considerar como tal. Convidava ao repouso, ao relaxamento, à convalescença e à cura completa, pensou o novo internado embevecido.

Duas simpáticas velhinhas, de braços dados, passaram logo abaixo de sua janela e acenaram para ele, sorridentes. Retribuiu sorrindo. Notou que era a primeira vez que sorria. Sentia-se muito bem.

Respirou fundo e mergulhou o olhar na distância. Muito longe, a perder-se de vista, havia silhuetas de mais prédios. Calculou que deveria haver uma cidade, bastante longe do hospital para garantir a tranqüilidade e a qualidade do tratamento dos doentes.

Nunca havia visto uma casa de saúde tão cercada de jardins. Parecia um

bosque, um oásis de paz! Local ideal! Pena que não ficaria ali por muito tempo, pois, a julgar pelo que dissera o chefe da expedição, não estava doente nem muito machucado. Um bom banho, um sono reparador e uma excelente refeição resolveriam o seu problema. Depois, localizar-se, telefonar para casa, contar a sua aventura, saber ao certo o que houve, se Esther estava bem, notícias do cunhado operado. Enfim, voltar ao normal. Não agüentava mais tanta emoção.

Teve medo de ter um choque nervoso, por causa do que havia passado nos dias anteriores. Resolveu: procuraria um psiquiatra, talvez naquele hospital mesmo. Precisava se cuidar e acreditava que, depois de tudo, teria uma crise, não sabia bem de quê. Talvez de stress no último ponto. Afinal, os últimos dias – ou as últimas horas? – tinham sido terríveis e completamente fora dos parâmetros normais de seqüestro, rapto ou coisa que o valha. Jamais esqueceria o local por onde andou, o medo, o desespero, o cansaço e o susto. A falta de norte. E o horror de não saber o que havia acontecido. Que loucura!

Caiu pesadamente sobre a convidativa cama, larga, alva e macia. Antes de tudo, um sono. Estava exausto. De repente, desabava. Sim, talvez fosse o resultado de tantas aventuras inexplicáveis.

Quando acordou, ainda sonolento, não sabia dizer com certeza quanto tempo, dias ou horas dormiu. Mas aquele, sim, era um hospital modelo! Pois não é que estava acordando limpo, arrumado, debaixo das colchas, sentindo-se alimentado e descansado? Incrível! Por certo desmaiara de cansaço, pois nem sentira quando os enfermeiros o arrumaram, lavaram, fizeram a barba – olhe só, a barba também! – e trocaram sua roupa.

Espreguiçou gostosamente e notou que havia um curativo na testa e outro na nuca. Mas não doíam. E, se não doíam, resolveu que esqueceria deles. Estava bom demais para pensar em machucados e curativos. De lá de fora chegava a seus ouvidos o burburinho distante de enfermeiros, médicos, ambulâncias. Sentia mais do que ouvia. Já as conversas

dos doentes no jardim, debaixo de sua janela, eram mais próximas e quase audíveis. Concluiu que seu quarto deveria estar localizado no primeiro andar ou no térreo. Notou que não sentia dor, não sentia fome, não sentia incômodo algum. Sentia paz e um maravilhoso bem-estar. E o perfume das flores chegava às suas narinas como uma onda etérea.

Pensou no vizinho. Como estaria o tal André que o ajudara no último momento, no salvamento de Pedro? E Pedro? Será que se sentia tão bem quanto ele? Onde estaria o chefe da expedição, tão simpático e de sorriso misterioso? Bom sujeito aquele! E – curioso! – quem teria avisado ao hospital que havia três necessitados de socorro? Que loucos eram aqueles que avançaram nas redes? Tribo de índios? Gozado: eles lembravam índios, mas não eram índios, tinha certeza. Já vivera entre os índios durante muito tempo, conhecia-os bem. O quê ou quem eram os estranhos seres de sexo indefinido que tentaram escalar com eles e não conseguiram? Decididamente, tinha muitas perguntas. Mas, antes de tudo, telefonar para Esther era imprescindível.

Assentou-se na cama, pensando que a cabeça ia rodar. Mas ela não rodou. Ao contrário. Uma forte vontade de sair, conversar, olhar pela janela, se localizar, apossou-se de Augusto. Além do mais, as únicas pessoas que conhecia eram Pedro e André. Urgia encontrá-los, saber as impressões deles, se já haviam obtido alguma explicação.

Uma enfermeira entrou, sorridente:

— Querendo levantar-se? Já?!

— Estou me sentindo muito bem. Onde estão meus amigos? E o chefe da expedição? Que lugar é este? Há quanto tempo durmo? Que dia é hoje? Alguém pode me explicar o que está acontecendo comigo?

Ela desatou em gostosa risada e completou:

— Bom dia! Calma! Não é o fim do mundo e não estamos em guerra, posso lhe garantir. Seus amigos estão em quartos exatamente iguais ao seu. Pedro ainda está um pouco tonto, mas ficará bem. Quanto a André, acabei de vê-lo. Ele fez as mesmas perguntas, perguntou por você. Está no quarto ao lado e poderão se

visitar quando quiserem. Francisco, “o chefe da expedição” como você diz, virá vê-lo hoje ainda. E você dormiu uma semana. Mais alguma pergunta?

Ele passou as mãos pela cabeça, desconcertado. Colocou as pernas para fora da cama alta, balançando-as. Alisou os cabelos com as mãos.

— Bom dia. Desculpe-me. Está tudo ótimo aqui, nunca vi local tão bonito e nunca me senti tão bem. Mas, você compreende, não é? Como não estou doente e já me recuperei, preciso me localizar, tomar algumas providências. Já imaginou como deve estar a minha família? Pelo visto, estou sumido há tempos. Não sei quanto vaguei, pois os bandidos me deixaram num local ermo, estranho e desconhecido. Só aqui no hospital, estou a uma semana. Nossa! Devem estar desesperados me procurando. E preciso ver como foi a operação de Danilo. O médico nos disse que o estado dele era muito grave. Quando eu caí, estava justamente atravessando a rua em frente ao hospital. Oh, meu Deus!

— Calma! O mundo não vai acabar. Relaxe! Sua família já foi avisada. Só não puderam vir aqui. Este hospital tem um rígido regulamento e os doentes não podem ter acompanhantes, para que a recuperação seja perfeita, não aconteçam infecções e coisas assim. Todos compreenderam e não vieram visitar você. Mas posso transmitir a eles seus recados e desejos. Como notou, este é um sanatório modelo, com resultados satisfatórios, e, embora você não esteja passando mal, terá que seguir o regimento interno à risca, tudo bem?

Não passou pela cabeça de Augusto perguntar como eles souberam de sua família. Nem se lembrou que foi encontrado sem documentos ou algo que o identificasse; portanto, como poderiam saber de seus familiares?

A moça continuou sorridente:

— Quanto a Danilo, ele realmente passou mal, sofreu um choque durante a cirurgia e uma parada cardíaca muito demorada. Teve que ser imediatamente transferido de hospital, justamente para cá, onde há mais recursos. Encontra-se

neste momento no CTI, mas amanhã irá para o quarto, quando então poderão se ver. Será ótimo para os dois.

Augusto exultou. Até que enfim algo normal, uma conversa que ele entendia. Havia alguém mais, seu conhecido, que se encontrava em tratamento. Que ótimo! Felizmente, estava tudo se esclarecendo e acabando bem.

A moça ajudou-o a levantar-se e assentar-se numa cadeira perto da janela. Ficou surpreso com a agilidade com que andou, mas não disse nada. Atribuiu ao descanso físico prolongado.

— Agora, que está bem informado e mais tranquilo, sugiro que não faça excessos ou poderá realmente ficar doente, pois passou por muita emoção. Quanto ao psiquiatra, você já está sendo medicado. E Francisco, o homem que salvou você, virá vê-lo a qualquer momento. Está mais calmo agora?

— Claro. Este hospital é mesmo fantástico! Onde ele se situa? Fora da cidade? Como é que você soube que eu queria um psiquiatra?!

— Nós aqui sempre sabemos de tudo que os doentes precisam. Não se preocupe, você não ficará estressado nem guardará recordações ruins da época em que esteve perdido. Com o tempo, só terá boas lembranças e esquecerá as coisas ruins. Quanto ao local, sim, estamos no campo, numa região sem poluição e muito calma. O ar que você está respirando agora é puro, mais puro do que pode imaginar. Caso contrário, os tratamentos não seriam perfeitos. Doentes e convalescentes precisam de paz. Agora descanse. Espere com paciência, pois o médico responsável pelos que acordaram hoje deve estar chegando. Depois, poderá visitar seus amigos. André está ansioso para vê-lo. Ele também dormiu muito e está calmo. Já teve as mesmas informações e está decidido a descansar e colaborar. Não está ferido ou doente. Logo, estarão na ativa, garanto. Quanto a Pedro, talvez demore um pouquinho, mas não tem nada de grave. Apenas ficou em estado de choque durante muito tempo. Levou um grande susto, não foi? Pobre Pedro? Ele é muito impressionável!

— Ele quase morreu de medo, isto sim. Nossa! Como ficava de olhos arregalados olhando para mim, abobalhado! Coitado!

Os dois riram e ela saiu, deixando-o respirando o ar puro da manhã, assentado perto da janela, observando o vai-e-vem de fora, a fonte de águas claras e borbulhantes, as flores e jardins, os doentes e convalescentes, sentindo-se em paz.

O DESPERTAR DE DANILO

— E então? Vamos passar para o quarto? Chega de ficar deitado, isolado. Que tal acabar com esta preguiça brava e sair por aí dando bom dia à vida?

Jaciara falava e ia tirando as últimas ataduras do peito de Danilo.

— Como é? Como é? Vamos levantar desta cama? Mexa-se, vamos! Um dia maravilhoso o espera lá fora!

O moço, abaixando o queixo com cuidado e olhando o peito, falou preocupado:

— Mas, e o pós-operatório? Já posso me mexer? É coração, válvula...

— E daí? Quer ficar morando num CTI? Aposto com você que nem cicatriz tem mais... Viu só que recuperação a sua? Eu não lhe disse que podia confiar na equipe do hospital?

— Engraçado, eu pensava que sair do CTI era uma operação delicada, com o doente inconsciente, sentindo-se mal, máscara de oxigênio no rosto, soro no braço e coisas assim...

— E é. Em certos casos. Muito poucos, felizmente. No entanto, posso atendê-lo. Se quiser, pode ficar de olhos bem fechados, gemendo e fingindo-se de tonto e eu vou empurrando a maca pelos corredores...

Os dois riram e Jaciara explicou:

— Acontece que está num hospital onde técnicas novas e avançadas são usadas e quase todos os remédios empregados de maneira diferente da que conhece. Posso até dizer que nem os remédios que usamos são seus conhecidos... Temos tratamentos tão sofisticados que você não acreditaria. Basta dizer que usamos os elementos da natureza, água, ar, terra, minerais, tudo combinado sutilmente com energia pura. Nossos equipamentos são de primeira linha e os métodos de cura totalmente diversos dos convencionais.

— É?! Medicina Alternativa? Homeopatia? Terapia chinesa? Massagens?

— É. Pode dar o nome que quiser. Mas não é bem isso. Sua operação foi realizada com técnica pioneira em cardiologia. Prova é que você já está bem.

Prepare-se. Muitas surpresas o esperam ainda. Primeiro, na recuperação, não ficará recluso nem fará exames constantemente. Muito menos usará medicação; parou com ela hoje. Aliás, duvido que você volte algum dia a um hospital. Logo, logo, poderá andar, respirar ar puro nos jardins, conviver com os outros. E outras coisas mais. Muitas outras coisas mais, fique sabendo.

— Estou maravilhado! Marília está me esperando no quarto?

— Hã, hã... Terá algumas decepções também, explicáveis, pequenas e sanáveis, por sinal. E não se preocupe com elas; são mínimas e suportáveis em vista das alegrias e do progresso que terá. Não poderá entrar em contato com a família ou qualquer pessoa de fora. Sabe como é, não é? Você foi tratado por um método especial, como todos os enfermos daqui. Aliás, o hospital é especial. Nada pode comprometer sua recuperação, entendeu? Qualquer deslize poderá prejudicá-lo mais do que pode imaginar. E isto nós não queremos que aconteça, não é mesmo?

— Está bem, está bem. Estou conformado, impressionado com suas explicações e aberto a todas as recomendações, contanto que eu sare. Mas com uma saudade imensa da família. Leva outro bilhete para eles?

— Claro. E vamos logo, deixe de preguiça.

Danilo passou para a cadeira de rodas com uma facilidade inacreditável para um recém-operado do coração. Não ficou tonto, nem indisposto. Decididamente, o tratamento era realmente maravilhoso! No entanto, abraçou o próprio peito, assustado, acreditando que todo cuidado é sempre pouco quando se trata de problema cardíaco. Será que se movimentara muito? E se a válvula saísse do lugar? De repente, incomodava-o o fato de ter um objeto estranho dentro do coração. E logo dentro do coração, onde qualquer problema poderia acarretar a morte! Respirou fundo, fechou os olhos. Teria que aprender a conviver com a idéia da válvula. Sabia que não seria fácil, mas,

afinal, tudo estava dando certo. Cabia colaborar.

A cadeira começou a rodar mansamente pelos corredores. E Danilo a notar que aquele não era o hospital onde se internara. Olhou para Jaciara, confuso. Ela entendeu e foi logo explicando:

— Alberto contará os detalhes. Ele está esperando no quarto. Logo após a operação, você começou a passar mal de verdade. Ficou inconsciente algumas horas. Cláudio comunicou-se com Alberto e acharam melhor transferi-lo para cá, onde havia mais recursos.

— E por que não me contaram isto antes?

— Estou contando agora. E as coisas devem ser contadas nas horas certas, para que não provoquem reações desnecessárias ou desequilibrantes. Fique tranqüilo: contaremos muitos detalhes mais – sorriu. Você ficará sabendo toda a história da sua doença e da sua recuperação. Feliz com isso?

Ele pareceu emburrado como uma criança de pirraça. Abraçou-se mais ao próprio peito, falando baixinho:

— Por favor, ande bem devagar e não deixe que a cadeira balance muito. Está vendo? Eu sabia! Não era uma coisa tão simples assim! Pobre papai! Ele também devia saber e não podia demonstrar, para me dar coragem! Oh, meu Deus! Eu quase morri! Era perigosíssima a cirurgia! Será que, durante o tempo em que fiquei inconsciente, eu respirei direito? É um perigo faltar oxigenação no cérebro! Que horror! Que medo horrível eu sinto da morte! Você nem pode imaginar. E agora? Quais as minhas chances? Será que terei alguma recaída? Responda com sinceridade, por favor: terei ou não recaídas? Estou totalmente fora de perigo? Isto que eu tive repete? O meu coração está no lugar certo? Tem certeza?

A moça não se agüentava mais de vontade de rir do medroso e chorão paciente:

— Calma lá! Que eu saiba, seu coração nunca saiu do lugar, está bem, inteiro, e não terá recaída, a não ser que desobedeça às instruções do tratamento. Relaxe e solte logo estes braços. Olha, desculpe-me, mas está muito engraçado.

— É? É porque não é com você. Já encarou a morte alguma vez para saber? Oh, meu Deus do céu! – lamuriava-se o apavorado doente, enquanto apertava o peito com as duas mãos, cada vez com mais força.

Nem olhou mais para os largos e brancos corredores, cheios de plantas, agradáveis sofás e gente sorridente indo e vindo, alguns olhando curiosos para ele, todo abraçado e enrolado em si mesmo, encolhido. Nada ali se parecia com um hospital, mas ele não notou, os olhos apertados, fechados como se estivessem colados.

De repente, Danilo pareceu se lembrar de algo. Deu um pulo, que fez a moça parar de rodar a cadeira e olhar assustada para ele. Tateou o pulso esquerdo, horrorizado. Procurou o pulso. Não o encontrou. Deu um grito desesperado. A enfermeira acionou os freios da cadeira, para que ela se mantivesse firme e não girasse. Passou à frente do paciente, segurando-o pelos ombros, assustada.

— O meu pulso! Ele parou! Não o encontro! Estou morrendo! Meu peito está doendo! – gritava o doente inconformado e em pânico.

— Calma! Não grite. Aquiete-se, senão você morre mesmo – falou com energia.

Jaciara postou-se atrás dele e colocou as duas mãos acima das suas orelhas, bem nas têmporas. Apertou levemente sua cabeça e ficou imóvel durante alguns minutos. Depois, voltou à frente, segurou-o novamente pelos ombros e, falando com muita clareza, firme e pausadamente, explicou que o tratamento a que ele estava sendo submetido provocava esta sensação de ausência de pulso, o que não queria dizer que o pulso estava parado mesmo. Imprescindível era que, após uma cirurgia pesada como a que ele fez, o doente permanecesse calmo, em repouso e em paz com a mente, senão poderia ter um abalo e passar muito mal. Com carinho e firmeza, disse que ele não deveria ter medo, pois o pior já havia passado. Que ele confiasse em quem o tratava e tudo daria certo. Ela queria um

crédito de confiança dele para o pessoal que o tratava.

E assim se foram pelos corredores, Danilo ora acalmando-se um pouco, ora com os braços cruzados apertando o peito, parecendo um caramujo de tão enrolado em si mesmo. Jaciara calou-se e fez que não notou.

Na porta do quarto esperava-o Alberto, que perguntou à enfermeira:

— O que está havendo com ele, todo encolhido, suado e de olhos fechados?

— Morto de medo – respondeu ela rindo. – Está segurando o coração, com medo de que ele saia pela boca – completou, acariciando ternamente os cabelos do doente, que revidou, abrindo os olhos:

— Muito engraçadinhos, vocês dois. Estou com medo mesmo, e daí? Aliás, morto de medo.

— E daí – completou Alberto – que está se comportando tolamente. Olhe só: no CTI, na primeira e mais difícil fase da recuperação, você estava leve, solto, feliz, conversando e brincando alegre. Agora, está parecendo um velho resmungão,

encolhido dentro de um desconfortável ovo. Ora, ora! Vamos reagir, meu amigo! O perigo de morrer – que você teme – já passou, se é que houve perigo e se é que morte existe do modo como você pensa.

Jaciara acariciou novamente os cabelos dourados de Danilo, dizendo que voltaria logo e o deixaria aos cuidados de Alberto.

O médico fez umas recomendações à enfermeira e, calma e pacientemente, foi ajudar Danilo a sair da cadeira e se deitar na cama, pois ele se negou a ficar assentado na poltrona, mesmo com o outro dizendo que tudo estava bem e não precisava mais ficar deitado. Repetia sem cessar que sabia que não estava bem, que a válvula doía muito, repuxando o peito, que parecia ter febre, a boca estava seca e um grande enjôo se apossava dele. E, para completar, não encontrava o próprio pulso, sinal de alarme.

Alberto acomodou-o e sentou-se nos pés da cama, perto do alarmado doente, agora lívido e respirando com dificuldade:

— Sabe que você é o doente mais assustado que já vi? Portanto, vamos

começar logo a tranquilizá-lo e esclarecer algumas dúvidas, senão, agora mesmo você vai começar a passar muito mal mesmo, de verdade. Primeira: tire logo as mãos do peito e pare de apertá-lo. E respire! Você não tem válvula nenhuma!

Danilo arregalou os olhos. Alberto continuou:

— Não foi preciso colocá-la. Conseguimos recuperar a sua. E então: a válvula continua doendo?

Desapontado, Danilo relaxou um pouco, permitindo que Alberto voltasse à carga total:

— Viu só o que uma mente descontrolada e desgovernada, sem freios, é capaz de fazer? Você já estava até sentindo dor na válvula... E sei que não mentiu. Sentia mesmo. Não é de hoje que se diz que a mente é a dona da casa. Se todos se conscientizassem disso e procurassem melhorar os pensamentos, os desejos e sonhos ocultos, o mundo mental ficaria bem mais limpo e muitas doenças nem sequer aconteceriam. Aliás, doença esperada e recomendada quase nunca, ou nunca, acontece. Já reparou nisso? Além

do mais, as coisas que colocamos na cabeça e batemos e rebatemos dia e noite em cima delas, nem sempre são passíveis de acontecer ou, o que é pior, atraímos-las pelo pensamento firme nelas e aí a coisa fica séria... Homem: regula a tua mente, controla-a e a chave da felicidade já estará mais acessível!

Envergonhado, o rapaz replicou:

— A dor não era na válvula. Era no coração...

— E por quê?

— Vocês o cortaram, ele está sensível, inchando...

— Quem cortou seu coração? Só se for alguma desilusão amorosa, porque bisturi mesmo...

— Não?!...

— Não...

— É?...

— É.

Alberto ria a mais não poder da situação do outro:

— Cortar o coração, ficar com ele inchado, dolorido, que loucura pôs na cabeça! Não à toa que estava todo

encolhido, bobo e medroso! Dá para assustar mesmo. Saiba que aqui no hospital – e em lugar nenhum que eu saiba, onde se pratica a mesma medicina que praticamos em nossa rede de casas de saúde – à necessidade de cortar o coração em pedaços e pedacinhos para reparar uma válvula. Muito bem: resolvida esta parte, já sei o que vai dizer agora: que a cicatriz está doendo.

— É...

— E se ela já tiver sumido? Ou se nunca tiver existido?

O medroso Danilo não se deixou vencer:

— Impossível. Ela é imensa. Sei que, para ter acesso ao coração, vocês tiveram que serrar as minhas costelas, o osso externo foi dividido ao meio e separado com um alicate próprio. Depois, foi todo preso com grampos de aço de calibre grosso... Aliás, grampos que incomodam muito, atrapalham os meus movimentos e vão doer todas as vezes que mudar a lua. Principalmente na lua cheia. Minha mãe diz que é muito freqüente a lua influenciar neste tipo de dor. Posso ser medroso, mas

não sou burro nem analfabeto, não é Alberto? Quando soube que estava doente, li tudo que chegou às minhas mãos a respeito.

— Ai, meu Deus do céu... Por acaso você é escritor de ficção também? Onde é que tirou esta história toda, de arrepiar? Por favor, olhe para o seu peito, para a cicatriz em especial.

Danilo abriu a camisa do pijama com todo cuidado e baixou os olhos devagar; tentando não prejudicar a cirurgia. Os cabelos do peito já haviam crescido novamente, notou. Somente à altura do mamilo esquerdo, depois de muito procurar e passar as mãos, encontrou uma marca pequena, de cerca de um centímetro, que nem pontos tinha. Estava coberta com um esparadrapo transparente. Ele olhou para o médico, com os olhos arregalados.

Alberto se divertia:

— É. Você escutou, mas não quis ouvir. Jaciara contou muitas vezes para você que neste hospital tudo é diferente e avançado. As técnicas cirúrgicas mais ainda. Que é que acha agora da sua

imensa cicatriz, costelas quebradas, ganchos de metal e não sei quê mais? Para não ficar muito envergonhado, posso até dizer que talvez – eu disse talvez – o seu peito estivesse um pouco comprido e dolorido, pois você o apertava tanto e continha tão desesperadamente a respiração quando chegou aqui, que dava a impressão de estar todo amarrado e apertado... Numa camisa de força mental, digamos assim.

Danilo era o próprio retrato do desaponto. Relaxou mais na cama. Agora, sentia-se o oposto: por que ficara no CTI, o que estava fazendo ali se nada era tão grave?

— Então, Alberto? Deixa-me ir embora, rapaz... Vamos lá... O que é que vou ficar fazendo aqui? Cuidando disto? – e mostrava o pequeno ponto perto do mamilo.

— Cuidando disto, sim senhor! Ora bolas! Uma hora você aumenta demais as coisas, outra hora acaba com a importância delas. Calma lá! Você esteve doente – esteve, ouviu? – precisou realmente de um tratamento ainda

desconhecido para você, seu organismo reagiu bem e pronto. Agora, vamos consolidar a cura.

— Médico adora esta conversa de “consolidar a cura”. Vai me encher de remédios, fisioterapia, etc.

— Acertou em uma pequena parte... Como Jaciara explicou, temos regulamentos aqui. E terá de segui-los. Logo, logo, estará liberado, prometo. Cumprirá um programa de restabelecimento que não será nada desagradável. Não terá limitação alguma, terá companhia e se sentirá bem. Um conselho meu: permita-se ser feliz e gostar de você. Inclusive, tenho uma notícia boa: aqui perto, ao lado mesmo, está internado um amigo seu. Poderá encontrá-lo à tarde e quantas vezes quiser. Ele também está se recuperando bem e vai receber as mesmas recomendações que você está recebendo.

— E quem é?

— Augusto.

— Augusto, o meu cunhado?! Meu Deus, o que houve com ele? Esther está com ele?

— Já disse: as regras valem para todos. Nada de visitas, familiares ou não. Nossos métodos englobam recuperação total, física e psíquica. Qualquer fator externo só poderá atrapalhar. E agora, vamos fazer um rápido relaxamento, tudo bem? Tentaremos tirar as minhocas que colocou dentro da cabeça. E, limpando seu campo mental, estaremos iniciando a segunda fase da sua cura. Vai aprender, de hoje em diante, a se dominar, a respirar, perder o medo e ganhar segurança. Vamos lá! Estique-se na cama, abra braços e pernas e solte-os. Feche os olhos e só pense ou faça o que eu mandar você pensar ou fazer. É muito importante que me obedeça.

Danilo obedeceu.

Alberto dirigiu-se a um interfone, falou algo baixinho. Música suave de harpa e luz azul inundaram o quarto.

O médico postou-se de pé, do lado esquerdo do doente. Começou então a falar, com voz pausada e firme, olhando-o fixamente:

— Sinta-se bem e em paz. Relaxe todos os músculos do corpo, não pense.

Esvazie seus pensamentos. Tente colocar em sua mente apenas paz, a música que ouve e a minha voz.

Danilo arrumou-se melhor na cama. Espalmou as mãos e soltou melhor os membros, procurando relaxar.

— Isto mesmo. Agora, imagine-se deitado na grama, verde e orvalhada grama, à beira de um riacho que corre mansamente. Em volta de você, flores e mais flores de rara beleza, de todas as cores, perfumadas e coloridas. Sente o perfume?

— Sim.

— Ouça agora o suave deslizar da água...

— Hum...

— Água deslizando, grama macia e fofa, flores e perfume suave. E música, música deliciosa, envolvente. Você está cada vez mais leve, mais leve... Sinta a grama com as mãos. Isto mesmo: passe as mãos na grama verde e macia como veludo, pegue nela. E vá aspirando o perfume profundamente.

Relaxe e descanse cada vez mais. Você está bem, você se sente bem e em

paz. Mais, cada vez mais em paz. Você é a paz. Paz, muita paz, paz profunda...

Você não tem problemas, sua mente e sua alma estão livres e ordenadas, e sobem, sobem cada vez mais, para enfim descansarem numa nuvem de algodão, no espaço. Vamos, coragem, vá atrás! Suba, suba cada vez mais, encontre-se consigo mesmo. Leve com você a paz do riacho, das flores, da grama... Não há doença, não há dores, não há morte, não há problemas. Há paz, paz profunda.

Agora deslize, volteando pelo espaço, a bordo da nuvem. Veja como ela desliza suavemente, lentamente, embalando-o no seu berço etéreo. Refestele-se nela, sintaa. Afunde nela, como num colchão macio. Você está cada vez mais leve, mais feliz, mais inteiro. Comandando a nuvem de algodão sedoso, puro e macio, mansamente, desça com ela até a grama do jardim, aterrissando com mansidão numa nova vida. O perfume, o deslizar da água, a maciez da nuvem...

Você está agora unido à Mente e à Alma Universais. Abra os seus horizontes. Veja a extensão do infinito. Sinta o infinito

dentro de você. Entre no infinito como ele entrou em você. Confunda-se com ele. Em paz.

Você acaba de abandonar tudo que o atribulava, física, mental e emocionalmente. Quando se levantar da nuvem e andar pelo tapete de veludo da grama, terá abandonado o passado e estará pronto para o futuro. Quando eu disser que pode abrir os olhos, um novo homem, sem doenças nem mazelas, relaxado e em paz, verá à sua frente um mundo novo, onde a Vida não tem fim e confunde-se com o infinito.

Abra a sua mente, destranque as portas da sua alma, deixe a paz invadir você, entrar dentro de você e se abrigar lá para sempre. E abra devagar os olhos, diante da nova realidade, da nova vida, que continua como o rio e como a nuvem, num pulsar constante.

Seja feliz, meu irmão.

Tenha paz. Espalhe a paz a seu redor.

Abra os olhos! Sinta todo o seu corpo em harmonia! Sorria! Olhe a vida! Sinta-se feliz!

Sinta-se em paz, meu amigo.

A VISITA DE FRANCISCO

Augusto, de olhos fechados, imerso nos mais desconstruídos pensamentos, nem notou quando Francisco entrou e parou em frente à cama, olhando para ele, que, lentamente, foi abrindo os olhos.

— E então? Desistiu de ficar na janela observando o movimento e a beleza local e voltou a dormir. Por quê?

— Fiquei com sono. Nem sei quanto tempo dormi. Mas agora estava apenas cochilando, com a mente ocupada entre um pensamento e outro, aguardando sua chegada com o maior interesse e a cabeça fervilhando de perguntas. Entre elas, gostaria de saber quem é o meu salvador e de quem ou do quem fui salvo. Para procurar dar uma seqüência à minha vida que, nem bem sei porquê, parece ter sido interrompida entre o meu tombo em frente ao hospital e aqueles momentos de desespero no pântano. E não consigo encontrar o elo entre um e outro... Fazer uma ponte, entendeu? É como se minha vida tivesse se dividido em duas, completamente diferentes uma da outra.

Isto está me deixando muito confuso, pensando nas mais loucas teorias. Preciso reencontrar a seqüência da minha existência e, para isso, preciso recordar o que aconteceu neste lapso de tempo em que, parece, perdi a memória, ou os arquivos mentais. Só posso ter tido uma crise de amnésia... Por favor, fale um pouco desta parte que não consigo lembrar, para que eu me acalme...

— Recordar-se daqueles tempos desagradáveis que passou lá? Nunca! Para que? Basta saber que aquela é uma região perigosa, onde se encontram pessoas que se identificam com ela, ou se identificaram em algum momento da vida. A partir do momento em que você conseguiu sair de lá pelos próprios esforços, os acontecimentos se tornaram mais belos e vale mais falar neles e no futuro. Para que discutir passado e – pior ainda – passado com tantos sustos?

— Já expliquei. Porque quero preencher este vácuo que ficou na minha memória. Literalmente, tenho a sensação de que perdi uma parte da minha vida, pois me esqueci completamente dela.

Você pode não acreditar em mim, mas é a pura verdade: não consigo, mas não consigo mesmo, me lembrar como ou porque caí lá. Nem mesmo do período em que estava indo ou sendo levado para lá. Nunca me aconteceu ter uma crise de amnésia e estou muito preocupado. É inadmissível! E preciso pegar os bandidos que me atacaram e dar-lhes uma boa lição. Ah, quando eu puser as mãos neles! Quem pode saber quantas pessoas estes homens já jogaram naquele abismo? E quantas morreram antes de serem socorridas? Uma coisa eu garanto: vão confessar tudo, ah, vão sim! Vão dar os nomes e a localização de todos que jogaram naquelas paragens! Isto que fizeram comigo e com Pedro não se faz. O coitado ficou mais assustado do que eu. Ele também se perdeu um pouco mentalmente, teve uma amnésia parecida com a minha, disse que acha que levou facadas ou tiros, não sabe explicar bem. Aquela região é tão pavorosa que provoca uma sensação de esquecimento nas pessoas, só pode ser. Ou o susto é muito grande, sei lá. A propósito, no meu caso,

sabe me dizer se eles pediram resgate? Foi mesmo seqüestro?

— Não sei. Eles quem? Sabe que nem me interessei em procurar saber? Não gosto de assuntos que nos arrastam para baixo, para o abismo. Acredito na força da mente e só me preocupo com as coisas que nos lançam para o alto, para cima. Mas, respondendo à sua pergunta anterior, sou professor e me dedico, nas horas vagas, a resgatar supostas vítimas de bandidos que precisem de socorro. Como você – respondeu Francisco sorrindo.

— Aquele é mesmo um local de desova? Acertei?

— É um local fácil para pessoas desorientadas se perderem, digamos assim. Mas, no final, todos encontram uma saída ou uma mão amiga. Nunca soube de alguém que ficasse lá para sempre.

Augusto viu que o assunto, pelo menos no momento, não ia render muito, além de estar ficando incompreensível. Acreditou que ainda não estivesse recuperado de todo, necessitando ainda

de mais repouso para voltar a entender novamente as coisas com mais clareza, com a rapidez fulminante que sempre caracterizou seus pensamentos. A obsessão de saber tudo se apossava dele cada vez mais, misturada à saudade dos entes queridos e à preocupação com familiares e amigos. E, diga-se de passagem, com a vontade de dar uma surra bem dada nos bandidos, como dizia. Atacou por outro lado. Perguntou, olhando em volta:

— Afinal, aqui é um hospital ou uma instituição socorrista?

— E tem diferença? Geralmente, os que socorremos estão necessitados de cuidados especiais, pois, em quase todos os casos, estão machucados no corpo e na alma.

— E vocês tratam do corpo e da alma?

— Evidentemente. Se não o fizéssemos, o tratamento estaria sempre deixando a desejar, incompleto. Há interdependência entre o corpo e a alma. Se um não estiver bem, fatalmente influenciará o outro, que cairá também.

— Não conheço hospital que faça isto, não.

— Agora conhece. Este faz.

— Como vocês sabem a quem socorrer? Como são avisados que há pessoas perdidas? Têm ligações com a polícia?

— Saiba que, em qualquer local do universo, por mais terrível que seja, há sempre alguém desejoso de informar e ajudar a quem se perde. Somos sempre avisados a tempo de salvar. E encontramos aqueles que se afinam conosco. Pela lei dos iguais, você sabe, os semelhantes se procuram, querem estar juntos.

— Tem horas que você fala coisas difíceis de compreender... Acho que ainda estou muito cansado, embora não pareça... É muito grande o serviço de salvamento por aquelas bandas? São voluntários ou são pagos? Quem treina as equipes?

— Você nem conseguiria imaginar, no momento, uma resposta plausível para qualquer uma das suas perguntas. Acredito mesmo que nunca tenha ouvido

falar ou lido sobre essas coisas. Nosso serviço é tão grande quanto o número de perdidos desarmados. Para um desgarrado, há sempre alguém o buscando. No entanto, depende da vítima querer ser salva. Não interferimos no livre arbítrio. Respeitamos: se quiser ficar por lá, sintase à vontade!

— Como?! Quem não quer ser salvo?

— Não acreditaria se eu respondesse.

— Vamos tentar nos entender melhor. Digamos: se não conseguíssemos subir pelas redes, vocês teriam ido lá embaixo nos buscar? — perguntou desconfiado.

— Não.

— Não?!

— Não. Por que se assusta? Nós estávamos fazendo a nossa parte. A de vocês era subir pelas cordas, usando todos os recursos que conhecessem, escalando por seus próprios meios e méritos.

— Estranho... Podíamos estar com muitos machucados, sem forças, sei lá... Horrizo-me só de pensar que vocês teriam nos abandonado lá.

— Nunca abandonamos ninguém. A não ser que a pessoa esteja pedindo para ser abandonada. Respeitamos o livre arbítrio, já disse. Se vocês estivessem com muitos machucados, ou sofrendo qualquer outro tipo de empecilho, pressão ou incapacidade, saberíamos neutralizá-lo. Cada caso é um caso. Não existe um igual ao outro. No entanto, quem chega até ali onde vocês estavam, consegue subir, pode crer.

— Tem tanta certeza assim?

— Absoluta. Conheço muito bem o meu trabalho. Executo-o há 50 anos.

Confuso, Augusto mediu o outro dos pés à cabeça. Viu-se diante de um homem alto, forte, nem gordo nem magro, vestindo calça, camisa e sapatos brancos como um médico, tranqüilo, calmo, aparentando idade indefinida e portador de uma dignidade que exalava como o bom perfume. Mas, curiosamente, não parecia uma pessoa vaidosa. Ao contrário. Embora tivesse curtas e bem tratadas barbas brancas, cabelo alvo e não muito curto, ligeiramente ondulado, não parecia

ter nem 40 anos, pois irradiava mocidade. Intrigado, retrucou:

— Está querendo brincar comigo? Já nasceu fazendo isso, pescando gente perdida? Quantos anos você tem?

— Trabalho aqui há 60. Antes, vivi alguns anos em outro local bem mais perto da região que abomina, labutando no planejamento e orientação de expedições socorristas, para que pudessem descer em segurança a locais mais baixos do que o que conhece. Fazia também o rastreamento de pessoas perdidas, usando radar sofisticado, que, através de um sistema de cores, mostrava perfeitamente as emoções do procurado, o que nos dava a informação se estava ou não na hora de ir buscá-lo. Satisfeito?

— Nossa conversa está melhorando. Falou em radar. Radares e aparelhos de defesa fazem parte das coisas que entendo. Mas nunca ouvi falar em radar que detecta emoções... Quanto à hora de ir buscar alguém, não entendi... Tem hora para socorrer um desorientado, perdido? Eu, hein... Coisa mais maluca essa... E não me venha com essa história de 60

anos aqui, mais não sei quantos acolá. Não acredito e pronto. Você é jovem, não queira me convencer do contrário, pois tenho olhos para ver.

— Não parece, até agora, que esteja vendo alguma coisa além da ponta do seu próprio nariz... Se é que está vendo a ponta dele... E, para sua informação, eu não minto.

— Desculpe, eu não quis dizer isto. Mas você não pode ser velho, embora tenha cabelos brancos...

— Tenho cabelos brancos porque gosto de cabelos brancos. Sempre gostei.

Augusto deu um pulo à frente, exultante:

— Uau! Matei a charada! Vocês dominam a técnica da juventude! Já ouvi falar nestes tratamentos, radicais livres, implantes de fios de ouro na face e sei lá o que mais. Breve conseguirão a juventude eterna, olhe lá! Tenho uns amigos que, quando descobrirem isso, correrão logo para cá. Sabe como é: pavor da velhice, estas coisas. Olhe só: você parece um moço, mas lembra alguém muito idoso. Não entendo...

— Quem sabe? Quanto às técnicas que dominamos, posso lhe dizer que está numa instituição gigantesca em todos os sentidos, como nunca imaginou existir. Um complexo aparelhado para todos os tipos de tratamento, emergência e salvamento. Você nem pode imaginar tudo que acontece aqui dentro. Sempre objetivando a melhoria da vida e aprimoramento dos seres, todos irmãos, filhos de um mesmo Pai. Agora que acordou e está bem, visitará as instalações, se informará e entenderá melhor. Terei muito prazer em ciceroneá-lo, dando as explicações necessárias. Garanto que vai ficar boquiaberto. Eu mesmo, quando cheguei, embora conhecendo algo a respeito e não tão ignorante das coisas além das fronteiras da mente, fiquei perplexo com o que vi. Ultrapassou tudo que criei na imaginação. Por isso me incorporei e aqui estou até hoje, cada vez mais enturmado e pronto para ajudar em tudo e a todos.

Augusto se entusiasmou e seus olhos brilharam. Sempre tivera atração pelo desconhecido, pelos desafios. Mas, desta vez, estava achando aquela situação

muito estranha. Em certos e raros momentos da conversa, sentia-se fora do mundo. Continuou as perguntas, tentando obter mais luz:

— Você disse que dá aulas? De quê? Para quem?

— Anatomia e Fisiologia Humanas. Para médicos e afins. Para os médicos do futuro também. E então? Quer saber mais alguma coisa?

— Você é médico? Quem são os médicos do futuro? O que quer dizer com isto?

— Fui médico. E os médicos do futuro são aqueles que ainda não são médicos, mas que um dia serão, por escolha voluntária. Já outros foram e voltarão a ser. E por aí vai.

— Foi?! Não é mais? E o que quer dizer com isso de “foram e voltarão a ser?” Nunca vi papo mais esquisito...

— Ainda sou médico. Voltarei a ser, tenho certeza. Estarei sempre dentro da Medicina. E não há papo estranho: há ouvidos que não querem ouvir e olhos que não querem ver. Os seus, por exemplo, meu amigo.

O paciente Francisco sentou-se na poltrona ao lado da cama, sorrindo bondosamente diante da curiosidade e da desorientação do outro.

Augusto pigarreou, incomodado, sem saber bem com o quê:

— Não me leve a mal, agradeço muito por ter me tirado daquele buraco de loucuras. Você é o meu salvador e não me esquecerei disto nunca. Saberei retribuir sempre que precisar. Sou um amigo fiel. Quero a sua amizade.

— Já a tem, garanto-lhe. E já retribuiu. Tirar você de lá foi o meu prêmio.

— Sim eu sei, embora não esteja entendendo bem a sua conversa. Mas, quer você queira ou não, tem a minha amizade eterna, além de muita gratidão. Não sei o que teria acontecido comigo se sua caravana não aparecesse. Você parece ser aquele sujeito que auxilia todo mundo e suporta mais que todos as ingratidões do mundo. Sei lá, você tem cara de santo...

O outro começou a rir gostosamente enquanto Augusto andava apressado de um lado para o outro, coçando a nuca.

— Santo é você de pensar isto de mim. Obrigado.

— Não precisa agradecer. Sou seu amigo, pode contar sempre comigo. Mas, sinto dizer que não posso ficar aqui parado, embora a curiosidade de conhecer tudo seja grande. Estou me sentindo bem. Devo retomar minhas atividades. A enfermeira me falou em regulamentos e regras que, acredito, não se aplicam ao meu caso, pois não vejo porque continuar aqui. Posso vir, se você consentir, todos os fins de semana, por exemplo. Para me mostrar tudo. Para que eu possa ajudar, se você quiser, até mesmo nas caravanas de resgate. Não dispenso estar a seu lado e auxiliá-lo. Devo-lhe muito. Acredito que Pedro também vai querer colaborar. Ele tem uma empresa de segurança. E o outro que se salvou conosco. Não sei o que ele faz, mas sempre há algo a fazer quando queremos colaborar.

Meu Deus do céu, que falha imperdoável a nossa, no Exército, de não

sabermos da existência deste lugar! Logo que chegar em casa, quero comunicar isto, até mesmo para ajudarmos. Nunca vi um sistema de segurança com uma falha tão grande, ignorando este local, os locais onde me perdi, enfim tudo! Vamos ter que questionar isto e remodelar tudo. Há uma falha, uma lacuna, em algum ponto. Posso garantir a você – pois já chefieei sistemas de segurança militares – que ninguém, mas ninguém mesmo, sabe da existência de tal lugar. E nem dos bandidos que soltam suas vítimas naquele pantanal terrível.

— Acredito em você. Tenho absoluta certeza disto.

— Antes de sair daqui, quero que me dê a localização exata de tudo, para que eu possa tomar providências. Arrumar guardas bem armados para aquelas imensidões. Gente treinada, corajosa, sem medo! Talvez haja necessidade de guaritas aqui por perto e acompanhamentos lá por dentro da mata, destacamentos nas fronteiras. Seguranças para acompanharem as expedições. Ajudar vocês e o povo do lugar. Aqueles

que tentaram nos atacar pareceram-me selvagens. Que loucura, meu Deus! Podem até ser usados por terroristas contra a segurança da Nação! Por favor, quero um mapa detalhado de todos os locais. Os subterrâneos, outra loucura! Um esconderijo perfeito e um perigo maior ainda!

Já a parte positiva é que o local, depois de devidamente entendido, conhecido e vasculhado, pode servir para cursos de sobrevivência em lugares totalmente inabitáveis. Podemos instalar lá alguns daqueles seus radares ultrasensíveis, os tais das cores, vão nos ajudar muito. Aliás, vão ajudar às Forças Armadas. Nunca ouvi falar da existência de um deles, nem nos Estados Unidos ou no Oriente Médio. Podemos negociar a fabricação, para fins pacíficos e uso restrito de forças de paz, alguma coisa assim. Para protegê-los de algum louco que queira usá-los com fins bélicos ou outra finalidade qualquer. Pode me dar uns croquis deles? Como são construídos e por quem? Onde fica a fábrica? Ou são fábricas? Como conseguem matéria

prima? Melhor, qual é a matéria prima? Quero ver um deles logo que possível.

Francisco ouvia o outro com um sorriso nos lábios e outro nos olhos, além de uma tranqüilidade imensa. Resolveu acalmá-lo:

— Conversaremos depois sobre tudo que quer saber, ver e entender. Outro assunto é mais importante: como militar, deve entender bem de disciplina. É o que mais valorizamos aqui, para o próprio bem de nossos convalescentes. Digamos que você está bem, fora de perigo, mas ainda não teve alta. Tem que se conscientizar disso.

— E quando terei? Impossível! Não aceito ouvir isto. Não estou sentindo nada, estou passando bem. E caso concorde em ficar, quero explicações detalhadas. Além do mais, terão que ser muito convincentes, pois não estou com a menor vontade de ficar nem mais um minuto. Espero que me libere agora.

— Sinto. A explicação é das mais simples: não sei quando poderá sair daqui. O mais breve possível, acredito. Recuperará o seu equilíbrio rápido. Não

temos a menor intenção de segurar pacientes sãos. A vida continua, não há minuto a perder e todos têm uma missão a cumprir, um caminho a seguir. Concorda comigo?

— Plenamente. E então?

— Então confie em mim. No momento, sua missão é terminar o tratamento e amparar seus amigos Danilo, Pedro e André.

— Que tratamento? Você está se contradizendo, pois disse agora mesmo que eu estava bem... E Pedro e André não são meus amigos. Nem sei bem quem são.

— Saberá oportunamente. Eles são seus amigos sim. Você os ajudou nos últimos momentos e eles, em contrapartida, estiveram a seu lado. Pronto: estabeleceu-se o laço! Gostará dos dois. Quanto ao resto, não estou tendo duas palavras: você está bem, mas, no entanto, reconheceu que precisa de um psiquiatra, para evitar uma crise de stress. Então, digamos, não está totalmente bem...

— É... Como está Danilo?

— Muito bem, cada vez melhor. Poderá visitá-lo. Vocês têm total liberdade para sair dos quartos e andar pelos jardins e parques. Fará bem aos dois. Poderão se ver quando quiserem. São vizinhos aqui. Quanto a Pedro, poderá ir vê-lo, conversar, mas verá que ele está muito confuso ainda. André é mais receptivo, menos complicado e, em consequência disso, vem melhorando mais rápido. Breve todos estarão bem.

— Fala como se estivéssemos ligados uns aos outros. No entanto, só tenho ligações com Danilo, que é irmão da minha noiva Esther.

— Todas as pessoas estão ligadas umas às outras, quer queiram, quer não. São elos da mesma corrente humana, onde são irmãos e o Pai ampara a todos. Além disso, penso que terão aulas e vivências, serão colegas em muitas atividades.

— Aulas?! De quê? Já vem você com complicações e adiamentos para minha partida daqui...

— Aulas, sim. Para melhor compreensão da nova vida, depois de uma

caminhada na escuridão e no vazio. Aqui a recuperação é completa. Não é só pôr curativo no dedão do pé e sair por aí não. Digamos que aprenderão a não cair mais em ciladas, tanto físicas como mentais.

— Ciladas como as que nos vitimaram? É, foi feio mesmo. Principalmente para mim, treinado e esperto, com cursos de sobrevivência. Já comi carne de cobra na selva, lutei com jacaré na Amazônia, dormi ao relento, fugi de onças, sou consultor em assuntos de guerrilha e terrorismo. Não me conformo com minha derrota desta vez. Confesso a você, meu novo amigo – mas só a você – que cheguei a chorar! Que humilhação! Desorientação, pânico, falta de imaginação e criatividade para tomar atitudes certas e rápidas, tudo isso me acometeu naquele lodaçal. Estou envergonhado, falhei. E logo eu! Não conhece meu currículo; se conhecesse entenderia a minha vergonha.

Fico feliz em saber que ensinam estratégia e defesa pessoal aqui. Olha só... Posso colaborar também neste ponto. Fiz muitos cursos no exterior, estagiei na

CIA, no FBI, na Scotland Yard e por aí afora. Cheguei a fazer um curso na antiga e poderosa KGB. Tenho amigos que são ótimos em sobrevivência. Eles ajudarão, tenho certeza. Podemos montar um grande centro de estudos militares e estratégicos aqui nas redondezas. O local é bom para tal, pois é totalmente desconhecido. E vocês só lucrarão, pois estarão bem protegidos. Temos que nos assentar com calma e colocar todos estes planos no papel, para que eu possa levar tudo certinho, conversar lá e voltar com tudo esquematizado. Talvez o General Siqueira venha comigo para ver tudo in loco.

Vou avisando logo: Danilo terá dificuldades nos planos de defesa. Poderá colaborar em outras coisas, como na administração e organização do hospital. Aí, vai gostar. Ele não aceita assuntos militares, bélicos. Foi sempre um manso cordeirinho, nunca brigou nem discutiu, um sujeito bom, bom demais a meu ver. Ele tem uma estranha convicção tipo "se te batem, perdoa". A minha é diferente: é do tipo "se te batem, couro neles".

— Sabe que você disse uma coisa interessante no meio de tudo? As nossas aulas não deixam de ser aulas e vivências de estratégia e defesa pessoal mesmo... Temos que nos defender de nossos inimigos, ficar alertas, usar as armas da compreensão e da sabedoria, ter invariavelmente a mente aberta e limpa e auxiliar no que for possível, vigiar ininterruptamente os locais que ofereçam perigo de nos perdermos, com os nossos radares interiores sempre ligados. Você não deixou de atirar numa coisa e acertar noutra, amigo!

Francisco se levantou, avisando:

— A partir de hoje, nós nos encontraremos muito. Digamos que sou um dos responsáveis por vocês. Gostarão da aventura. Prometo. E partirão para outras logo que estiverem preparados. Ou poderão colaborar sempre aqui, como você quer. Agora, prepare-se. Dalva virá buscá-lo breve e, ao lado dela e de Jaciara, você e Danilo farão seu primeiro passeio nos jardins.

— Quem são elas? Professoras também?

Retirando-se sorridente, Francisco respondeu:

— Enfermeiras, meu caro, enfermeiras...

PRIMEIRO PASSEIO

Augusto e Danilo, devidamente escoltados por Jaciara e Dalva, saíram para um primeiro passeio pelo parque.

Andando devagar, deslumbrados, observavam tudo. De imediato, concordaram que nunca haviam visto algo mais belo e bem cuidado! Gramados a perder de vista, lagos de água tão límpida que se via com facilidade os seixos do fundo e peixinhos coloridos nadando para lá e para cá. A vegetação exuberante mostrava gloriosos todos os tons do verde, mesclados ao cinza prata e ao dourado. Já as flores, multicoloridas e algumas com formas até então desconhecidas dos dois amigos, formavam um espetáculo à parte. Deslumbrantes, perfumadas, algumas refletindo a luz solar, outras brilhantes, mostrando ter luz própria. Notaram que minúsculos miosótis, incrustados nos vãos de uma gruta, refletiam os raios luminosos do sol, espargindo luz azul e dando um tom celeste às pedras que os sustinham. Leve brisa balançava trepadeiras maravilhosas,

que subiam pelas árvores, formavam laços balouçantes e se imiscuíam nos pequenos vãos das pedras, aparecendo depois entre folhagens. Principalmente, sentiram que ali tudo respirava muita paz, tranqüilidade.

Cruzaram com vários grupos de convalescentes fazendo o mesmo que eles. Todos se cumprimentavam sorrindo e acenando. Havia vida por todo lado. Vida leve, bonita. Decididamente, seria difícil um doente não se recuperar em local igual àquele.

Foram informados pelas moças que as águas das fontes eram medicinais e que poderiam e até deveriam beber delas a vontade, pois seu efeito era quase instantâneo. Não se fizeram de rogados. Beberam e gostaram. Eram águas cristalinas e, em algumas fontes, borbulhavam círculos concêntricos e brilhantes. Tinham os mais variados sabores e, quando ingeridas, pareciam recuperar as forças quase de imediato. Quem as bebia sentia-se melhor, mais forte, mais lépido.

Encontraram também grupos de crianças de todas as idades, sexos e raças, alegres e correndo, brincando despreocupadas, guardadas por solícitos enfermeiros e enfermeiras.

Pararam para descansar sob uma árvore frondosa, onde se sentaram no chão.

— Foi muito bom ver você, Danilo. É ótimo estarmos juntos, no mesmo hospital, melhorando, Mas fico pensando no pessoal de casa. Como devem estar assustados! Sabe, quando me atacaram, eu estava justamente atravessando a rua, para estar com você na hora da cirurgia.

— E não ia encontrá-lo lá – disse Dalva. Ele foi transferido logo após a internação.

Danilo olhou para as moças:

— Imaginem vocês que coincidência: dois amigos tão ligados por laços de companheirismo e família, tendo problemas de saúde no mesmo instante!

Augusto retrucou:

— Felizmente caímos em mãos experientes, mas, antes, passei por maus

momentos. Não gosto nem um pouco de me lembrar daquilo. Fico confuso.

— E nem deve. Aliás, nem conte. Para que? Risque de sua mente as recordações negativas. O que passou, passou. Sempre falei isto com você, lembra-se? E vamos logo mudar de assunto. Você já visitou este hospital? É incrível que nunca tenhamos ouvido falar dele! – falou Danilo, com súbito interesse pela casa de saúde e nenhuma vontade de saber de coisas tristes ou deprimentes.

— Ainda não. O homem que me salvou prometeu me mostrar tudo. Acredito que permitirá sua companhia.

— É... Gostaria de ver tudo, acompanhar vocês. Preciso saber algumas coisas... As nossas amigas passaram muitas informações. No entanto, sinto que falta um elo, eu gostaria de saber muito mais. Estou sempre pensando em questões básicas que, por não me responderem com a franqueza que eu gostaria, tornaram-se situações complicadas e ainda não resolvidas. Será que estamos muito longe de casa? Notou

que não nos informaram nada? Preciso saber mais.

— Muito mais – reforçou Augusto. Por exemplo: fico observando da janela. Chegou a ver os veículos curiosos nos quais todos se transportam? Quando cheguei, eu vi muitos rodando por aí. De repente, desapareceram...

Jaciara entrou na conversa explicando logo:

— Não sabem porque não perguntaram. Sempre respondemos a todas as dúvidas que nos apresentam; jamais deixamos alguém sem esclarecimento. Evitamos, porém, encher a cabeça dos doentes e dos convalescentes com informações supérfluas, acreditando que, quando o assunto interessa, o próprio doente pergunta. Se não perguntou, para que levantar problemas desnecessários? O primordial é que se recuperem o mais rápido possível. Com o tempo, eles mesmos irão mostrando suas necessidades e perguntando, perguntando...

Quanto às conduções, elas não desapareceram; apenas não podem entrar no parque interno, nem ficar próximas dele, para que os pacientes tenham o máximo de tranqüilidade e calma. Regulamento, disciplina, cuidado com os pacientes: são nossas metas prioritárias. Mas, existem diversos tipos delas sim. Velozes e adaptadas às situações para as quais são usadas. Quanto à locomoção dos funcionários, quem mora na cidade, tem seus horários de trabalho, vai e volta. Geralmente fazem isto no ônibus aéreo. Vocês vão conhecê-lo e até andar nele logo que aparecer a oportunidade. É um carro muito interessante: anda acima do solo, cerca de dois metros. No meu caso e de Dalva, porém, raramente o usamos, pois não saímos todo os dias. Moramos aqui mesmo, em local destinado aos funcionários que residem na própria instituição.

— Mas têm horas de descanso, folgas, férias e outras coisas, não? — perguntou Danilo.

— É claro que sim! Todas as pessoas devem trabalhar e descansar. É básico!

— E por que vocês moram aqui? Não têm família?

— Por perto não. Como gostamos de trabalhar aqui, preferimos morar juntas, pois sempre fomos grandes amigas.

— Estão aqui há muito? – perguntou Augusto.

— 10 anos – respondeu Dalva.

— Um tempão! Então, devem conhecer todo o complexo, suponho. Como vieram parar aqui? Sempre foram enfermeiras?

— Sim, mas chegamos aqui por diferentes caminhos, como pacientes e, depois, fomos convidadas para ficar e aceitamos. Gostamos de cuidar de doentes, ajudar, vê-los ficarem cada vez melhores a cada dia. Sempre fizemos isto na vida...

— Quem convidou vocês para permanecerem aqui?

— Francisco, um dos diretores.

— E se não quisessem ficar?

— Não ficaríamos, ora! Restabelecidas e curadas, iríamos procurar outro trabalho, normalmente. Caso não

tivéssemos muita certeza do campo em que desejaríamos trabalhar, entraríamos em contato com o Departamento de Colocação de Ex-Pacientes e eles nos encaminhariam para uma orientação e posterior escolha de local de trabalho. Tudo democraticamente, como devem ser as escolhas pessoais, pois, já que arcamos com as conseqüências do que fazemos, devemos também escolher livremente o que fazer. Entenderam?

Augusto estava cada vez mais interessado e Danilo cada vez mais pensativo. Alguma coisa o incomodava, no íntimo. Augusto continuou:

— E o tratamento de vocês demorou muito? Tratamentos aqui são longos?

— Depende do caso e do paciente – falou Jaciara. Já vi pessoas que ficaram ótimas em uma semana, outras que levaram dez anos ou mais e outras que chegaram e nunca se recuperaram. Estas tiveram que ser transferidas para outros locais mais condizentes com os problemas delas. Há casos também dos que chegaram já prontos, sem precisar de

tratamento ou adaptação e começaram direto no trabalho de ajuda.

Quanto ao meu caso, não foi muito longa a adaptação. Colaborei bastante, graças a Deus. Eu realmente queria ficar curada, limpar minha mente e meu coração e renascer para uma nova vida de auxílio ao próximo e elevação própria. Eu sabia que era a responsável pela minha doença, pelo estado em que cheguei aqui e me sentia humilhada com isso, sabem? Mas ninguém nunca me cobrou nada, nem me menosprezou por causa da minha fraqueza passada. Ao contrário, só tive palavras de ânimo e encorajamento.

Vou contar para vocês dois: eu sou uma suicida, sabem? Tudo que aconteceu depois foi uma agradável surpresa para mim, mas também motivo de muita vergonha pela minha fraqueza.

Imaginem vocês que eu fui casada. Com alguém que me fez sofrer muito e a quem não perdoei jamais, mesmo depois de separados. Ao contrário, meu ódio por Mauro foi me dominando tanto, o meu desejo de vingança crescendo, eu só pensava nele, sempre nele. É claro,

desejando as piores coisas para ele, culpando-o por tudo que me acontecia. Não notava que minha atitude me amarrava nele cada vez mais, ao invés de me livrar dele... Não bastaram os avisos de minha mãe, que eu sempre considerei uma mulher muito sábia. Ela me dizia o óbvio: que o ódio prende tanto ou mais que o amor e, no fim, o que eu estava fazendo era justamente o contrário do que queria: ligava-me cada vez mais em quem só me fez mal. E não conseguia me separar de um passado dolorido e infeliz, de uma pessoa que nada tinha a ver comigo. Só quem perdoa consegue se desligar e seguir em frente. Mas eu não perdoava, não esquecia, amaldiçoava. Só pensava em vingança, enviando na direção dele os piores pensamentos que tinha. E, logicamente, recebendo-os de volta, pelo choque do retorno. E – olhem só – eu nunca fui uma pessoa má, tenho certeza. Nunca guardei ódios nem rancores, sempre procurei colaborar e ajudar as pessoas. Só Mauro, só Mauro, ficava atravessado na minha garganta, me sufocando.

Com o tempo, foram aparecendo doenças em mim – e não nele. Alergias inexplicáveis, pânico, angústia, dores no peito, tudo aparecia sem causas, sem que os médicos conseguissem explicar. De fato, eu não sabia – nem eles – que, no físico, havia só o reflexo de uma mente envenenada por ela mesma durante anos e que se atrofiara toda.

Eu, cada vez pior, já cheia de doenças inexplicáveis cientificamente – pois cheguei a ponto de ter os sintomas físicos e a doença não aparecer nos exames – comecei a ter ligeira idéia do mecanismo do que me acontecia, mas o veneno – o meu próprio veneno – já havia me tomado irremediavelmente. Foi horrível! Vocês nem imaginam como sofri com minhas doenças! Cheguei a ter um choque respiratório – até hoje não explicado pela medicina convencional – mas muito bem explicado pela lógica e pelo bom senso. Digamos que eu forcei demais a máquina, sem azeitá-la com a compreensão e a humanidade.

Vejam só: nunca me passou pela cabeça que, se eu censurava tanto Mauro,

ele talvez me censurasse também, com alguma razão. Será que a culpa do fim do casamento era só dele? Será que eu teria sido tão maravilhosa para ele e ele tão tenebroso para mim? E, mesmo que ele realmente nada tivesse feito de bom, por que não coloquei por cima de tudo a pedra do perdão, libertei-o e me libertei também, seguindo o meu caminho em paz?

Enfim, tudo passou, sofri muito antes de vir para cá, cheguei aqui sofrendo, mas me curei e estou aí. Só lamento o tempo útil que perdi com isto, com esta idéia boba de vingança...

A moça balançou os longos cabelos negros e lisos, afastando velhas lembranças e sonhos que não se realizaram.

— Não vi o suicídio nesta história – murmurou Augusto.

— Não o viu no fim da história porque ele foi lento, durante toda a história. Cada dia eu me matava um pouquinho, me envenenava em pequenas doses, me destruía em pensamentos doloridos. Até que o corpo cansado dos ataques de uma

mente doente, explodiu junto com ela e fui atirada para cá...

— E você, Dalva? — falou, bem baixinho, Danilo.

A bela moça, enfiando os dedos nos cabelos castanhos e anelados até os ombros, sorriu:

— Muito simples. Andava pela rua e uma bala perdida me atingiu. Só! Não vi o que foi que me fez cair, pois nem dor senti. Aliás, nem mesmo vi quando caí. Só fiquei sabendo de tudo depois, quando saí do prolongado coma. Como podem ver, cada um de nós tem sua história. O importante, porém, é que vencemos e aqui estamos, prontos para recomeçar e recomeçar melhor. Nada como a experiência pessoal para melhorar as pessoas. Devemos ver sempre o lado bom e positivo dos fatos e tirar só as lições que poderão melhorar o nosso futuro e o dos outros. O resto é passado. Acabou e fim!

Os quatro ficaram algum tempo calados, pensativos, olhando para um ponto no infinito. Algo ainda tímido e inexplicável brotava nas mentes de Augusto e Danilo.

Jaciara quebrou o silêncio:

— Não acham que já passearam bastante para um primeiro dia? Agora, penso que devem voltar e visitar André e Pedro, não é mesmo?

— Prefiro ir para o quarto hoje. Sinto-me indisposto e preciso descansar – falou Danilo.

Augusto concordou:

— Vou visitá-los sim. Quanto a você Danilo, descanse bastante, pois acredito que precisamos conversar muito. Procuro você amanhã cedo.

Ninguém saberia dizer porque, de repente, os dois falavam baixinho, circunspectos. As moças, caladas, respeitavam o momento e apenas acompanhavam os seus pupilos convalescentes.

Devagar, os quatro voltaram ao hospital. No entanto, quem reparasse melhor nos olhos azuis de Danilo veria que eles, quais duas safiras, nadavam e nadavam em pérolas de lágrimas que, no momento, se negavam a escorrer pelas faces...

OS TERRORES DE PEDRO

Augusto entrou pensativo no quarto de Pedro. Havia pensado muito, escondido no silêncio de seu quarto. Agora, resolvera agir. Afinal, nunca ficara parado diante da realidade. E não seria neste momento que esperaria que outros fizessem por ele, resolvessem por ele, enfim, vivessem por ele. Baseado na máxima de que a vida continua e acreditando que tudo passa e o que acontece é nosso destino resolveu reagir, olhar os fatos de frente e ajudar Pedro e André, pois, como Francisco dissera, se chegaram juntos havia algum motivo. E se permanecessem parados chegariam a lugar nenhum, ao aniquilamento, ao fim.

Encontrou o novo amigo cochilando na poltrona perto da janela, muito inquieto, com tremores nas mãos, emitindo sons ininteligíveis, como se estivesse preso a um sonho terrível.

Silenciosamente, sentou-se em frente a ele e ficou observando-o. Pedro sentiu a presença de alguém e abriu os olhos:

— Olá! Vejo que está bem melhor do que eu. Ainda bem que não é um fantasma. Sabe? Ultimamente dei para ver fantasmas... Como vê, não consigo controlar o sono. Tenho pesadelos, acordo e durmo de novo... Sonho com meus avós, que já faleceram há não sei quantos anos, falando comigo coisas complicadas, que não consigo entender. Ao mesmo tempo, penso que vejo um homem de pedra olhando para mim... Uma loucura! Estou exausto! Acho que estão me dopando, dando algum remédio para dormir, para entorpecer os membros, não sei por quê... Mas, como aqui tudo é estranho, não duvido de nada. Perdido por um, perdido por mil...

— Que conversa furada é esta? Não tem nada de estranho aqui. Ao contrário, é bem óbvio. Pare de fugir, rapaz! Acorde! Seja homem!

Augusto recuperara toda a serenidade e autocontrole. Encarou o outro com segurança na voz:

— O local é fabuloso e você está dormindo porque quer, porque está com

medo de abrir os olhos e encarar a realidade. Acertei?

— Que realidade? Estou perdido! E você também. Vai dizer que não tem suas dúvidas?

— Eu?! Nenhuma mais. Não, seu idiota, já matei a charada. Já as suas ainda são muitas, pelo que vejo.

— Não sei o que está querendo me dizer, mas posso adiantar com toda segurança que estamos confinados, sem nenhuma comunicação com o mundo exterior. Olhe só a gravidade desta afirmação: sem nenhuma comunicação com o mundo exterior! Nenhuma mesmo! Tenho certeza, certeza absoluta, que isto aqui é um laboratório de pesquisas, onde seres humanos são usados como cobaias por um laboratório que tenta criar uma arma química altamente poderosa e destruidora. Nem penso no que poderá acontecer conosco. Veja os produtos que estão ministrando em mim: estou totalmente apático, inerte, dormindo, tremendo, sem conseguir concatenar os pensamentos. É a prova.

E olhe o pior de tudo: já notei que é difícil fugir. Cair de novo naquele pantanal terrível que circunda este local? Nem pensar... Ir para onde mais? Quando estávamos lá, não encontrávamos saídas. Já aqui, agora, estão nos vigiando constantemente. Neste quarto e nos outros também, bem camuflados, existem câmaras de TV escondidas e gravadores. Sabem tudo que falamos, tudo que fazemos, tudo que sonhamos, tudo que desejamos, tudo que queremos. Conversam conosco como se nos conhecessem há milênios.

Acredito mesmo na possibilidade de termos sido raptados; eles já nos vigiavam antes, quando ainda estávamos trabalhando normalmente. Devem ter feito um estudo de nossas vidas e descoberto que temos boas condições físicas, que estamos bem para as pesquisas deles. Aí então, tentaram nos raptar. Mas alguma coisa deu errado e caímos naquele lugar. Então, eles nos procuraram de novo e nos trouxeram para cá.

— Meu Deus do céu, Pedro! Onde é que tirou estas idéias? Nunca vi tanta

asneira junta! Ficou maluco de vez? Vou contar um caso da minha infância para você: quando meninos, na escola primária, eu e meus amigos gostávamos de fazer campeonatos de lorotas. Quem contasse a maior, ganharia um prêmio previamente estabelecido. Geralmente, o prêmio era em dinheiro: uma parcela da mesada de cada um. O vencedor levava uma bolada... Olha, se você aparecesse por lá, ganharia todos os troféus... Rapaz... Estou perplexo com este festival de besteiras...

— Que besteiras que nada! Não sou burro, cara. Sempre trabalhei com gente treinada para pensar rápido. Gente conhecedora de assuntos bélicos, secretos, sei lá...

— E daí? Sou militar... E nem por isso saio por aí falando estas coisas...

— Mas não parece. Não está estranho tudo aqui não? Vamos, pense! É muito claro que estamos em outro mundo, isolados num local diferente daqueles que conhecemos e estamos acostumados.

— Aí, sim. Sabe que começo a concordar com você em alguns pontos?

Muito mais do que pensa, meu caro. Aliás, eu também tenho certeza de que estamos em outro mundo. Mas não tão longe do nosso como pensa.

— Não falei? Você está é escondendo informação. Será que isto tudo é patrocinado por alguma organização estrangeira? Uma multinacional poderosa? Que acha? Vamos, solta a língua! Aposto que você já sabe! Devemos estar no coração da selva amazônica. Justamente! Aqui há muitas plantas medicinais, tóxicas, venenosas, carnívoras... Já reparou na vegetação? É exuberante demais para ser um matinho qualquer...

De repente, Augusto recobrou o bom humor habitual e foi acometido de uma crise de riso aberto e franco. A expressão idiota e assustada do outro o divertia intensamente. Resolveu pôr um fim naquela situação boba e sacudir a mente do amigo recalitrante. Controlou o riso e falou com sua voz trovejante:

— Acho que aqui é um hospital e fim. E muito mais breve do que pensa sairemos daqui. A não ser, é claro, que

você queira ficar empacado aí. Acorda, rapaz! Raciocina!

— Ah, é? Está pensando que sou maluco, é? É porque você ainda não ouviu o André, aquele cara que nos ajudou no fim e veio para cá conosco. Estive com ele, ou melhor, ele esteve comigo, pois foi ele quem veio me visitar. Está doidinho, rapaz! Sabe o que me garantiu, provando por $a + b$? Que estamos numa base espacial e que extraterrestres nos estudam. Gostou? De certa forma, é uma hipótese a estudar também. E tanto com laboratório como com extraterrestres, estamos ferrados de qualquer maneira.

E sabe baseado em que ele afirma isso? Ele me contou, jurou mesmo que era verdade, que estava quase dormindo, quando um vulto branco e luminoso, deslizando e parecendo não tocar o chão, entrou no quarto e parou ao lado dele, bem na cabeceira. Ele fingiu dormir, quietinho, prendendo a respiração, horrorizado e pensando que tinha chegado a hora dele. Estavam tão perto um do outro que ele sentia o calor vindo do estranho ser. O vulto começou a flutuar —

flutuar, ouviu? – em volta da cama. Passou repetidas vezes as mãos no ar, em várias direções do corpo dele, parou um pouco com elas em cima da cabeça dele e saiu silenciosamente. Bicho, deve ter sido um pesadelo e tanto...

— Coitado! Vai ficar biruta por medo de entender a realidade... Sabe de uma coisa? Eu atraio doidos varridos, descobri agora. Com tanta gente para ser salva comigo, fui logo ser salvo junto com vocês dois! Arre!

— Que nada! Doido é você, que não se preocupa com nada e vai morrer sem saber porquê se continuar assim. Eu sou muito normal. Quanto a André, acho que ele já nasceu um pouco desregulado, pois não acredito muito nisto de ET's não... Veio com um papo muito estranho, contatos de terceiro e quarto graus e outras coisas mais. Falou em seres intergalácticos, inteligência sideral, sons do espaço, naves e bases espaciais. Está convicto disto. Depois disto, ainda pensa que sou maluco?

— Quem são vocês para serem malucos numa hora destas? Acho que são

é idiotas mesmo... Aprenda: o segredo é enfrentar de frente as coisas que nos ocorrem e nos metem medo. André, inconscientemente, já sabe o que aconteceu conosco. Ele está é com horror de encarar os fatos, pois, logicamente, algumas coisas vão mudar na vida dele. Como você. Sinto muito, mas é a verdade. Você afirma que vocês dois são muito inteligentes, mas entendo que não consigam compreender: é duro acordar, mesmo que seja numa situação boa como agora.

— Que situação boa? Que verdade é esta sobre a qual você está falando? Acordar como? Quer misturar mais ainda as minhas idéias e baratinar de vez o meu cérebro cansado? Pelo amor de Deus, cara...

Augusto sempre foi um homem prático, corajoso e forte em todas as situações. Continuava sendo. Olhou para o outro e teve pena, notou a fragilidade dele, ao vê-lo com tanto medo, tão longe da realidade. Resolveu adiar a conversa que pretendia ter com ele. Amaciou a voz:

— Não se preocupe, Pedro. Descanse e não tenha medo. Oportunamente conversaremos. De repente, passo a pensar que o melhor é você dormir um pouco mais e deixar André com seus astronautas, internautas, ET's, sei lá o que mais. Enquanto isto eu reorganizo a minha mente, me acalmo e converso com um amigo que está aqui, Danilo. Quanto ao tal André, não se preocupe. Parece-me que ele é gente boa. Depois, sabe o que nós dois faremos? A gente dá um susto nele e ele melhora rapidinho. Por ora nem vou visitá-lo, como pretendia. A conversa com Danilo é muito importante para nós todos. Uma coisa eu posso afirmar para você: comece a se acostumar comigo, com Danilo e com André. Algo me diz que estaremos juntos um bom tempo. Não me pergunte porquê.

— Por que?

— Por que não sei o porquê... Tenho quase certeza. Mas, descobriremos, garanto-lhe.

Augusto deu uma gostosa risada. Pedro ficou sério:

— Se é que conheço as pessoas, posso afirmar que você já sabe muita coisa sobre o local onde estamos, por que estamos e o que fazemos aqui. E muito mais. Acertei?

— Você também sabe... Basta uma espremidinha em você...

Pedro murmurou:

— Posso até imaginar que sei, mas tenho medo...

— Não precisa ter. Agora está tudo sob controle, meu amigo.

— Alguma coisa irreversível? Diga-me, Augusto!

Augusto olhou em volta, conformado. Seu olhar era triste, mas sua voz firme:

— De certa forma, acertou. Mas não é nenhuma tragédia, confie em mim. É até uma coisa banal. Acontece com todo mundo, desde que o mundo é mundo...

— Estou assustado...

— Não precisa ficar assim. Poupe-se ao máximo. Preciso conversar mais com Francisco e Danilo e depois terei o máximo prazer em transmitir minhas impressões a você. Por ora, vá se esquecendo de ET's e

laboratórios com cobaias humanas. Posso garantir que, mesmo que não seja o que estou pensando, não é nada também do que vocês estão pensando.

— Uau! Que autoridade! Adianta logo alguma coisa, pelo amor de Deus! Pelo menos diga: corremos algum perigo iminente?

Augusto desatou a rir da ingenuidade do outro:

— Já corremos. Agora, afirmo que estamos imunes. Será muito difícil algo nos atingir. Descanse. Vai precisar de muita paz e força quando descobrir realmente onde nós estamos. Confie em mim.

Augusto saiu pelo corredor, andando devagar e ainda rindo da cara assustada do outro, dos ET's e laboratórios, de si próprio, que se julgava tão inteligente e rápido no raciocínio e havia levado tanto para compreender...

A REVELAÇÃO

Danilo acordou muito bem disposto, sem sentir dor alguma e nem mesmo se lembrar do coração. Mas, mesmo com este estado de espírito, foi com um sorriso de amargura indefinível que recebeu Augusto:

— E então? Pesquisando muito sobre o local onde estamos?

— Deixe de conversa, Danilo! Você sabe tanto quanto eu onde estamos... Melhor do que eu.

Augusto assentou-se pesadamente na poltrona, olhando para o horizonte azul da manhã linda, absorvendo a luz da paisagem maravilhosa que se descortinava da janela. Com sua acuidade mental já funcionando perfeitamente, notou a beleza do momento e também que já havia pacientes andando nas alamedas, embora fosse muito cedo. Pelo que viu, sentiu que a vida não parava naquela gigantesca colméia onde agora vivia.

Olhou tristemente para Danilo:

— Difícil vai ser explicar para Pedro e André. E parece que eles serão nossos companheiros num futuro próximo... Pelo que entendi, temos algumas coisas em comum, embora eu não possa imaginar quais. Mas deixa para lá... Vamos homem, saia logo desta cama! Você sabe que ela não é mais necessária! Vamos encarar logo!

Danilo levantou-se em silêncio e caminhou até a janela, junto ao amigo. Sentou-se no parapeito dela, uma perna para dentro e outra para fora. Encostou-se relaxado na lateral. Não estava abatido, estava triste. Encarou o outro, com um meio sorriso:

— Nunca pensei que fosse tão bonito do lado de cá... Mas também nunca pensei que viria tão cedo. Estou cheio de saudades, Augusto.

— Eu também. Fazer o quê? Tem saída? Você entende disto melhor do que eu. Sempre acreditou em tudo que agora vê como realidade, não? Ouso dizer que você sabe, pelo menos por intuição, quais serão os próximos passos.

— Não tem saída não, meu amigo. Estamos do outro lado, onde só tem caminho à frente. Não sei se isto é bom ou mau, mas esta caminhada não tem volta. Pelo menos nesta etapa. A volta será de outra forma, noutros ambientes, noutros locais, outras pessoas ligadas a nós. Meu Deus! E eu que tinha tanto medo da hora, não a vi chegar!

— Pelo menos você sabe como aconteceu: problema cardíaco. E eu, que nem sei? Só me lembro de ter caído. Mas, caído por que? E logo no meio da rua...

Danilo sorriu:

— Você sempre gostou de confusão, confesse! E deve ter provocado uma das maiores! Ajuntamento de gente e coisas assim... Pode ter sido atropelamento, já pensou nisso? Lembra-se que Jaciara falou que só não sabemos o que não perguntamos? Que aqui eles respondem a tudo?

— É... Vou perguntar... Agora, já não interessa tanto assim... Já não penso mais que foi seqüestro ou assalto. Será que foi coração também? É uma hipótese...

Pela primeira vez, os dois se descontraíram num repente e riram da situação. Foi neste momento que entrou Alberto e, sem cerimônia, assentou-se na cama:

— E então? Como vão os dois? As pesquisas estão sendo proveitosas? Alguém tem novidades?

Danilo adiantou-se:

— Por que não me falou antes, Alberto? Por que me deixou descobrir sozinho?

— Porque você mesmo quis assim. Agüentaria ouvir antes? Ou melhor, ouviria? Seus ouvidos estavam cerrados. Nem mesmo enxergar o local você queria! Fechava os olhos frente a qualquer ameaça de descobrir a verdade. Verdade que, para ser entendida e compreendida, bastava ser observada. Ainda mais você que, desde criança, leu e aprendeu sobre certas coisas que, agora, nos últimos tempos, está presenciando. De tão assustado, nem notou. Perdoe-me, mas, em certas situações, seu comportamento chegou a me fazer rir. Foi cômico. Mas saiba que você sempre soube, Danilo. Só

não deixou aflorar o que pensava. Não se preocupe. Não é um caso único. Toda transição assusta e forma bloqueios. No fundo, vocês dois estão se saindo muito bem da situação, vencendo a maior das batalhas. Lembra-se de Paulo, em 1 Coríntios 15,26? “O último inimigo a ser destruído é a morte” disse ele. E quanto a você, Augusto?

— Confesso que estou perplexo. Nunca tinha me interessado pelo assunto e o “depois” para mim era uma incógnita, com a qual não me preocupava, pois acreditava estar muito distante. Os primeiros dias, no entanto, não foram animadores nem agradáveis e acredito que terei uma explicação a respeito.

— Terá todas. Caso continue julgando que precisa delas. Pode acontecer também que se desinteresse e nem queira saber, archive tudo e siga em frente.

— Ótimo! Bem, estou pronto e resignado. Apenas lamento, pois estava em uma fase excelente da minha vida, onde era imensamente feliz, depois de muitos anos de solidão. Isto está doendo

muito no meu coração, creia-me. E agora, o que acontecerá?

— Tudo que tinha que acontecer já aconteceu. Posso garantir que ninguém deixou de ser feliz. Vocês dois apenas passam por um momento que é complicado para todos. Ou para a maioria. Embora ainda não saibam, o passado remoto abona vocês. Tudo que está acontecendo com vocês e o que acontecerá, tudo mesmo, tem razão de ser. E, há séculos, vocês vêm se programando para o hoje. Não se enganem: está tudo certinho! Francisco e eu somos os responsáveis por vocês aqui. Caso necessitem – e eu quase acredito que não precisarão delas, que se recordarão espontaneamente – terão, daqui a algum tempo, algumas aulas conosco, junto com outros que se encontram na mesma situação. Aliás, não são propriamente aulas, são agradáveis reuniões de informação, digamos assim. Depois, como um rio, tudo seguirá seu curso e as águas da vida arrastarão vocês e seus destinos, diluindo o que não se fizer necessário.

— E os nossos? Nunca mais os veremos?

— Pergunte ao seu amigo Danilo. Ele se lembra perfeitamente das coisas que leu e estudou. Será bom que vocês conversem bastante. Aqui não existe a expressão “nunca mais”. Mas tudo acontece a seu tempo, sem atropelos nem precipitações. Não tenham medo. Tenham fé.

— E depois, é irreversível mesmo! – completou um triste Augusto, esfregando os olhos com as costas das mãos.

— Irreversível tudo pode ser, dependendo da colocação pessoal que fazemos dos fatos. Mas nada é trágico como pensa, posso afirmar e dar minha palavra de honra. Aliás, não tem nada de tragédia. Quando souberem de tudo que é possível aqui, verão que aqueles que cá aportam podem trabalhar muito, ajudar muito, estudar muito, amar muito, sonhar muito...

— É... Tomara que você tenha razão. Agora vá se preparando: duro mesmo vai ser convencer André e Pedro.

— Que nada! Na hora “H” eles suportarão bem o choque da verdade. Garanto-lhes. E animem-se! Amanhã de manhã nos reuniremos e teremos um primeiro encontro dos novos pacientes sob minha responsabilidade, para que se conheçam e troquem informações. Não mais ficarão parados, como doentes que não são.

— Gostaríamos de começar logo a fazer algo, sei lá, encaixar... – falou Danilo, já pensando na parte prática.

— E farão. Já temos planos para vocês. Se aceitarem, é claro. Mas acreditamos que, como se recuperaram muito bem, já podem se incorporar logo à nova vida, continuando assim o caminho eterno do destino de cada um. Até amanhã de manhã, façam o que quiserem. Têm liberdade para andar à vontade, conversar com as outras pessoas que aqui estão, tanto com os pacientes quanto com a equipe médica ou de enfermagem. Melhor dizendo, podem perguntar tudo a qualquer um que encontrarem pelo caminho. Passeiem, descansem,

procurando assimilar o melhor possível a nova situação. No fim, gostarão muito.

Com um sorriso maroto, Alberto deixou-os a sós, com suas conjecturas, lembranças e planos.

DONA MARIETA E DONA CACILDA

Dona Marieta e Dona Cacilda já nem mais doentes ou convalescentes eram no hospital, tanto tempo estavam lá. E nem faziam questão de contar os dias. Inquestionavelmente, elas eram a alegria geral. As duas velhinhas andavam por todo lado, conheciam tudo e todos e estavam sempre presentes para ajudar à direção e ao corpo clínico, atuando certamente com sua simpatia e conhecimentos. Eram dois anjos no meio daqueles doentes e convalescentes, preciosas ajudantes dos médicos e orientadores. Indispensáveis e amadas. Na manhã azul, as duas, como sempre, conversavam debaixo da janela de Danilo. Era o banco preferido delas, pois ficava dentro do canteiro de rosas amarelas.

E foi assim que se estabeleceu o contato. Dona Marieta olhou para cima, viu Danilo e Augusto na janela, acenou e, em pouco tempo, os dois já estavam no banco florido conversando com elas.

— E aí, meus filhos? – começou logo Dona Marieta. Que caras mais murchas!...

— As senhoras sabem – falou Danilo reticente – sem saber se elas sabiam ou não – chegamos há pouco e hoje tivemos um susto. O que se pode chamar de um susto tranqüilo, mas susto. Estamos um pouco perdidos...

— Eles estão com medo de falar, pensando que não sabemos – Cacilda cutucou Marieta. Podem falar, rapazes. Estão com tanto medo assim de dizerem que descobriram que estão mortos?

Era a primeira vez que uma palavra relacionada à morte era pronunciada e o efeito foi bombástico: Danilo lívido e Augusto de boca literalmente aberta.

— Ora, ora – continuou Dona Marieta – mas que bobos vocês são! Meus queridos filhos tratem de acordar! Olhem para vocês, olhem para nós. Não aconteceu nada demais. Estamos mais vivos do que antes. Eu pelo menos me sinto assim. Com muito mais discernimento, visão e compreensão. Fora a disposição física que, do lado de lá, eu já não tinha mais. Voltaram todas as coisas boas... Repito: não aconteceu nada demais. Mudamos de plano de vida e é só.

Mas a vida, a vida que pulsa do lado de lá, é a mesma que pulsa do lado de cá. São apenas lados de um mesmo rio, de uma mesma correnteza.

— Mas não tem ponte para o lado de lá — falou Augusto desconsolado, mostrando sua filosofia de vida: prática.

As duas velhinhas pareciam divertir-se e, ao mesmo tempo, já adotavam os novos filhos que chegavam. Dona Cacilda, tal qual uma mãe bondosa, pegou numa das mãos de Augusto, que estava sentado ao lado esquerdo dela:

— Como não tem ponte, meu filho? Quem falou com você?

— Falam, falam, mas a verdade mesmo é que nunca vi ninguém que eu conhecesse e que tivesse morrido aparecer para mim depois de morto. Agora, vai ser o contrário. Duvido que verei alguém de lá ou alguém me verá... Se é que eu vou ter chance de chegar pelo menos perto do antigo lar...

— Vocês estão amargos, quando deveriam estar felizes. Acabaram de superar sem grandes problemas uma das barreiras da Eternidade. E nem imaginam

quanta gente se agarra ou se perde por aí pelos caminhos, antes de chegar onde vocês estão.

— Imagino, sim. Dei umas voltinhas “por aí” antes de chegar aqui...

— Ah, esteve por lá, pelas cavernas? Mas, por muito pouco tempo, imagino. Por que é que vocês não acabam logo com essa melancolia e reagem?

— Estamos tentando, mas está difícil – suspirou Danilo, na maior sinceridade.

— Marieta – falou Cacilda – precisamos dar um jeito nesses dois. E já. Senão, vai ser uma lamúria só... Olha aqui, crianças, vamos acordar, sacudir a poeira do tempo e das dores passadas e olhar para os lados, para frente, nunca para trás. Só se olha para trás quando é necessário estender os braços e pescar alguém, ajudá-lo a vir até nós. Vamos raciocinar friamente.

— Assim é que eu gosto – falou Augusto.

— E eu também – respondeu Dona Cacilda. O que aconteceu com vocês acontece com todas as pessoas, portanto, não é novidade nenhuma. Basicamente, é

isso: quando nascemos lá, morremos aqui e, quando morremos lá, nascemos aqui. Tudo temporariamente, fazendo parte de uma cadeia em direção ao Eterno. Temos muito mais prática de nascer e morrer do que imaginamos. No entanto, não precisamos temer: tudo é vida, vida eterna. Lá ou cá, somos sempre os mesmos. O que morre são as cascas inúteis que tiramos de cima de nós, após usá-las temporariamente. Daqui nós ajudamos aos que ainda virão. Por sua vez, eles, de lá, também nos ajudam, quando nos mandam bons pensamentos, boas vibrações, preces e luzes de amor, cada vez mais intensas, dependendo da vibração e da elevação de quem as manda. Tudo isto é uma transfusão de forças, benéfica para todos.

Gosto de pensar que somos todos longas penas das asas brancas de um Grande Anjo, que voa incessantemente em direção ao Infinito. Formamos um conjunto. Juntos, somos algo e caminhamos para algo maior. Sozinhos, somos penas desgarradas, perdidas, voando ao léu...

Se vocês vieram agora, é porque estava na hora, pois nada acontece fora do Grande Roteiro. Continuarão a viver, trabalhar, amar, sonhar, apenas em outro plano. Principalmente, terão chance de ajudar. Ajuda consciente, construtiva. Um dia todos os que amamos estarão conosco. E os outros, que ainda não tivemos oportunidade de amar, estarão também incorporados, nos amando... E este dia estará tanto mais próximo quanto mais lutarmos para que seja feliz.

Vocês se encontram num local de transição, onde males do espírito começam a ser sanados, as vestes sujas retiradas e as novas colocadas, todos sendo conscientizados da realidade, antes de seguirem seus caminhos. Serão informados sobre tudo aqui, conhecerão bem o local e, quando estiverem prontos, partirão para outras paragens melhores.

Francisco e Alberto me disseram que, amanhã de manhã, eles vão reunir um pequeno grupo para troca de informações e esclarecimentos. Vai ser bom para vocês. Sabemos que há ainda dois amigos que chegaram com vocês e que ainda não

conseguiram se convencer bem do que acontece. Vamos tentar colocá-los no ponto para a reunião de amanhã! Na verdade, os dois já sabem o que ocorreu. Mas, inseguros, estão com muito medo, medo do desconhecido para eles. Logo se darão bem. São bons rapazes. Agora mesmo, antes de irmos para cá, soubemos que André teve uma grande crise de choro. Isto é bom, lágrimas lavam a alma. Não foi só crise de choro, foi crise de despertar também. Já quanto a Pedro, depois da conversa que teve com você, Augusto, não tem mais dúvidas. Você conseguiu acordar o inconsciente dele e o consciente reagiu. Ele acordou, não sente mais aquele sono povoado de sonhos, parou de tremer. No entanto, cauteloso, espera novo diálogo, desta vez mais esclarecedor e objetivo, para se sentir mais seguro.

Dona Cacilda desatou a rir:

— Sabem o que fizemos para que os dois começassem a reagir? Alberto foi ao quarto de cada um e contou que Augusto ia ser transferido de hospital e que os dois só poderiam ir juntos se melhorassem.

Como duas crianças, eles melhoraram logo. Não querem perder a única referência que têm neste local. É que aqui eles pensam só conhecer Augusto e, sem ele, como ficarão? Augusto é mais velho, lembra-lhes a figura do pai, transmite segurança com este modo forte de falar. Como vêm, as coisas estão melhorando e caminhando bem. Amanhã os dois estarão melhores.

Dona Cacilda levantou-se e falou enérgica:

— E agora, vamos passear. Vamos mostrar para vocês ótimos locais para descanso e meditação e também começar a apresentá-los a alguns amigos que estão por aí. Já está mais do que na hora de se enturmarem. Vamos lá?

E, mais que depressa, cada velhinha segurou no braço de um dos seus novos protegidos e, saltitantes como dois passarinhos, puxaram os dois em direção às fontes.

NOVOS AMIGOS

Dona Marieta e Dona Cacilda, como duas adolescentes sapecas, conversando e tagarelando, arrastaram Augusto e Danilo para uma das fontes termais do parque, onde um grupo já se encontrava reunido, assentando na grama, ao lado das águas.

— Bom dia para todos! Trouxemos novos amigos, Augusto e Danilo. São recém-chegados.

Cumprimentos e uma roda de papo foi formada, à sombra de imensa e copada árvore, cheia de cachos de flores rosadas, cujas pétalas transparentes, de quando em vez, caíam sobre as cabeças de todos como gotas etéreas.

— E então? — um senhor idoso perguntou aos dois. Estão gostando? Já se adaptaram bem?

Danilo sorriu amarelo, entre aborrecido e ansioso por mais explicações:

— Para dizer a verdade, é a primeira vez que saímos e entramos em contato com outros pacientes. Quero dizer, com outros moradores, não é? Tudo é ótimo,

bom, tranqüilo, mas ainda não sei se estou gostando muito de estar aqui... Sabem como é, não é?

O senhor Mário era o mais alegre e descontraído do grupo:

— É, sabemos. Praticamente todos se ressentem desta fase, em maior ou menor intensidade. Há os raros que não sentem nada, mas nem sequer moram por aqui, estão mais acima, digamos assim... No entanto, passado algum tempo, nunca encontrei alguém que não estivesse feliz...

— O senhor está há muito tempo aqui?

— Ninguém fica muitos anos, a não ser que se incorpore à equipe e encontre bom motivo para ficar e trabalhar. Caso contrário, segue seu destino. Há dez anos moro por cá, mas a minha transferência já está sendo providenciada. Vou para uma instituição onde todos se dedicam à educação e orientação, transmissão de comunicados entre os dois planos e coisas assim. Digamos que trabalharei nos Correios daqui... Sempre gostei disto quando estava do lado de lá. Lia toda a literatura a respeito do além da vida. E

freqüentava reuniões onde havia sério intercâmbio entre os de cá e os de lá, com mensagens escritas e faladas. Como sabem, a evolução não dá saltos e continuo gostando dessa correspondência...

Preciso começar logo a trabalhar, já me atrasei muito. Ninguém reclamou comigo ou mesmo me chamou a atenção, mas me sinto envergonhado e desconfortável. O trabalho é necessário e fundamental. Não existe ócio no Além, meus filhos. Aliás, não deveria existir em lugar algum. Uma recuperação o mais rápida possível e todos para frente!

Infelizmente, mesmo tendo sido um espiritualista atuante, forte depressão tomou conta de mim quando cheguei e demorei muito a superá-la.

— Depressão?! — reagiram em conjunto Danilo e Augusto. Tem disso aqui também?!

— Claro! Não tem disso aqui, mas nós trazemos isso para cá. Entenderam? Trazemos conosco nossa bagagem íntima. Ela sempre anda junto a nós, por todos os caminhos onde andamos. E, por causa

disso, às vezes, as coisas se complicam muito e conseguimos apenas nos atrasar. Vejam: eu era muito apegado à minha família, à minha bem remunerada profissão e até à minha religião. Só pude trazer comigo a minha fé e não gostei. Queria mais. Sofri terrivelmente pensando que outras pessoas estavam desfrutando o que deixei. Quando soube que minha mulher havia se casado novamente, então é que enlouqueci! Imaginem: outro homem havia tomado posse de tudo meu e da minha família também! Nem me passou pela cabeça que este outro homem estava me ajudando e muito, pois estava amando e cuidando dos meus. Para mim era usurpação, traição e só!

Passsei primeiro por uma fase de loucura total. Tive que ficar isolado numa cela, pois me tornei violento. Depois, veio o desespero, a apatia, a depressão e, finalmente, a aceitação. Mas não creiam que foi fácil, pois demorei muito a colaborar com os que queriam me ajudar. Devo muito aos amigos de cá que me compreenderam, apoiaram e ajudaram, não sem me mostrar, em todos os instantes, a minha egoísta posição.

Hoje, visito periodicamente minha família e ajudo a todos. Até ao novo marido da minha mulher. Sem mágoas, fraternalmente. É o mínimo que posso fazer, pois eles sofreram muito por mim. Na fase mais forte da minha loucura cega, eu mandava vibrações terríveis como lanças envenenadas na direção deles e isto repercutiu em todos. Como sofreram! Portanto, o mínimo que posso fazer é reconstruir o que abalei, não acham? E é o que venho tentando fazer a cada momento. Felizmente, agora estão todos bem. Louvado seja Deus!

— E como é que a gente pode visitar e ajudar às pessoas que ama? — perguntou Augusto interessado.

— Aprenderá oportunamente. Não é difícil. Só exige dedicação e amor desprendido. Tenho certeza de que breve você estará visitando os seus.

— É? Se Esther estiver com outro, enlouqueço e faço uma confusão. Aliás, nem sei o que farei. A ele, não a ela.

Ninguém riu da cara fechada de Augusto que, imediatamente após falar, ficou com uma sombra no rosto.

Dona Cacilda, de um salto, ficou em pé na frente dele e colocou a mão direita na sua testa, desfazendo, como por encanto, a marca acinzentada que se acentuava abaixo dos seus olhos. Após, ela apressou-se a explicar ao recém-chegado:

— Pare com este pensamento imediatamente Augusto! E nem pense em recair novamente nele! Não sabe o que está fazendo neste momento, tanto a você como aos que ama. Pensamentos são setas certeiras, levando luz ou veneno. Não repita nunca mais pensamentos hostis em relação a ninguém, prometa-me, sim?

E, enquanto um envergonhado Augusto procurava se recompor do mal estar súbito que sentira, ela, virando-se para todos, continuou:

— Ao longo do tempo, vocês encontrarão aqui todas as histórias possíveis e imagináveis. Umhas tristes, outras mais tristes ainda, já outras alegres e algumas pitorescas. Cada ser tem sua saga e não é mudando de plano que ela será anulada. Olhem ali para nossa amiga Carmen. Ela reagiu à morte

muito bem. Fechou os olhos lá e abriu-os aqui, praticamente no mesmo instante. E sem medo algum, com muita segurança e paz. Teve uma passagem rápida, consciente e bonita. Colaborou em todas as etapas.

Carmen, que parecia ser muito tímida, ficou encabulada:

— Isto não tem mérito algum, Cacilda! Mas, se servir para ajudar aos dois novos amigos, eu conto. É que eu sempre fui espiritualista e tinha absoluta certeza de que havia vida do outro lado. E já sabia que morreria a qualquer momento. As dores de cabeça não me abandonavam e nunca me enganaram. Então, quando o aneurisma ia romper-se, eu tive uma espécie de premonição minutos antes e ganhei tempo para dominar o susto da mudança que se aproximava. Entendi que era chegada a hora. Hora que seria linda ou triste, de acordo com minha vontade. Concentrei-me, reuni as forças que ainda tinha e evoquei vocês para me ajudarem. Comecei a rezar e vi perfeitamente quando Marieta e Cacilda entraram no

quarto e começaram a me desligar. Cooperei com elas e fui me sentindo cada vez mais leve, mais calma, mais em paz. Foi lindo! Tentei ficar o mais consciente possível e assisti a todas as etapas. Rapidamente, me trouxeram para cá. Dormi uma semana, não sem antes agradecer a ajuda de todos e reconhecer o local onde estava. Foi o sono mais tranqüilo e repousante da minha vida. Da minha nova vida, aliás.

Augusto, pensativo, falou:

— Pelo que vejo, naquele lugar esquisito só eu passei...

Dona Marieta retrucou:

— Pois fique sabendo, meu filho, que aquele não é o pior nem o mais esquisito dos lugares que existem por aqui.

— Uau! – respondeu ele – o outro lado e seus lados!

— O outro lado e seus muitos lados – completou Dona Marieta. Aqui é um outro mundo, Augusto. Tem de tudo. Se você passou pelas cavernas, é porque necessitava passar. Um dia compreenderá porquê. Não fique se lamuriando, pois tudo acabou bem. Inácio e João passaram

por abismos maiores e por muito mais tempo. E aí estão, alegres e sorridentes, participando atualmente de equipes de socorro, nos mesmos lugares onde eles estiveram e sofreram. Digamos que trabalham com conhecimento de causa. A cada um conforme suas necessidades! Você vai entender isso tudo muito breve. Não é mesmo, meninos? – completou, dirigindo-se a Inácio e João.

Os dois confirmaram com presteza. E João falou:

— Sabe, Augusto, com o tempo você aprende cada vez mais. Hoje até agradeço pela experiência difícil que passei. Precisava dela, tenho certeza. As coisas não seriam boas para mim agora, se eu não tivesse passado por aquela escola e lá deixado o meu pagamento por algo do meu passado. Anime-se! Amanhã, na reunião com Francisco, tenho certeza de que seus horizontes se abrirão muito mais. E continuarão se abrindo. De repente, você verá tantas perspectivas de vida que ficará boquiaberto. Compreenderá que viver não é só aquilo que acontecia com você naquele

mundinho limitado chamado Terra, mas o que acontece com você no Universo infinito. Confie em mim.

E o papo desviou-se para notícias dos familiares de cada um, visitas programadas à Terra, tratamentos nas fontes e outras coisas mais.

Augusto e Danilo, cada vez se enturmando mais, acabaram participando ativamente das conversas entre os novos amigos. Dentro de algum tempo, já se podia ouvir a sonora gargalhada de um Augusto muito bem humorado.

OS SONHOS DE PEDRO E ANDRÉ

Pedro havia pensado muito, durante o dia inteiro, procurando raciocinar com calma e sabedoria, não deixando que as emoções o assultassem e cortassem o rumo das decisões que, sabia, precisava tomar.

Tinha absoluta certeza de que Augusto já tinha conhecimento de alguma coisa. Portanto, precisava melhorar urgentemente, levantar-se daquela poltrona e andar, senão perderia o outro de vista e ficaria sozinho naquele mundo desconhecido. Afinal, não sabia até onde poderia contar com André, mas quanto a Augusto tinha certeza: eles dois eram muito parecidos, tinham treinamento para situações como a que encaravam agora. E era o único parceiro com o qual poderia contar para encarar os carcereiros daquele local.

Queria e precisava participar da reunião que aconteceria no dia seguinte. Alberto dissera que teria respostas para todas as perguntas e, de quebra e se quisesse, poderia passear num parque

maravilhoso, o que só poderia ser bom para a recuperação dele. E ele não revelara ao bom médico que pretendia andar o mais possível pelo tal parque, tentando identificar possíveis rotas de fuga.

Pedro até já arquitetara um plano, caso não ficasse satisfeito com as explicações ou não conseguisse ver e descobrir nada interessante para a fuga. Estava convicto de que Augusto aceitaria sair furtivamente com ele durante a noite, quando então os dois tentariam localizar os arquivos do hospital e ter melhores esclarecimentos. Afinal, todo hospital tem arquivo. Após terem acesso a ele, resolveriam juntos quais as atitudes a tomar. Poderiam até comunicar o resolvido ao tal André, mas só depois de tudo muito bem resolvido e arquitetado, para que ele não falasse pelos cotovelos e atrapalhasse os planos.

Cansado de tanta emoção e tanto trabalho mental, caiu na cama e, logo, dormindo profundamente, começou a sonhar.

Viu-se andando pelos corredores e, finalmente, entrando numa imensa sala retangular que, aos seus olhos, pareceu um centro de controle. Ao longo das paredes havia máquinas muito parecidas com os computadores que ele conhecia. Mas pressentiu que eram mais modernas. Pensou que deviam ser o que os aficionados da informática chamam de máquinas de última geração ou mesmo topo de linha.

No centro algumas mesas com cadeiras e – alegria – formando um círculo interno e rodeando as mesas, imensos gaveteiros. Gaveteiros? Seriam arquivos?! Arquivos!

Deu um grito de felicidade, lançando-se sobre eles.

Não foi difícil localizar a letra “P” e nem a sua tão procurada e desejada pasta. Na capa, o seu nome: Pedro Monteiro. Abaixo, o número do quarto: 321. Dentro, um envelope e algo parecido com um CD.

Correndo, assentou-se diante de uma das máquinas que, ao simples toque de suas mãos no teclado, acendeu o visor,

aparecendo nele um comando: PEDRO MONTEIRO. Parecia que havia uma câmera em cima do vídeo. Fantástico! Fora identificado pelo próprio rosto! Tecnologia de ponta! E disso ele gostava! Rapidamente colocou o CD. Nem precisou dar qualquer comando para que a tela mudasse de cor.

Incrível o que viu: sua fotografia! Uma fotografia anterior, quando ele era mais moço. Aliás, a que mais gostava! Ora, ora! Ele tinha razão afinal! Bem que dissera a Augusto: aquilo pertencia a alguma nação estrangeira e só usava o rótulo de hospital. Ali se faziam pesquisas, estava claro. E, como havia suspeitado, usando cobaias humanas. Poderia haver até tráfico de órgãos. Nunca errava!

Recostou-se na cadeira confortável, com apoios para a cabeça, para os braços e para os pés. Convenceu-se de que tinha acertado mais uma vez. Era óbvio e ali estava a prova: logo após o retrato, uma verdadeira e perfeita relação de todo o funcionamento de seu organismo, com mapas e laudos, que pareciam laudos médicos. Seu sistema circulatório era

apresentado tão bem, que ele via o sangue correr nas veias! Como num cinema, ele via seu corpo funcionando, transparente. Assustador, mas fantástico!

Meu Deus! – um raio cruzou seus pensamentos – seria mesmo contrabando de órgãos? Já lera algo sobre isso. E tinha visto um filme muito esquisito e aterrador também, sobre o mesmo tema, onde retiravam órgãos das pessoas vivas! Será que quem fez o filme tinha alguma idéia de que o assunto podia ser verdadeiro mesmo? Afinal, na Segunda Guerra Mundial foram feitas experiências com cobaias humanas, depois consideradas crimes de guerra. Será que o pesadelo ainda existia? Só podia ser! Relatórios sobre suas mínimas doenças, problemas físicos e emocionais e até esquemas ósseos e neurológicos. Não havia mais dúvida. Estava certo! E tremendamente apavorado, suando frio, a testa molhada, sentiu-se em perigo iminente de vida.

De susto em susto, foi percorrendo as telas: aquilo não era definitivamente um simples prontuário de internação. Era uma história: a história de sua própria vida! E

com todos os detalhes físicos, emocionais, psíquicos, familiares! Até genéticos!

Extasiado, viu sua cadeia de DNA decifrada! E, embora devesse ser uma longa descrição, notou que os cientistas daquele local já haviam desenvolvido técnica bem mais simples e fácil, que, tomando o formato de módulos, mostrava rapidamente as principais tendências e características de seu portador. Aquilo era maravilhoso em termos de ciência! E desconhecido, ele tinha certeza, pois gostava de acompanhar as reportagens e notícias sobre mapeamento do DNA e sabia perfeitamente que o trabalho ainda não estava terminado. Todos os cientistas deveriam ser notificados daquele método ali usado! Facilitaria a cura de doenças e a medicina preventiva daria um salto.

Cada vez mais perplexo, viu o local onde nasceu, fotos, biografias de pais e parentes, sua árvore genealógica completa.

Arregalou os olhos, apavorado: era urgente fugir naquela mesma noite! Agora, nem mais uma dúvida: estavam em local escondido e o resultado disso não

parecia promissor para eles. Não podia estar acontecendo coisa boa por ali! Quem quer que fosse detentor de avanços científicos e tecnológicos tão grandes e não notificasse a comunidade científica imediatamente, boa coisa não iria fazer com eles!

Devia haver armas por ali. Teria que encontrá-las. Naquele momento mesmo iria ao quarto de Augusto comunicar a ele o encontrado e o convocaria para correrem, correrem o mais que pudessem, procurando uma saída, acobertados pela noite e pelo silêncio, enquanto todos dormiam. Depois, tentariam encontrar um rádio ou telefone para alertar a Polícia. Ou mesmo o Exército. Aquilo era um problema de segurança nacional! Era quase certo que naquele local tão avançado deveria existir uma sala de comunicações à altura dos conhecimentos e dos detentores deles!

Um pensamento rápido: e se conseguisse conectar na Internet e lançar na rede um aviso e um pedido de socorro?

Mais apavorado ficou quando constatou que o possante computador que

usava não tinha condições de conexão com a rede. Impossível? Ou melhor, possível: era uma confirmação de que ali era um presídio. E um presídio camuflado, escondido, desconhecido do resto do mundo...

Continuou a navegar dentro de "Pedro Monteiro". Céus! Existia ali um serviço de espionagem perfeita, dos mais sofisticados. Havia também todos os detalhes de sua empresa! Até os mais secretos! Todos os esquemas de segurança, aos quais só ele e dois ou três diretores tinham acesso. Os planos secretos de pedir treinamento na CIA, sem que ninguém ficasse sabendo quem os treinava. As compras de armas, algumas legais e outras nem tanto. Eles, os seus carcereiros, sabiam de tudo sobre ele. Devia estar sendo seguido há muito tempo e não notara. Estava ali, documentado, até o caso de um dos seus melhores e mais fiéis seguranças, o Pedrão Boi, que, para surpresa geral da diretoria, tentara matá-lo dentro do escritório e, para não gerar escândalo, ele conseguira encobrir tudo dos funcionários e até da própria Polícia. Menos, é óbvio e pelo visto,

daquelas pessoas que o mantinham preso. Elas sabiam tudo! Estava assustado e curioso.

Reparou no envelope, que havia deixado de lado, ao alcance das mãos. Abriu-o freneticamente e soltou um grito de pavor quando viu o conteúdo: fotos coloridas e ampliadas do exato momento em que sentiu a dor nas costas e desabou pesadamente no chão.

A primeira foto era completa e reveladora da causa da dor: nela ele aparecia de costas e um homem, também de costas, desferia uma punhalada em suas costas, em pleno centro do pulmão direito.

Na segunda, caído no chão numa poça de sangue, era socorrido por seu vizinho.

Na terceira, Pedrão Boi entrava em seu carro, parecendo muito assustado.

Junto às fotos, uma ficha onde apenas se lia:

Pedro Monteiro
Quarto 321

Descida em 06.08.1946

Retorno em 10.01.1992

Motivo: assassinado com punhalada nas costas

Permanência no abismo: 2 anos e meio

Aquilo, sim, era outra punhalada! E direto no coração! Assentado, segurando as fotos nas mãos, olhar esgazeado, Pedro ouviu alguém chorando baixinho.

Lentamente, seus olhos percorreram a sala até encontrarem entre duas máquinas, envelope aberto numa mão e ficha na outra, fotos esparramadas pelo chão, um vulto humano de cócoras: lá estava André.

Devagar, Pedro foi se aproximando. Assentou-se no chão ao lado do outro e, com cuidado, tomou da mão dele a ficha, onde se lia:

André Pinheiro

Quarto 322

Descida em 03.03.1954

Retorno em 10.02.1994

Motivo: morte súbita por infarto fulminante do miocárdio

Permanência no abismo: 6 meses

Pedro esticou as pernas, encostou-se na parede e largou a ficha no chão. Cobriu o rosto com as mãos. Subitamente, começou a soluçar alto, grossas lágrimas escorrendo entre seus dedos.

A REUNIÃO

— Mudei os planos. Não iremos conversar no parque e não reunirei muitas pessoas hoje. Resolvi chamar só vocês quatro nesta sala, onde poderemos estar mais tranquilos. Como é nossa primeira reunião e, logicamente, será para esclarecimentos, ficará bem melhor aqui.

Os quatro, assentados em semicírculo, olhavam com seriedade para Francisco, que vestia uma espécie de túnica de grosso algodão branco, que fazia lembrar a roupa dos beduínos. Pedro e André estavam muito abatidos, mas calmos e lúcidos.

Silenciosamente, Alberto entrou, assentando-se entre eles, numa solidariedade muda.

A sala era agradável, piso de granito branco, paredes brancas, amplas janelas de vidro cristalino, abertas de par em par, com cortinas transparentes e esvoaçantes, de um tecido diáfano, que emitia discretos reflexos prateados, quando os raios luminosos de fora esbarravam em suas franjas.

Confortáveis sofás, também de alvura impecável, contornavam baixa mesa de centro, do mesmo granito do chão e parecendo ser uma continuação elevada dele. Formando maravilhoso caminho central de mesa, mais alto e repolhudo em seu centro, um arranjo de flores azuis, como os quatro jamais haviam visto, percorria-a de ponta a ponta. Elas tinham o formato de estrelas e pareciam molhadas com gotas de orvalho. Pistilos brancos e amarelinhos, compridos e delicados, sobressaíam em auréolas centrais de azul mais escuro. Para completar, lustrosas folhas verdes rajadas de branco, muito parecidas com hera, completavam o grande buquê, que parecia ter vida própria e prender os olhos dos visitantes, provocando admiração e paz.

Uma das paredes – formada por único e imenso bloco de pedra rochosa – abrigava grande quantidade de folhagens e trepadeiras floridas que, inacreditavelmente, pareciam nascer na própria pedra. Na parte central da pedra, parecendo presa nas plantas que ali tinham raízes, larga porta de vidro abria-se para um bem cuidado e minúsculo

jardim interno retangular – coberto de plantas pequeninas e delicadas, bonsais – onde corria um fio de água, lembrando os lindos jardins japoneses. Suave brisa banhava o local.

Ao fundo do jardim, na direção da porta e incrustada na rocha que contornava, grande tela azul-rei.

Francisco assentou-se de frente para eles e de costas para a tela:

— Podemos começar. Não tenho a menor dúvida de que todos já têm consciência da própria situação.

Silêncio absoluto.

O instrutor continuou:

— Cada um, a seu próprio modo e sempre com nosso empurrãozinho amigo, descobriu o que está acontecendo. Ou melhor, o que já aconteceu. Tenho certeza de que a serenidade, inteligência e bom senso de vocês irão imperar agora.

O silêncio continuou. Francisco também:

— É verdade: já não estão mais entre os vivos da Terra, embora vivos aqui e separados deles apenas por uma barreira

vibracional, facilmente transponível para aqueles de lá e de cá que possuem sensibilidade adequada.

Posso dizer que estamos muito perto dos limites físicos terrestres, pois nossa Instituição visa exatamente ajudar àqueles que circulam entre esses limites, no ir e vir da vida.

Dando-lhes formalmente boas vindas, comunico que estão abrigados no “Grande Lar Francisco de Assis”. Muitos outros iguais a este se encontram por aí. Mas, vamos falar do nosso caso, por enquanto.

Quem aqui chega é tratado, orientado e cuidado, até que possa andar com as próprias pernas e seguir o seu destino, consciente das suas responsabilidades e deveres. É um local de transição, como já notaram e foram informados. Por ora, nem tentem imaginar o tamanho deste nosso lar: não conseguirão, até que estejam mais acostumados com a limitação de nossos padrões e de nossa visão. É um verdadeiro colosso. Nem por isso pensem que já conhecem o outro mundo, o Além, como se costuma dizer lá

na Terra. Aqui é uma nesga do princípio dele.

Temos conosco os mais diversos casos de doenças, algumas muito graves. Vieram com aqueles que se desligaram da Terra em total desequilíbrio físico, emocional e mental. Como a vida não dá saltos e nada nem ninguém muda de um dia para o outro, chegaram aqui do mesmo modo como saíram de lá. Muitos nem sequer acordar conseguem: continuam dormindo desde que chegaram e só Deus sabe quando acordarão.

Há também os loucos, alguns calmos, outros furiosos.

E muitos outros casos, que conhecerão com o tempo. Todos os doentes são bem cuidados, mas, se ainda estão doentes, é porque são vítimas deles próprios, de seu despreparo espiritual, fanatismo religioso, egoísmo, ganância e coisas assim. Cada qual é um retrato falado de seu próprio passado e de sua própria limitação mental e emocional.

Lógico que muitos nem conseguem chegar até aqui, infelizmente, perdidos em furnas e abismos terríveis. Expedições de

socorro com destino a estas regiões partem constantemente daqui e de diversos postos de socorro. Irmãos nossos permanecem naquelas regiões, tentando atrair os que se encontram em melhor situação. Mas, no mais das vezes, não conseguem sequer ser pressentidos por eles. Existe eficiência em todas as tentativas de resgate, mas nada acontece antes da hora e nem todos podem ou querem ser resgatados ainda, por culpa sempre deles mesmos.

Temos também escolas, onde os que já conseguiram superar os primeiros obstáculos, se preparam para vôos mais altos. E, muitas vezes, estes altos vôos se dão e são coroados de êxito em regiões de sombra, onde os que daqui saíram prontos para o trabalho tentam pescar os irmãos perdidos, sem se contaminarem, limpando cada vez mais a alma, independente do lodo em que pisem.

Um pouco adiante, após os parques e bosques, a cidade mais próxima é excelente e gostarão de visitá-la. Muitos lá moram e aguardam a hora da volta novamente à Terra. Outros trabalham em

diversos setores de ajuda, aguardando a chegada dos entes queridos e preparando para eles acolhedoras recepções.

Em grandes prédios agrupados, que, se ainda na Terra, vocês chamariam de bairros, reencarnações são programadas com carinho, outras apenas coordenadas em grupos, quando os reencarnantes não têm a menor condição de opinar, pedir ou pensar.

O intercâmbio – o Correio, como disse Mário – é muito movimentado. Quem assistir a um dia de trabalho do pessoal de lá jamais terá direito de falar que “quem morre nunca mais dá notícias” ou que “os mundos estão irremediavelmente separados”. Tanto aqui como lá, só não vê e não progride quem não quer. E o livre arbítrio é sempre respeitado.

Como poderão ver em qualquer atividade do lado de cá, um mundo não está isolado do outro. Ao contrário. Tudo está interligado no Universo. Realmente, vocês levarão algum tempo para conhecerem e entenderem a nova e vastíssima realidade, na medida em que

forem afastando os conceitos e preconceitos que trouxeram na bagagem.

Augusto arriscou:

— E aquele pessoal que eu e Pedro vimos?

— Nas regiões que ainda permanecem dentro do campo vibracional da Terra, quase se mesclando ao lado de lá, há cidades também. E habitantes. Tudo se apresenta de acordo com o grau de evolução dos que lá estão.

— E a gente de lá? É boa ou má?

— Cada um é bom ou mau de acordo com o que tem dentro do coração. Nunca devemos generalizar. Os Evangelhos ensinam que a boca só fala daquilo que está cheio o coração.

Como na próxima Terra, há todo tipo de gente lá. Todos caminhando, cada qual na sua estrada e na sua velocidade, mas, generalizando, o destino final é sempre o mesmo: a Luz.

Nas cavernas e abismos há de tudo. Nas cidades que as cercam também. Em alguns casos, nem é maldade: é ignorância total, falta de visão, preguiça e daí por diante.

Quanto às regiões mais sombrias, as coisas pioram. Felizmente, nenhum de vocês passou por elas. No entanto, tudo é vida, tudo é evolução. Uns mais à frente, outros mais atrás, vamos todos na direção da Casa do Pai. Alguns caminham firmes, outros, os mais estabados que não reparam bem onde pisam, tropeçando. Mas todos indo, cada qual à sua maneira, sofrendo ou não os efeitos do caminho, de acordo com a própria prudência e cuidado ao caminhar.

Augusto falou baixinho, soltando a pergunta que o martirizava, com medo do som grave da própria voz:

— Como é que eu morri?

— Atropelado. Você nem viu ou teve tempo de reagir.

— Foi morte instantânea?

— Não. Ficou em coma 5 dias.

— E depois...

— Para sua própria evolução, precisava de um estágio nas cavernas. Aconteceu e já passou. Saiu usando suas próprias forças e foi socorrido. Com o tempo, compreenderá melhor.

Augusto ficou-se imóvel, os olhos baixos.

Fracamente, Danilo levantou a voz:

— Comigo, aconteceu durante a cirurgia?

— Não, antes.

— E depois?

— Passou direto de um CTI para o outro.

— Como não notei?

— Você dormia profundamente nas primeiras horas. E, na medida em que foi melhorando, fez o possível para não notar...

Augusto tomou novamente a iniciativa, revelando mais uma vez seu espírito prático e forte:

— Acredito que falo por todos. Só nos resta aceitar e incorporarmo-nos. Não será fácil conter as saudades, que parecem querer explodir de vez o coração. Mas estamos às suas ordens. Queremos aprender a viver aqui e a auxiliar, trabalhar, incorporarmo-nos de vez, coisas assim. Diga-nos o que precisamos fazer e faremos.

— É lógico que doerá um pouco. É normal sentir saudades – esclareceu Francisco.

E continuou com voz tranqüila e pausada:

— Vocês estão numa fase de adaptação. São abonados pelo próprio passado de vocês, em outras vidas, outras eras. Já ouviram isto. Posso dizer que estão reagindo muito bem mesmo.

— Não sei não... – ponderou Pedro.

— Sabe sim! Você é um espírito forte e não será isto que o derrubará.

Um grande suspiro foi a resposta, seguindo-se um mutismo dolorido e total.

André perguntou:

— E eu? Como foi?

— Infarto fulminante do miocárdio, em pleno escritório. Você estava falando com um amigo ao telefone e nem terminou. Foi rápido.

— E para que serve esta tela? Vocês vão nos mostrar como foi nossa morte lá? Aqui vocês chamam de morte também?

— Em alguns casos, André, há necessidade de mostrar cenas da vida da

pessoa. Há gente que não aceita imediatamente a realidade imutável, contesta, tenta discutir, dizer que as coisas não foram bem assim ou assado. Alguns relutam e dizem que estão em outro planeta, as coisas mais fantasiosas e absurdas. Quando isto acontece, nada melhor que a projeção para acabar com as dúvidas. Acalma-se tudo, porque não é uma simples seqüência de cenas de cinema o que vêm, representada por atores desconhecidos. É que, enquanto o filme se desenrola, a pessoa sente as mesmas emoções que sentiu no momento da ação e, o que provoca maior impacto, se vê executando as ações ou sofrendo as ações de outrem. Revive tudo, digamos assim. E aí não pode discutir nem negar mais, só se envergonhar no mais das vezes. E corrigir-se. No caso de vocês, não vejo nada que justifique uma apresentação de provas. Não há necessidade de esclarecer nada.

André, como se estivesse muito cansado, recostou-se melhor no sofá e fechou os olhos. Os outros permaneceram cabisbaixos, pensativos.

Francisco levantou-se:

— Vejo que estão cansados. Não se preocupem; é normal. Muitas vezes, certas revelações deixam as pessoas exaustas, pois estão sempre carregadas de muita emoção. E vocês vêm tendo muitas em seguida. O melhor é liberá-los por hoje. Descansem bastante. Tentem digerir o que ouviram.

Fiquem à vontade. Podem ir aonde quiserem, conversar com quem quiserem. Não são prisioneiros. Por enquanto, este é o lar de vocês. Posteriormente, escolherão o caminho que desejarem seguir. Todos somos companheiros e irmãos na grande jornada, lembrem-se sempre disso. Ninguém está só.

Teremos muitas outras conversas, garanto-lhes. E posso afirmar também que tudo terminará melhor do que pensam. Tentem confiar em mim. Prometo que não se decepcionarão.

Silenciosos e muito emocionados, os quatro se levantaram. Agradeceram e saíram devagar, sentindo-se realmente exaustos, em direção aos próprios quartos.

Francisco e Alberto entreolharam-se sorrindo. Estava vencida a primeira batalha de aceitação. De agora em diante, tudo correria de acordo com a vontade de Deus. Só restava mesmo esperar e confiar. Afinal, a vida sempre vence em todos os planos. E, principalmente e em todos eles, continua...

ENCONTRO DE AMIGOS

Augusto acordou com vozes entrando pelo quarto. Todos falando ao mesmo tempo, rindo e brincando. Abriu os olhos e deparou com dona Marieta, Dona Cacilda e Danilo. Mais atrás, Pedro, André e Alberto.

Levantou-se de um pulo. Havia dormido a tarde inteira! Envergonhado por ter bancado o dorminhoco, não teve, porém, tempo de se explicar, perguntar que invasão era aquela ou reagir. Foi literalmente puxado pelos amigos em direção ao parque. As velhinhas haviam programado uma reunião e não aceitavam atrasos. Elas caminhavam na frente, felizes como duas crianças.

Encontraram-se com Dalva e Jaciara na saída do prédio. As duas, muito alegres, incorporaram-se ao grupo. Atravessaram o parque, mantendo-se sempre à esquerda do hospital, num caminho que o observador Augusto sequer havia notado ainda, uma estreita trilha coberta por seixos coloridos, ladeada por hortênsias em diversos tons azulados, cercada por copadas árvores, que a

cobriam toda, fazendo-a parecer um túnel coberto de verde e com o chão de pedrinhas salpicado de azul. Conversando com seus botões, Augusto concordou que as paisagens ali eram magníficas! Fariam o paraíso de um pintor!

Cada dia é uma surpresa e este não poderia deixar de ter a sua – pensou por sua vez Pedro.

Afinal, viram-se num campo grande e gramado, onde lindas casinhas de madeira de diferentes tamanhos se alinhavam lado a lado. Todas eram cercadas por varandas e lembravam os cottages dinamarqueses, com seus telhados de material parecido com palha e muito verde ladeando-as.

Os quatro pararam admirados. Simplesmente não acreditavam no que estavam vendo. Parecia uma cena mágica aquela visão, banhada ao lusco-fusco da tarde.

— E agora, o que é isto? – tomou a iniciativa, como sempre, Augusto.

— “Isto” são nossas casas, ora! – respondeu, de pronto, Dona Cacilda. Trabalhamos e somos funcionárias do hospital, mas temos nossos lares e nossas

vidas independentes. Por opção, não moramos nas cidades que existem nas redondezas, preferindo ficar no local de trabalho. Há várias vilas aqui por perto, cada uma mais encantadora que a outra. Tenho que lembrar que faz parte de nosso aprendizado viajar sempre, visitar outros hospitais, outras colônias, sejam elas de tratamento ou de estudo.

Quando podemos ou há necessidade, vamos à Terra também, visitar nossos entes queridos ou ajudar amigos encarnados ou desencarnados que necessitam de socorro e nos pedem telepaticamente.

— Esta parte começa a me interessar... – murmurou Augusto.

— E quem não se interessa em visitar amigos ou ajudar entes queridos? No entanto, como chegaram recentemente, terão que passar por um período de adaptação senão o que conseguirão é atrapalhar amigos... – falou Dalva, sorridente.

Dona Marieta parou e falou:

— Lembre-se Augusto: isto aqui não é prisão. É um outro país para o qual você

se mudou. Procure pensar assim até conseguir entender e transitar melhor nele. Depois, verá que existem também “agências de viagens” que proporcionarão boas excursões a você, quando então terá oportunidade de rever o país onde morou no passado... No entanto, terá que “pagar” a passagem com os novos conhecimentos que adquirir aqui. Está bom assim para início de conversa?

Augusto murmurou qualquer coisa ininteligível.

Pararam diante de um chalezinho de madeira cercado de flores:

— Entrem, meus filhos, entrem! – falou, toda entusiasmada, Dona Cacilda.

Os quatros boquiabertos recém-chegados não conseguiam acreditar. Estavam numa aconchegante sala cujos móveis obedeciam ao estilo da casa e onde a discrição e o bom gosto imperavam. Flores e plantas, tanto dentro como fora, cada uma mais exuberante e bela que a outra.

Pedro foi logo perguntando:

— Uma coisa que notei aqui foi a quantidade de plantas, flores – algumas

mais lindas que as da Terra – gramados, fontes e lagos. Isto tem a ver com a recuperação de quem chega?

— Isto tem a ver com todo mundo – respondeu Alberto. E continuou:

— Tanto com quem chega, como com quem já mora aqui. Como sabe, as plantas e a água são vitais. Além dos minerais que existem em quantidade por estas bandas. Muita gente na Terra já acredita nisso e defende a Natureza. Ainda bem! Outros usam a fitoterapia e hidroterapia. Estão cobertos de razão. Com um pouco de exagero, posso dizer que aí está um dos ramos da medicina do futuro na Terra.

— E aqui? – perguntou Pedro.

— Aqui estes conhecimentos já fazem parte da Medicina. Você já notou que a nossa Medicina, do lado de cá, é antroposófica, holística, ou que nome você queira dar? O fato é que tratamos do espírito, que é o sobrevivente sempre...

André, alheio a tudo, encantava-se com um pequeno e belíssimo vaso, florido com minúsculos e perfumados jasmims.

— Nunca vi jasmims deste tipo em vasos... – ponderou. Eles costumam

crescer e se tornarem em árvores. Este parece bonsai.

— E é — aproximou-se Jaciara. Já viu coisa mais linda?

— Quem cuida de tantas plantas e tão bem?

— Nossas vibrações de amor e carinho para com elas. E, finalmente, nossos jardineiros, André. Temos uma grande equipe deles. E nós também, nas horas vagas. As nossas amigas sentem o amor em nossas mãos e respondem com crescimento, beleza, viço, perfume...

— É... Na Terra sempre gostei de plantas. Vivi entre elas, tanto em casa como no trabalho. Meu escritório ficava em um prédio cheio de jardins internos e jardineiras floridas nas janelas. Além disso, situava-se em frente a um parque muito bem cuidado e bonito. Mas que não tinha um décimo da beleza dos daqui. Sempre que podia eu dava uma volta por dentro dele, ficava olhando as árvores centenárias, as plantas aquáticas do lago...

A nossa casa estava sempre florida, dentro e fora. Minha mãe gastava horas

cuidando do jardim e dos vasos. Que saudade da minha mãe! – murmurou.

Dona Marieta acariciou a cabeça do moço:

— Até que vocês possam estar novamente juntos, prometo que cuidarei de você, meu filho.

Era maravilhosa a ternura maternal daquelas velhinhas! E o carinho delas era realmente de mães, mães de todos.

— As senhoras têm filhos? – arriscou André.

As duas se entreolharam tristes. Foi Dona Cacilda quem respondeu:

— Na Terra, sempre adiamos o que considerávamos “esta história de ter filhos”. Éramos belas, bem casadas e muito amigas. As festas, viagens e passeios enchiam nossos dias. Uma criança só poderia atrapalhar, pensávamos. Por isso, nós usávamos todos os meios disponíveis para evitar gravidezes indesejadas. E a vida foi caminhando, enviuvamos, a velhice foi se aproximando. A solidão chegou de um pulo. Nunca havíamos sido más, cometido

crimes ou coisas assim, mas não havíamos construído para a velhice.

Tínhamos casas grandes e confortáveis, boas contas bancárias e ninguém a quem amar! E quem nos amasse também...

Decidimos então morar juntas e foi o que fizemos. Pelo menos, tínhamos uma à outra.

Logo depois, Marieta ficou doente e passamos uma boa temporada no hospital, eu como acompanhante.

Durante a convalescença dela, ficávamos andando pelos corredores e bisbilhotando. Fizemos amizade com Dalva e Jaciara, enfermeiras dedicadas. E foi através delas que encontramos a ala de pediatria e a enfermagem infantil. Vocês já adivinharam que nunca mais saímos de lá, não é?

— Meu Deus! — interrompeu Pedro. Tudo tem sentido aqui! Vejam: vocês duas, Dalva e Jaciara. Encontraram-se lá, encontraram-se cá...

— É claro que tudo tem sentido! Ninguém se encontra por acaso nem lá nem cá, vai aprender isto... Mas,

retornemos à história que eu estava contando:

Voltamos para casa depois de certo tempo, mas, diariamente, lá estávamos nós de volta, visitando e amparando nossas criancinhas doentes.

Tivemos então a idéia de organizar um grupo de senhoras voluntárias que, no princípio, recrutamos entre nossas amigas. Depois cresceu muito, virando grupo de senhoras, senhores e jovens... Ainda existe por lá até hoje, com o nome de "Irmãos de Cacilda e Marieta".

O grupo se reunia três vezes por semana e, entre múltiplas atividades, visitava as famílias das crianças doentes. Algumas senhoras costuravam enxovais de nenê, Dalva e Jaciara ensinavam os cuidados básicos às mães, coisas assim.

E, como crianças e velhos se parecem muito, não tardou e estendemos nossas atividades a orfanatos e asilos.

Foi quando ficamos conhecendo Dr. Saulo, pai de Alberto. Ele era geriatra no Hospital onde ficáramos durante a doença de Marieta. Ficamos muito amigos. Ele nos convidou para reuniões de estudos que

fazia às segundas-feiras em sua própria casa. Tomamos então conhecimento do Espiritualismo e aí é que nossas vidas mudaram mesmo, pois passamos a entender a necessidade de ajudar sem querer nada em troca. Descobrimos explicações para nossas vidas e um sentido para o que fazíamos, encontramos Paz, mais amigos e esclarecimento para muitas dúvidas. E coragem e força para conseguirmos ajudar ainda mais nossos velhos e crianças.

Algum tempo depois, Dr. Saulo e o filho Alberto partiram para cá, após um acidente automobilístico. Filho e pai trabalhavam juntos na Terra, vieram juntos, chegaram juntos, ficaram juntos e continuaram trabalhando juntos. E encontraram aqui o resto da equipe, pois fomos chegando aos poucos.

Logo após os dois amigos, nós duas viemos, quase juntas, com problemas coronarianos.

E, surpresa! Reencontramo-nos os quatro aqui, onde prosseguimos nosso trabalho, eles dois como médicos e nós duas adotando todos os doentes e

convalescentes como filhos queridos do nosso coração. Isto sem falar que a equipe passou a contar também com Jaciara e Dalva totalmente recuperadas da passagem, como antigamente. E com outros que aqui estão e mais outros que ainda chegarão. Vocês ficarão conhecendo todos.

A emoção era geral.

— E onde está o Dr. Saulo, que não vimos ainda? – murmurou um emocionado Augusto.

— Meu pai encontra-se no momento executando uma tarefa difícil – falou Alberto. Está acontecendo na Terra, precisamente na cidade onde morávamos, um grande Congresso Médico Internacional, onde – nós aqui sabemos – importante descoberta virá a público. Trata-se de um remédio há muito esperado e que será enfim divulgado e disponibilizado para médicos e hospitais, visando minorar os sofrimentos de doentes de câncer e, em certos casos, debelar a doença. Meu pai encontra-se entre os médicos que inspiram os cientistas participantes.

Aliás, ele está neste trabalho há muito tempo, pois aqui dirige um grupo que pesquisa novos medicamentos para graves doenças que afligem a Humanidade. A EX-108 – nome científico da droga que está sendo apresentada neste Congresso – é resultado de uma pesquisa conjunta do lado de lá e do lado de cá, vamos dizer assim.

— É sempre desta maneira?

— Quase sempre. De cá, somos incansáveis na ajuda aos que ficaram na retaguarda. Cada um, dentro das suas tendências, colabora à sua moda. Médicos, cientistas, artistas, artesãos e assim por diante. Onde há quem quer trabalhar, há trabalho.

— Sabem? – falou Pedro. Ouvindo as coisas que vocês dizem, chego a pensar que não existe morte como eu a encarava. O que há é um verdadeiro e perfeito entrosamento entre os dois mundos. Basta ter um pouco mais de sensibilidade, ligar melhor as antenas receptoras e o contato está feito!

— Parabéns, Pedro! — aplaudiu radiante Dona Cacilda. Não sabia que você já estava tão entrosado...

— Nem eu, Dona Cacilda, nem eu... Mas uma coisa eu noto e sinto: a cada hora que passa, numa rapidez impossível de conceber na minha antiga vida, parece que meus olhos vão se abrindo mais, minha capacidade de compreender vai se alargando, sei lá. Isto começou a acontecer quando eu me negava a acreditar que já havia partido da Terra. Só que eu bloqueava, pensava em loucura. Nestas últimas horas, tive um estalo mental... É assim mesmo?

— Podemos dizer que nesta escola você está sendo um ótimo aluno, meu filho. Garanto que terá sempre chances de ajudar a muita gente e, pelo que vejo, nenhum de vocês desperdiçará as oportunidades.

— Mas aquele jasmim está lindo demais! — divagou um sonhador André, que parecia não prestar atenção à conversa.

Riso geral, descontração na hora certa e o papo perdeu-se pela noite estrelada adentro...

A MISSÃO É APRESENTADA

Francisco estava escrevendo quando Augusto entrou.

— Incomodo?

— Claro que não. Entre. Sente-se e fique à vontade. Em que posso ajudá-lo?

— Estive pensando... Não quero ficar inativo, um boboca. Sei que não estou doente e que acabo de me mudar para cá, de maneira irreversível. Até que me acostume totalmente com a idéia, o trabalho é o melhor remédio. Concorda comigo?

— Certíssimo. Você é um homem acostumado à ação e encara a realidade com segurança e confiança. Quanto a esta amargura velada que vejo em suas palavras, tenho certeza de que vai superá-la, na medida em que a compreensão e a visão clara das perspectivas novas forem tomando o lugar dela. Mudar-se para cá de maneira irreversível – como você disse com tristeza – não significa sofrimento nem imolação, mas sim renovação e recomeço. E, principalmente, o abandono da ignorância antiga em relação à vida

eterna, aliando tudo ao sentimento de que somos todos irmãos e nossas potencialidades são infinitas. De acordo com a aceitação do novo morador, oportunidades mil surgem, pois aqui não existe o impossível nem a estrada com fim.

Acabou-se a escola dura da Terra com seu horizonte limitado; agora é hora de checagem de conhecimentos e realizações. Só para lembrá-lo e consolá-lo: a vida verdadeira é a daqui e não a de lá. Aqui somos sempre os mesmos; quando estamos lá, representamos papéis necessários ao nosso aprendizado ou à nossa missão no momento. Somos os Joãos, as Marias, e assim por diante. Aqui, não escapamos de sermos nós mesmos. Assim, a morte, vista pela ótica de cá, representa apenas um momento de troca de papéis no teatro da vida, nada tão trágico ou desesperador como costumam dizer os menos esclarecidos. Quem morre lá está apenas voltando à realidade; agora, se esta realidade será ou não agradável, a culpa é só dele, que não soube representar bem o seu papel. Mas, mesmo assim, outras oportunidades virão

e aquele que aqui chega devendo algo a si mesmo – porque, quando contraímos uma dívida, fomos derrotados e ficamos devendo o pagamento dela a nós mesmos também –, se tiver boa vontade e discernimento, encontra logo outra chance de consertar as coisas. Já pensou nisso?

Chega de paradeira! E vamos logo ver o que gostaria de fazer. Tem alguma preferência?

— Sim. Eu pensei nas suas expedições. Parece-me que elas exigem coragem e rapidez em certos casos.

— Em todos.

— Pois é. Tenho formação militar. Acredita que posso ser útil?

— Você acaba de escolher onde e como quer trabalhar! E muito bem escolhido. No momento, tenho justamente um caso delicado que, com certeza, exige habilidades como as suas. Que tal chefiar uma expedição perigosa, num local difícil?

— Chefiar?! Se achar que estou preparado, aceito. Não conheço os locais, as situações de cá... Pode estar confiando demais em mim...

— Terá um experiente guia, o que resolve o problema dos locais desconhecidos. Situações que oferecem perigo são fáceis de controlar por quem tem experiência. Combates e estratégia são parecidos em todos os lugares, embora a finalidade e o desenvolvimento deles seja diferente. As decisões ficarão com você. A palavra final sempre será a do guia. Trabalharão juntos, entendeu? E, já que estamos conversados, quem gostaria de levar para auxiliá-lo?

— Se for possível, Danilo, Pedro, André, Jaciara e Dalva. É que são os únicos habitantes daqui, fora você e Alberto, com os quais estou acostumado. Acredito que eles aceitarão.

— Olha, pode acreditar: a missão é de briga mesmo, com armas e tudo...

— Como é que é?! Temos armas também? E arma, que eu saiba, é para matar. Aqui já estamos mortos... Ou vivos, sei lá, isto ainda me confunde. Afinal, estou olhando para o meu corpo e ele apresenta-se tal qual era, nos mínimos detalhes... Sabe? Eu sempre tive o pomo

de Adão proeminente. Rapaz, não é que ele continua pontudinho?!

Juntando a palavra ao ato, verificou mais uma vez a famosa pontinha no pescoço. Satisfeito com a confirmação de que ela continuava como sempre foi, deu um largo sorriso, esparramando-se com gosto no sofá, exatamente como tinha costume de fazer quando estava alegre e descontraído.

— E, no entanto, seu corpo físico já não existe mais. Foi enterrado, desintegrou-se e fim.

Augusto não gostou de ouvir isto, empertigou-se, cortou o sorriso largo e olhou desconfiado para o instrutor, que continuou:

— Todavia, como já aprendeu, nada dá saltos na vida e seu corpo atual é uma cópia fiel do outro. Com tempo e evolução, irão aparecendo as diferenças e você irá se tornando cada vez mais sutil, cada vez mais você mesmo, aquele que não morre nunca...

Augusto gostou menos ainda do que ouvia. Murmurou aborrecido:

— Não me agrada a idéia de saber que meu corpo sumiu, que posso desaparecer no ar... Ainda permaneço muito confuso. Só que estou fazendo o possível para encarar a situação com galhardia... Um dia, sei lá quando, eu me acostumo... Deixa para lá. Vamos às armas. Pelo menos sei usar material bélico...

— Temos um arsenal sofisticado e variado. A utilização e as finalidades são diferentes daquelas às quais está acostumado. Você será apresentado a tudo e num instante se familiarizará. Alguns armamentos servem apenas para assustar, outros para imobilizar, outros emitem sons, outros disparam violentos choques elétricos ou magnéticos. Há lança-chamas, lança-anestésico, lança-gás paralisante e assim por diante.

— Estas armas são usadas contra quem? Ou contra quê? Ou para quê? Ou melhor, por quê?

— Como na Terra, temos aqui os recalitrantes. Os bandidos, para usar uma linguagem terrena. Saíram de lá assim, chegaram aqui assim.

Desorientados muitas vezes, nem sabem que trocaram de plano; ou sabem e gostam, pensando que adquiriram imunidade e impunidade para seus atos. Muitos chefiam bandos agressivos de desordeiros de rua que se comprazem em andar pelas cidades da Terra, praticando todo tipo de ações impensadas ou vagando sem saber direito como nem por que ou para que vagam, ignorando a própria condição.

Há, porém, casos mais graves, de indivíduos altamente inteligentes, maléficos na mesma proporção. São excelentes comandantes de hostes bem organizadas, têm seus quartéis gerais em locais fortificados e de difícil acesso. Pensam que estão sabendo aproveitar-se da nova situação e, freqüentemente, escondem-na de seus subordinados fiéis e ignorantes, para melhor dominá-los. E o pior é que se julgam certos, combatendo a justa causa, punindo aqueles que merecem castigo, cá e lá. Acreditam na força do ódio, do dente por dente, confundindo-a com a justiça. Nutrindo-se de desejos de vingança, tentam ser justos a seu modo deturpado. Na base do olho

por olho ou pior. Vivem como se estivessem na Terra, escondidos e defendidos por seus seguidores, alimentando ódios e paixões, mandando e desmandando.

Verdadeiros reis em seus domínios submetem os pretensos súditos à sua vontade, julgam e executam sentenças aqui e lá. Influenciam as vidas dos que odiaram e dos que amaram e que ainda se encontram na Terra. Fazem o mesmo com os que estão do lado de cá e se mantém na mesma faixa de vibração deles. Quase sempre, são anjos negros da vingança, quando não causam grandes confusões, difíceis de serem consertadas depois. Ainda mais se lembrarmos que o destruidor é quem tem obrigação de consertar o que foi destruído por ele... Alguns se ligam a questões religiosas e se tornam mais fanáticos e inflexíveis que os da Terra, verdadeiros inquisidores. Outros, dizem querer pacificar o mundo. E lutam ferozmente para isso.

Veja como as mentes de todos estão desviadas e pervertidas! E são justamente estas mentes que dão forma às regiões

onde habitam, criando para eles próprios um local sombrio, árido, estéril, cheio de perigos, de animais ferozes e formas monstruosas. Fazem intercâmbio mental com regiões da Terra que lhes são compatíveis, criando ambientes pestilentos e formas de vida terríveis e primitivas, cá e lá.

— Onde a justiça de Deus?

— Em tudo e em toda parte, mas respeitando o ser criado à sua semelhança, adormecido, esperando – queira ou não – o empurrão fatal que o acordará. Garanto a você que nada acontece sem motivo. Lá ninguém ora, ninguém vigia, ninguém acredita. Se os dominados de cá e de lá estivessem em outra faixa vibratória, superior, não seriam dominados nem atingidos. É básico: encostou, a faixa é a mesma. Já viu ondas diferentes se misturarem?

— Isto aqui é muito complicado! Há ações que se desenrolam tão baixo, tão perto das emoções humanas, que exigem reações muito iguais às da Terra, penso.

— Você acaba de entender porque terá que agir como se estivesse entre os

vivos de lá. Muitos dos seus futuros opositores nem sequer sabem que já saíram da Terra! Mas não é complicado nada! Cada pessoa traz para cá sua bagagem espiritual, moral, psíquica, emocional, negando-se ou tendo dificuldade imensa para ver o que nunca pensou que existisse. Aí, a coisa fica séria. No fim, a luz brilha e brilhará para todos, tenha certeza.

— Muito bem. Qual é a missão?

— Resgate. Dois cientistas muito valiosos na Terra e igualmente aqui, vencidos por sentimentos descontrolados e imprevidência, caíram nas mãos de Gabriel, o Mago, ficando prisioneiros dele. No entanto, não são maus e estão sinceramente arrependidos do passado, que os fez cair na atual situação. Presos nas teias que ajudaram a tecer desde quando ainda encarnados, estão desorientados. Não é simples a libertação de algo, quando se criaram vínculos muito fortes. E os deles com Gabriel são fortíssimos.

As ondas mentais da dupla, pedindo socorro, têm chegado até nós

constantemente. Encontram-se em uma fortaleza numa das regiões mais perigosas que conhecemos, cujas fronteiras confundem-se com os limites onde habitam os da Terra. Ocupam praticamente o mesmo espaço, em dimensões diferentes. Os moradores de lá usam as pessoas encarnadas invigilantes e vulneráveis como se fossem brinquedos.

Terão que desatar, arrebentar mesmo, as teias que os prendem lá, libertá-los. E trazê-los. Não será fácil. E não menospreze a força e a inteligência dos moradores de lá. Ainda quer ajudar?

— Claro. Nunca tive medo de cara feia. Não é agora que vou ter. Vamos ver se ainda estou em forma.

Francisco se divertiu com o entusiasmo e gostou da firmeza do outro. Ele sabia que, se havia coisa que Augusto gostava, esta coisa era ação. E quanto mais, melhor.

O instrutor continuou:

— Terão que se infiltrar na fortaleza. Não escondo que correrão riscos, até mesmo o de se descontrolarem mentalmente e, conscientemente,

desistirem de voltar, inteiramente dominados. Nem sei como tirarão os prisioneiros de lá: o plano será seu. Terá que ter muito cuidado: ondas e vibrações mentais maléficas são tão perigosas quanto dardos envenenados e canhões. Não se iluda e nem duvide.

Outra hipótese possível é que poderão ficar retidos contra a vontade, impossibilitados de lutar com mentes mais poderosas que as suas. Ninguém pode prever como será o confronto e as reações de todos num momento de alta tensão. Não os engano. Os perigos são idênticos ou maiores que os de uma operação militar terrestre de resgate. Ainda mais: se ficarem por lá e tivermos que ir buscá-los, teremos o mesmo problema que vocês e não sei qual será o resultado. Quero que saibam de todos os grandes riscos que correrão.

A única coisa que – tenho certeza absoluta – posso garantir é que vocês voltarão diferentes, mais maduros e entrosados no novo mundo e na nova vida, sem medo e com muito mais segurança íntima e leveza mental.

— Antigamente, quando eu participava de missões, tinha cuidado para não ser morto. Agora, não deixa de ser divertido o fato de que ninguém poderá nos matar... Já estamos mortos...

— Morrer, muitas vezes, não é a pior coisa que pode acontecer a uma pessoa. Algumas formas de luta são piores e mais difíceis do que encarar metralhadoras giratórias. Lembre-se disto. E antes que me esqueça: eles também têm armas. E armas, do lado de cá, meu caro amigo, são muito mais letais, você verá. Você está acostumado com armamento que mata o corpo físico. Aqui, arrebatam o mental e o emocional. Isto sem falar na terrível e violenta arma do controle de uma mente sobre outra. A mente de Gabriel é como uma usina atômica poderosíssima, funcionando nos limites máximos de força. Pode dominar o inimigo com a maior facilidade. E aí a saída não é fácil.

Só uma coisa – extremamente simples, diga-se de passagem – pode descontrolar Gabriel: a mente tranqüila e em paz, o coração em ordem, o

pensamento reto e firme. Se você e seus amigos mantiverem o padrão vibracional alto, nada precisarão temer. Se, por um segundo sequer, deixarem cair a guarda, serão presas fáceis. Pense em ondas de rádio: sintonizou, tocou...

A melhor estratégia será nunca tentar medir forças, acreditando estar amparado pelo Bem. Nem pense nisso, principalmente porque esta história de Bem e de Mal é muito relativa. Mau no meio dos maus não é novidade nenhuma, não leva vantagem alguma. Proeza e escudo é ser objetivo, certo e reto diante dos maus. Caridoso, porém firme. E a melhor maneira de saber quem é o mais forte é justamente não partir para o confronto. Se os bons soubessem a força que têm! Não gosto muito de citar religiões, porque tenho minha opinião pessoal sobre elas, mas gosto muito daquilo dos mansos herdarem a terra...

— Opinião pessoal sobre elas?

— Sempre detestei rótulos. Deus não é propriedade de ninguém e santo é todo aquele que vence as fraquezas do espírito. Se partirmos do princípio de que todos

somos irmãos, implantaremos a fraternidade e facilitaremos tudo na vida. Quem não ama a um irmão? Portanto, qualquer religião que pregar o Amor, a Verdade e a Justiça terá o meu apoio incondicional.

Todos os problemas de lá e de cá – veja bem – estão enraizados num único: a falta de respeito ao outro, a ausência de sentimento puro e de desprendimento.

Você amanhã passará o dia comigo. Aprenderá alguns conceitos fundamentais, verá mapas e filmes do local da ação e será apresentado ao nosso armamento. Depois, terá apenas um dia para treinar e passar instruções a seus amigos. Partirá no terceiro. Sinto muito pela correria, mas não temos tempo. Mesmo em ação, você terá que ser rápido. É que está programada uma tempestade vibratória de limpeza da região dos seguidores de Gabriel e vocês não poderão ser pegos por ela. Não gostariam nada...

— Posso saber o que vem a ser tempestade vibratória de limpeza? Deve ser coisa brava... Quem programou?

— E é coisa brava. A região de Gabriel, em consequência das emanações mentais, ações dele e de seus seguidores, casadas às ondas iguais que atraem da Terra, está ficando insustentável, insuportável até para eles mesmos, com uma carga magnética pesada e destruidora, comprometendo o equilíbrio de outros locais vizinhos, onde amigos nossos mantêm postos de socorro. Gabriel já foi avisado disto várias vezes, através de mensageiros. Já foi mostrado a ele que está em formação, construída, gerada por eles próprios, uma verdadeira bomba nuclear. No entanto, a resposta que tivemos foi escárnio e indiferença. Receberão então o que merecem e pediram: uma boa dose do próprio veneno...

Eles mesmos criaram e programaram a tempestade, carregando demais o ambiente, que explodirá em cima de seus criadores. Nada será acrescentado para aumentar a força destruidora; já basta o que veio deles mesmos. Justo, não?

Fogo e emanações magnéticas provocarão reações sísmicas de estarrecer

e a região será limpa pelas chamas. Os habitantes receberão cargas altas de magnetismo e só Deus sabe o que acontecerá. Alguns conseguirão fugir para nossos postos de socorro, outros ficarão cegos, mutilados, queimados e outras coisas assim. Dependerá de cada um.

— Você sempre diz isto: dependerá de cada um.

— Com toda razão. A vida não dá saltos e quem planta colhe exatamente o que semeou. Não pode reclamar que queria outra colheita, não é mesmo? Nada brota sem ser plantado, adubado e cultivado. Portanto, tudo sempre depende do que está dentro do coração das pessoas e não do que está fora. Já reparou que os ensinamentos e verdades básicas são de uma simplicidade extrema?

— E como ficará a região de Gabriel?

— Queimada, estorricada, mas pronta para ser utilizada novamente. Tudo voltará a depender de quem irá para lá fazer a boa ou má utilização da nova boa terra.

Do reino de Gabriel, porém, não ficará pedra sobre pedra. Não acabaremos

com ele – nem temos este poder. Mas ele, sim, tem o poder de se esgotar. E conseguiu.

Augusto levantou-se:

— Amanhã estarei aqui bem cedo. Por hora, já vou fazendo contatos com meu pessoal, adiantando alguma coisa, para que possam optar se querem participar. Acredito que ninguém recusará e depois de amanhã estarão prontos para receber as instruções finais. Pedro já tem conhecimento deste tipo de operação, Jaciara e Dalva conhecem bastante o lado de cá. Danilo, eu me responsabilizo por ele. É pacífico, detesta armas, é amigo e é bom. A maior arma dele é o coração. Sabe reconhecer o direito de cada um. Entenderá rápido e não decepcionará. A incógnita é André, que gosta de divagar diante de vasos de flores...

— Não menospreze o desconhecido... Incógnitas podem se transformar nas maiores surpresas. Saiba disto.

— Preciso conhecê-lo melhor. O que é que ele fazia na Terra?

— Era economista.

— Xi... Estou perdido com ele! O que é que um economista vai poder fazer numa operação militar?

— Você não me esperou terminar. A força de cada um para desempenhar bem a missão, não estará nas profissões que exerciam num passado que já acabou, mas nas mentes e nos corações de vocês.

Já que ficará mais tranqüilo conhecendo melhor André, aí vai uma rápida ficha dele. Profissão: economista. Paixão: como você já sabe, plantas e flores. Ele chegou a estudar botânica em certa fase da vida. Hobby: praticar karatê. Era faixa preta. Dizia que era um esporte relaxante, que trabalhava a agressividade e acalmava as pessoas. No mais, foi excelente filho, bom profissional, irmão querido.

— Já melhorou um pouco – riu Augusto.

— Quanto ao guia, será Inácio. Você já o conhece. Ele conseguiu fugir da fortaleza de Gabriel. Ocupava um alto posto lá, privava da intimidade pessoal do Mago. Por estas maquinações do destino que não adianta discutirmos agora, os dois

são muito ligados. Inácio tem conhecimento das reações e do poder do chefe, do local e das pessoas que o rodeiam.

— E, principalmente – espero com fé –, dos modos de se escapar de lá...

— Justamente. Será um precioso ajudante. Já recebeu instruções e sabe que a palavra final será sempre a de vocês dois juntos.

— Posso fazer uma pergunta antes de sair? Por que confia tanto em mim se não me conhece? Ou falei besteira e já me conhece?

Uma boa risada foi a resposta de Francisco que, levantando-se e segurando no ombro do outro, afirmou:

— E quem não conhece alguém aqui? Lembre-se: as máscaras foram enterradas com o corpo físico e já se deterioraram. Do lado de cá, não há dissimulações: é ou não é.

Só para ilustrar, digo que você foi um sujeito muito bravo, muito bravo mesmo. Com seu vozeirão e destemor, chegava a assustar os mais tímidos. Fazia coisas que aqueles que o conheciam chamavam no

mínimo de maluquice. Amou, sofreu, viveu, lutou. Tudo muito, intensamente.

Mas uma coisa você fez magistralmente: cumpriu o seu dever, a qualquer preço. E, mesmo quando exagerava e era intransigente com aqueles que não tinham um caráter reto como o seu, era tentando acertar. Foi reto e justo. Isto, para não falar nas pessoas que ajudava, principalmente velhinhas, sem fazer o menor alarde.

Eu sei quem você é, sim, Augusto. Por isso confio em você.

ALEGRIA NA ENFERMARIA

Alberto encontrou Augusto saindo do encontro com Francisco. Os dois foram andando pelo corredor. O médico provocou-o:

— E então? Animado e procurando trabalho?

— Animado não digo: procurando me animar seria mais certo. Quanto ao trabalho, já encontrei. E me assusto com a responsabilidade dele. Mas não temo executá-lo e sei que me sairei bem.

— É uma particularidade deste local, Augusto: quem quer mesmo prosseguir a jornada e tem disposição para o trabalho útil, pode ter certeza: não demora a encontrá-lo. E, uma vez encontrado, está encaminhado, o curso da Vida pode prosseguir. O que fará?

— Pensei nas expedições de Francisco e falei com ele, que concordou logo. É que sou um homem de ação. Não consigo me adaptar em locais fechados, ao que na Terra chamamos de trabalho burocrático. Preciso de espaço, movimento. Sempre fui assim.

Pensando bem, morri do lado de lá de uma forma excelente. Acredito que não suportaria ficar em cima de uma cama me acabando e dependendo de todos.

— É... A Providência Divina zelou e Deus teve misericórdia. Você sofreria muito mesmo se não fosse assim...

Chegaram em espaçosa enfermaria, onde alvos leitos se alinhavam lado a lado. Os doentes pareciam estar em franca recuperação, pois conversavam felizes com as visitas e entre si. Havia muita luminosidade e calor entrando por todos os lados, o imenso quarto era arejado, com vasos de plantas, janelas e portas abertas, bastante circulação de ar e luz. Havia animação ali, naquele local de recuperação de jovens e velhos, de ambos os sexos.

Antes de entrar, Augusto cochichou para Alberto:

— E eles? Já sabem que morreram? Quem são as visitas? Por que estão juntos e não em quartos separados como eu? Aliás, por que fiquei separado? Por que o quarto é misto? Isto não é impróprio?...

— Nossa! Lembre-me de arranjar uns livros para você ler! Falam sobre tudo que acontece neste mundo. Vamos por etapas: ninguém aqui sabe que morreu. As visitas são assistentes sociais da cidade, homens, mulheres e jovens cujo trabalho é visitar recém-chegados realmente doentes – carregaram consigo as mazelas –, mas que ainda desconhecem a própria situação.

— Por que disse “realmente doentes?”.

— Todos sofreram enfermidades fatais e muito sérias na Terra e vieram para cá em consequência delas, trazendo algumas seqüelas. Passaram de um leito para o outro, de um hospital para o outro, cansados e desgastados pelas doenças e pelos remédios. Acreditam que estão sarando e que com eles está acontecendo verdadeiro milagre.

São pessoas de bom coração que, se nada fizeram de espetacular na vida terrena, também não fizeram mal. Pensando bem, isso causa dó... Não realizar nada...

Alguns ainda sentem sintomas do mal que os acometeu. Mas todos notam que estão melhorando com uma rapidez vertiginosa e não se cansam de louvar tratamentos, hospital, médicos, corpo de enfermagem, alimentação, tudo...

O fato de estarem juntos, solidificando a amizade entre si e com suas visitas amenizará o susto e a possível dor da descoberta. Na hora certa, todos se apoiarão uns nos outros, orientados justamente pelas visitas.

— Pelas visitas?!

— E quem você acha que são os visitantes? Esqueceu o que eu disse?

— Ah, já me lembrei: assistentes sociais que cuidam da adaptação dos novos mortos...

— Augusto, pare com este negativismo... Aqui, todo pensamento tem efeito imediato... Mesmo que não sintamos nada na hora, algo acontece. Não existem mortos, nem novos mortos, nem velhos mortos, da maneira como você quer dizer. Existem, sim, muitos mortos lá e cá: os cabeças-duras...

— Tudo bem. Desculpe. Saiu sem querer e não vai se repetir... Mas, vamos ao que você estava dizendo. Que acontecerá quando descobrirem a nova situação?

— Vão descobri-la aos poucos, uns primeiro que outros, na medida em que forem se fortificando, conseguindo se levantar e andar. A verdade virá devagar, através das próprias observações de cada um e das conversas que terão aqui e lá fora, quando puderem sair para tomar sol e bater papos com os outros pacientes de outras alas.

Os assistentes estarão sempre por perto, pois, após tantas visitas e conversas íntimas, consolos e auxílios, já terá nascido uma sólida amizade entre todos.

Depois, quando cada um for seguir o seu destino, será com seus amigos que se aconselharão e – quem sabe? – poderão até acompanhá-los e se tornar visitas de outros doentes, futuros assistentes sociais dedicados aos recém-chegados...

Você ficou no quarto por vários motivos. Para começar, não ia precisar do

mesmo tempo que eles para acordar, não veio por causa de doença incurável, nem muito desgastado e outras coisas. Além do mais, sabe agora que cada caso é um caso.

Quanto à impropriedade de homens e mulheres, velhos e jovens, ocuparem a mesma enfermaria, posso acalmá-lo rápido, pois já sei o que o incomoda no caso. Embora nenhum deles tenha notado e ninguém sequer tenha questionado esta saudável mistura de seres aparentemente diferentes, os espíritos – e eles agora são espíritos – são todos irmãos, imortais.

No princípio, quando chegam aqui, ainda têm algumas necessidades básicas e guardam lembranças e vontades que não têm mais o menor sentido. Para sanar os possíveis problemas que advierem disso, temos enfermeiros e enfermeiras dedicados, cortinas entre as camas e “remédios” e “sopas” que nada mais são do que medicamentos, mas em outro sentido: ajudam no esquecimento dos corpos físicos que não mais existem e reforçam as recordações básicas do

espírito, pois, afinal, agora é que estão todos em casa e não antes...

— Por favor, traduza melhor este negócio para mim...

— Sempre lutando contra a idéia do fim do corpo físico, hein, Augusto? Tradução simples: todos saímos deste mundo – seja de que lugar for dele – e nascemos na Terra. Lá passamos uma temporada, alguns totalmente esquecidos de cá. Na volta destes renitentes que fecharam a mente, colocaram viseiras e só se ligaram à vida terrestre, há necessidade de “reforçar as recordações básicas do espírito”, ou seja, fazer com que se adaptem onde sempre foi seu lar e sintam prazer na volta, entendeu agora?

— Isto é necessário com todos?

— Nem pense. Cada caso é um caso, já disse, cada um de nós traz uma história e uma estória. E, principalmente, um pedido mudo e inconsciente de readaptação, além de um arquivo antes inacessível guardado nas gavetas mentais que, quando tocado de leve, abre-se e mostra à tona tudo que sempre foi e só foi relegado ao esquecimento por algum

tempo terrestre. Isto está acontecendo exatamente nos casos específicos destes que juntamos nesta enfermaria.

Passaram devagar por entre as camas, Alberto parando e conversando com doentes e visitas. Apresentava Augusto como um novo amigo, que, por sua vez, participava de todas as conversas.

Pararam junto à cama do Sr. Antenor, a última à esquerda, no fim do corredor, perto da saída.

— E então, Sr. Antenor? Melhorou mais?

— Meu filho, estou encantado com o tratamento! Quando eu estiver bom, vou recomendar este local para todos os conhecidos e trarei minha mulher para este hospital. Tenho certeza de que ela se beneficiará e ficará curada de seus males de velhice. Nem sinto mais as terríveis dores na cabeça e, como pode notar, o meu rosto já não está deformado, está normal. E tudo tão rápido!

O meu médico anterior não era tão bom quanto o senhor, Dr. Alberto. Ele me enchia de remédios e eu não sentia

melhora alguma. Ao contrário, piorava a olhos vistos. Ele dizia que o tratamento era demorado e que eu deveria ficar tranqüilo.

Até onde pude ouvi-lo, antes de ficar surdo, ele me consolava dizendo que, um dia, tudo acabaria bem. Olhe só! O senhor apareceu na hora certa. Caso contrário, eu já estaria morto.

E dirigindo-se a Augusto:

— O senhor sabe que tenho câncer no cérebro? Já estava ficando com o rosto e a cabeça deformados, dificuldades com os cinco sentidos. Não falava mais, minha mente não conseguia se concentrar em nada. Transferido para este hospital, aconteceu o milagre: melhorei em poucos dias. Eu, que nem conseguia mais raciocinar direito, estou bem, ainda me alimentando com soro, mas falando, ouvindo, enxergando e com a cabeça e o rosto normais.

Louvado seja Deus!

Alberto corrigiu-o:

— O senhor disse que tem câncer no cérebro, Sr. Antenor. Errou no verbo. O senhor tinha câncer no cérebro. Aliás,

estou aqui para avisar que cortei o seu soro. Não precisará mais dele. Já, já estará andando por aí.

— E irei direto para casa, abraçar Madalena e os filhos! Nunca me senti tão bem disposto. Poderei até voltar a trabalhar! O senhor vai concordar comigo e me deixar voltar ao meu trabalho, não é doutor? Graças a Deus, vai voltar tudo ao normal lá em casa! Vamos sair todos do pesadelo da doença e entrar na normalidade!

Alberto deu um tapinha carinhoso no ombro do alegre doente e seguiu com Augusto, explicando em voz baixa, enquanto saíam pelo corredor:

— Dona Madalena já chegou, vítima de leucemia. Está noutra enfermaria, ainda inconsciente. Vai dar muito trabalho, porque nunca acreditou em nada. Sempre afirmou que quem morre vira terra e pronto. Portanto, demorará a ver e sentir o que ela sempre negou existir. Sentirá nela própria as conseqüências de seu desinteresse e negligência. Perderá tempo para aprender e fazer o que tinha que aprender e fazer

antes. Demorará mais a ficar livre dos sintomas da doença porque vai se julgar doente e a pior doença, que passa de uma esfera para outra, é se julgar doente. Cada um escolhe seu próprio caminho e, se privilégios há ou não, eles dependem exclusivamente da pessoa e seus méritos.

Como pode constatar, aqui há de tudo. Com isso, há também inúmeras oportunidades de trabalho, em todos os campos, para aqueles realmente interessados e que desejam prosseguir no caminho sem volta da Vida. Aqui mesmo, nesta enfermaria que acabou de visitar, há o trabalho constante dos médicos, enfermeiros, visitas, pessoal de manutenção e limpeza e muitos outros. Depois, haverá também o trabalho dos ex-doentes que, ao se conscientizarem primeiro do que os outros, formarão equipes junto aos assistentes, começando a ajudar, a convencer e a animar os amigos.

Augusto interrompeu a conversa com um olhar feliz, repentinamente lembrando-se de algo muito importante:

— Por falar em trabalho, vou cuidar do meu! Agora mesmo, reunirei todos os meus amigos no quarto e apresentarei a eles o trabalho que faremos.

— Se quiser, posso dar uma mãozinha, avisando Inácio, Dalva e Jaciara para irem para o seu quarto. Vou passar perto de onde eles estão.

— Faça isto para mim, sim? E muito obrigado!

Augusto saiu apressado, assobiando pelos corredores.

A PARTIDA

Era madrugada ainda, mas os preparativos transcorriam intensos. Cada um conferia suas coisas, Francisco e Alberto ajudavam. Dona Marieta e Dona Cacilda andavam no meio de todos, conversavam com um e outro, faziam recomendações, preocupadas com o bem-estar e a segurança geral.

Augusto colocava um lança-chamas dentro do veículo que os transportaria, quando Dona Cacilda se aproximou:

— Meu filho, todo cuidado é pouco. Não quero que vocês se percam por lá e nem que se machuquem. Por favor, mantenha sempre o pensamento reto e firme, livrando-se assim das ciladas. Não se esqueça e nem deixe que seus companheiros se esqueçam: deste lado da vida os ferimentos são mais sérios, deixam cicatrizes na alma. Significam que quem os recebeu baixou a guarda e se deixou levar por ondas vibratórias malsãs.

Emocionado e lembrando-se de sua própria mãe, ele beijou a testa da bondosa velhinha, alisou os cabelos alvos e

abraçou-a com carinho, prometendo que voltaria muito mais depressa do que ela pensava.

— Vocês prestaram bastante atenção em todas as orientações, mapas e têm consciência de todos os perigos que correrão, não é? Sabem perfeitamente que a maior arma que estão levando está guardada dentro de suas mentes?

— Sim, Dona Cacilda. Pode ficar tranqüila. Decoramos tudo e sabemos que, ainda assim, surpresas nos aguardam. Mas não as tememos, o que é importante.

Danilo e Pedro se aproximaram, comunicando a Augusto que estavam todos prontos. Quanto mais cedo partissem, melhor.

Abraços, beijos nas velhinhas, desejos de boa sorte, últimas recomendações e eis o grupo todo dentro do veículo que os levaria até certo ponto. Depois, os guerreiros do Além teriam que continuar a pé, carregando armas e bagagens.

Um jipe, em quase tudo idêntico aos da Terra, era a condução que agora

rodava, dirigida por Inácio. Até nele, notava-se que as proporções de um lado da vida eram bem diferentes das do outro. Embora parecesse muito pequeno por fora, tinha um espaço interior considerável e parecia ter sido feito para rodar em qualquer local, pois suas rodas eram muito largas, estáveis e encapadas por material impermeável, cheio de sulcos. Augusto, bom estrategista, pensou logo em ilusão de ótica, para confundir possíveis adversários. Hipótese bem alicerçada, considerando-se não a cor, mas as cores externas. Tons de camuflagem que lembravam bem plantas e folhagens.

O veículo era alto, deixando a parte inferior a mais de um metro do chão. De fora, dava para ver todo o mecanismo que unia as rodas e protegia o piso. Apareciam grandes estabilizadores, parecendo molas de aço, interligadas entre si. E não havia fragilidade nessa parte, pois todo o aparato externo era protegido pela mesma matéria que envolvia os pneus.

Cada vez se afastavam mais das regiões claras e a estrada interminável

entrava em locais sombrios, esburacados e cheios de obstáculos. Pacientemente, e demonstrando conhecer muito bem o caminho, Inácio ia passando por tudo e, quando havia necessidade de afastar empecilho maior, Pedro e André desciam pela porta de trás e o faziam. A porta traseira, toda de vidro, era a alegria de Pedro e André, pois abria ao contrário: para cima. Quem saísse por ela, ao invés de tocar o chão, chegava ao teto externo. Daí ao chão, a solução era a mais simples possível: um bom salto, para alegria dos dois, parecendo duas crianças felizes, sempre apostando quem conseguia cair em pé sem balançar.

O humor geral era o melhor possível e o entrosamento total. Quando souberam da missão, aceitaram imediatamente, pois ninguém queria se separar. Um grande laço de amizade fraterna havia atado todos.

Danilo, lembrando os seus tempos de espiritualista, os livros que lera e o que aprendera, sentia-se cada vez mais à vontade e aproveitava a viagem, assentado junto ao fundo envidraçado do

veículo, para ensinar a André alguma coisa que pensava conhecer sobre o mundo que agora habitavam. André, interessadíssimo, prestava atenção em tudo e ainda acrescentava suas próprias opiniões, muitas vezes divertindo a todos com seu bom humor. Inácio, lá da direção, dava palpites no papo das moças.

Escurecia cada vez mais e começava aquela estranha neblina, característica das regiões perigosas. A velocidade teve que ser diminuída. A estrada foi ficando cada vez mais estreita e, para surpresa de todos, foram surgindo vultos, cobertos com mantas grossas e escuras, cabeças escondidas debaixo de grandes capuzes pontudos, que paravam à beira do caminho, observando os passantes com curiosidade e nenhuma agressividade, não se atrevendo – ou não se animando – a chegar mais perto do veículo.

— Que povo é este, Inácio? — perguntou Pedro.

— Habitantes destas regiões. Vivem em cavernas espalhadas por aí. Não são maus, apenas muito primitivos, com a inteligência pouco desenvolvida. Não

sabem que morreram, onde estão e por que estão aqui. Nem sequer conseguem fazer alguma ligação entre o lado de lá e o de cá; para eles é tudo igual. Não se recordam de nenhuma fase de sua evolução, nem dos locais por onde andaram e viveram. Perambulam por aí, tentando entender, formando grupos pacíficos e silenciosos, como nômades. São como viajantes, perambulando entre dois mundos, mas indiferentes a todos eles.

— E por que não entendem? É só chegar lá e falar para eles a verdade, ora bolas!

— Não é tão simples assim, meu caro. Suas mentes estão num estágio muito inicial de formação. Eles não compreenderiam. Ainda não chegou a hora deles. Temos gente nossa que passa sempre por aqui. Quem pode, é levado para os postos avançados de socorro, que se encontram em toda a região. Lá, são cuidados e encaminhados a locais apropriados.

— Que são postos avançados de socorro?

— É onde se faz seleção e encaminhamento de quem chega. Existem muitos, cada qual com equipamento e funcionários de acordo com o grau de evolução de quem estão preparados para receber. São pequenos, pontos de transição, e, nos que se situam em locais baixos como este, os funcionários não ficam muito tempo por causa da insalubridade.

— E os socorridos daqui são levados para onde?

— A maioria não tem condições de discernir e optar. O encaminhamento para reencarnação é imediato e compulsório. É o melhor para eles. Há casos inacreditáveis: os que morrem lá, ficam algum tempo perambulando por aqui, são recolhidos, passam pela reencarnação, nascem na Terra novamente, tudo sem ter a menor consciência do lado de lá ou do de cá! Nem notam, tão pouco evoluídos estão. São ainda pedras brutas, que só o tempo e a corrente da vida conseguirão lapidar.

— Estou sonhando ou vejo mesmo uma grande construção cinza à frente? – interrompeu Pedro.

— Está vendo, sim. Mas não está tão perto como pensa. Aqui as distâncias são diferentes e você ainda é novato para saber calcular. Ali é o Posto de Socorro “Paulo de Tarso”, vinculado à nossa Instituição, onde pararemos dentro de algumas horas.

— Algumas horas?! Mas está ali na frente! É só ir em frente e chegar em poucos segundos!

— Ir reto e cair no abismo? Olhe melhor.

Pedro esticou o pescoço para fora da janela do carro, erguendo-se com a maior naturalidade, para ver melhor.

— Noooossaa! – pensou alto, caindo assentado, horrorizado.

Que risco se seguissem em linha reta! Um tronco da estrada desembocava logo à frente, diante de colossal precipício. O outro, onde rodavam, passava pelo centro do abismo, no ar, parecendo não estar apoiado em nada visível. Há um bom tempo estavam em cima dele, sem

nenhum acostamento, apenas um fio de rocha da largura das rodas do veículo. Não se conteve, apavorado:

— Aqui tudo é assim, é? Quando menos se nota, já se está de cabeça no buraco?! Valha-me Deus!

Todos riram da reação desesperada do companheiro. Augusto virou-se para trás:

— Aqui tudo é diferente, Pedro. Até o perigo. Ainda não se acostumou? Eu já...

— Acontece que tenho vertigens, não posso com altura. Quando olhei pela janela e vi aquele buraco sem fundo e eu pendurado cá em cima, meu estômago doeu e enrolou. Perdi o chão. A propósito, Inácio, você sabe dirigir isto? Oh, meu Deus do Céu! Eu me meto em cada uma! Ninguém se balance, todo mundo quietinho, para o veículo não perder a estabilidade e cair para o lado. Ai, ai, ai!

Pedro enroscava-se todo, afundando-se no assento, suando e apertando o estômago com as duas mãos, olhos esbugalhados.

— Olha gente! Ele ficou com medo de morrer! – gracejou André alegremente,

com aquele seu modo de brincar que não aborrecia ninguém, só causava risos. Pedro calou-se, amuado e envergonhado, com a brincadeira geral.

Mais escuridão. Mais neblina. Nem dava para ver se já haviam saído da estrada do abismo. Nenhum vulto cinza aparecia mais. Muito frio. E a estrada sem fim... Muito adiante, o tempo melhorou um pouco e permitiu que os viajantes distinguissem melhor onde estavam. Foi quando pararam em frente a imenso portão de ferro afixado por roldanas e correntes em longo paredão rochoso.

Como se mão invisível o tocasse, ele se abriu de par em par e o veículo entrou em grande pátio, iluminado por holofotes que faziam a sombra parecer dia. No entanto, curiosamente, a luz não passava dos limites dos altos muros para fora.

— Eis o “Paulo de Tarso”, amigos – apresentou Inácio. Nossa primeira parada. Aproveitem, pois, quanto às outras, só Deus sabe.

No pátio, grande movimento de pessoas e veículos de formatos e

tamanhos inteiramente desconhecidos pelos viajantes.

Um senhor, aparentando uns 50 anos, aproximou-se:

— Bem vindos! Esperava por vocês. Entrem! Devem estar muito cansados. Sou Dionísio, encarregado do Posto.

Cumprimentos e entraram no atarracado prédio, que se apresentava como construção muito sólida e antiga, toda de pedra, em tudo lembrando a época medieval.

Dionísio se dirigiu a Augusto:

— Francisco me avisou da vinda e do objetivo de vocês. Gostaria que ficassem e descansassem uns dias, mas sou obrigado a avisá-los que a tempestade magnética não tardará e têm muito pouco tempo para levar a cabo sua missão.

— Sei disso, Dionísio. Não poderemos mesmo demorar. Se é que já entendo um pouco do tempo aqui, acredito que a noite se aproxima e isto é bom, pois andaremos sem sermos notados.

— Este local é quase sempre escuro, Augusto. Estamos muito perto da Terra, quase num ponto de intercessão e posso

Ihe afirmar que não é um belo ponto... Vocês andarão em direção ao centro desta região, portanto, preparem-se para escuridão e mais escuridão. Até lá, encontrarão alguns locais um pouco mais claros do que este, mas não esperem muito. Já a iluminação da Fortaleza é perfeita e saberão quando estiverem chegando perto.

Terão que ter muito cuidado no trajeto, pois, quando se aproximam tempestades magnéticas, o tempo fica pior ainda, muito carregado, com relâmpagos e trovões. Sugiro que usem, no princípio da caminhada, a rodovia da Terra, pois poderão se orientar melhor e, durante o dia, haverá luz. Inácio conhece bem a localização dos portões vibracionais e isto facilitará na escolha do melhor trajeto. Mas não tenha muitas ilusões não.

— Uma pergunta, Dionísio: há controle destas tempestades magnéticas? Pode-se interrompê-las?

— Não temos o menor controle sobre elas, pois não somos os seus criadores. Os próprios causadores delas as dirigem e controlam sua intensidade. Só eles

poderiam amenizá-las, mas não compreendem isto. Vibram tão mal e tão fortemente, que saturam o ambiente. A consequência é a descarga imantada proporcional que, uma vez desencadeada, não pode ser detida até que se esgote seu núcleo. Simples, não é?

— É... – murmurou Augusto.

E completou:

— Muito bem: meu pessoal descansará o mínimo necessário. Depois, descarregaremos o veículo e começaremos a caminhada.

Você tem razão: iremos pela rodovia da Terra. Não custa nada rever a velha Terra!

— Que Deus os proteja! Não é nada fácil a missão a que se propuseram!

NAS ESTRADAS DA TERRA

Era meia-noite em ponto quando o grupo foi deixado pelo guia de Dionísio na estrada da Terra. A sensação de terem voltado para casa ficou evidente na emoção que se estampou no rosto de todos, ao verem carros, caminhões e ônibus passarem correndo, buzinando. Do outro lado da pista, bem em frente, uma iluminada loja de conveniências e um posto de gasolina lotado de veículos mostravam ser ali um local de parada de viajantes.

O céu estava estrelado e a noite amena, com uma grande lua a iluminar o caminho.

— Inacreditável! — falou Augusto, com um olhar de encantamento. Se alguém me contasse isto eu não acreditaria. Dois mundos se interpenetrando, mas sem se tocarem. Dimensões diferentes, mesmo tempo. Dois planos vibracionais perfeitamente distintos.

Unindo a palavra ao ato, ele se dirigiu a uma árvore e nela encostou a mão, que

deslizou, atravessando o tronco. Teimoso, tentou novamente, desta vez decidido a passar através dele. Não teve dificuldades. Olhou para todos com ar de perplexidade e alegria:

— Gente, não é sonho não! Se alguém tinha alguma dúvida, que a perca agora. Não estamos mais entre os vivos de lá... Atravessamos objetos, vemos e não somos vistos!

— Às vezes, com muito mais freqüência do que pode imaginar, somos vistos sim – atalhou Inácio. Sempre passa alguém com os sentidos mais evoluídos e nos presente ou mesmo nos vê perfeitamente. Já quanto a passar através das coisas, o fenômeno é recíproco: quem está lá – como você diz – pode passar através de nós...

— Não gostei – atalhou Pedro.

— Vai acabar gostando – respondeu Inácio. Usando uma linguagem popular, é cada um na sua. Eles lá e nós cá, sendo que, na verdade, nós já temos certeza de tudo e eles ainda não. Ponto para nós... Vamos dar um pontinho também para aqueles que conseguem nos ver. No

fundo, eles têm mais chance de compreender as verdades da Vida e como são os mundos, pois conseguem senti-los e pressenti-los...

Inácio falou e a prova aconteceu em cima, como se previamente combinada.

Um ônibus parou no acostamento, bem perto deles, para trocar um pneu furado. Seus ocupantes desceram sonolentos e se espalharam.

— Observem – murmurou Inácio.

As pessoas passavam entre eles e através deles, tranqüilamente, sem nada notar. Pedro e André, achando interessante aquilo, tentaram ficar no caminho dos viajantes, mas não conseguiram ser vistos ou pressentidos.

Retardatária, uma senhora, puxando pela mão uma dorminhoca criança de uns 5 anos, aproximou-se. Ao passar raspando em Pedro, sentiu um arrepio e seu corpo balançou.

— Cruzes! – falou alto, benzendo-se e segurando forte a mãozinha do pequeno. Não gosto de escuro. Fica perto de mim, Joãozinho.

O menino revidou, para desespero da assustada mãe:

— Você esbarrou no moço mãe, e não pediu desculpas! Você não sabe pedir desculpas? – e apontava para um Pedro em estado de graça, por ver-se notado pelo menininho.

— Não fale isto, meu filho! Não tem ninguém aqui!

— Você me ensinou a pedir desculpas e a não falar mentiras. Eu aprendi. Tem gente aqui sim! Tem uns moços e duas moças. Estão rindo para mim. Uma delas está me jogando um beijo.

Neste instante chegou o pai:

— Que é, meu filho?

— Eles, pai. Gosto deles e a minha mamãe não quer acreditar que estão aqui. Está cega, mamãe?

O menino falava e apontava para frente.

O pai olhou desconfiado para todos os lados e desabafou na mãe:

— Está satisfeita? Viu só? Não adianta falar com você! Deixa o menino

horas e horas na frente da televisão! É nisto que dá. Gostou?

Joãozinho ameaçou chorar, protestando aos gritos:

— É verdade! É verdade! Eu não falo mentira! E não tenho culpa de vocês serem cegos!

Jaciara adiantou-se, passou a mão na cabeça da criança, que se acalmou logo. Beijou os cabelinhos e falou no ouvido dele:

— Não se preocupe. É que eles não enxergam no escuro. É verdade sim e é segredo nosso, ouviu?

O menino respondeu alto, abrindo o maior sorriso:

— Eles não enxergam no claro também não. E depois ficam falando que eu é que falo mentira!...

Desesperado, o pai colocou o menino no colo e continuou recriminando a mãe:

— Viu? Primeiro deu para ver coisas. Agora ele fala sozinho! Você precisa cuidar mais desta criança! Quando chegarmos, acabou-se esta estória de ter babá. Quem vai cuidar dele é só você.

O motorista gritou pelos passageiros. Pai, mãe, filho no colo do pai, correram todos para o ônibus. Antes de entrarem, Joãozinho jogou um beijo e deu adeus para Jaciara.

— Fantástico! – murmurou Augusto.

— Que pai mais burro! – esbravejou Pedro.

— O que você presenciou – e que acontece com muito mais freqüência do que possa imaginar – representa uma tremenda falta de informação e de visão dos pais – esclareceu Dalva. Tudo que uma criança fala deve ser levado em consideração. Crianças são puras, não mentem. Mesmo quando fantasiam, foram inspiradas por algo. Os adultos é que as deformam mentalmente. E, muitas vezes, moral, emocional e psiquicamente também. É muito triste, mas raramente os pais cumprem todas as tarefas na educação dos filhos... Muitas vezes agem impelidos pelo excesso de zelo, fanatismos, ignorância, preguiça, omissão pura e simples, irresponsabilidade e outras coisas mais.

Para nós, um dos piores sofrimentos é assistir, muitas vezes sem condições de reação, à conduta irresponsável paterna ou materna. Ignoram eles que, quando chegam do lado de cá, têm que explicar tim-tim-por-tim-tim tudo que fizeram errado ou deixaram de fazer.

— Explicar para quem?! – interrogou Pedro.

— Para o que mais terrível dos inquisidores: a própria consciência. E, meu caro, fuja de ter uma consciência culpada! É um dos maiores tormentos e ninguém pode livrá-lo dele ou minorá-lo, pois ele é seu, exclusivamente seu, criação da sua falta de responsabilidade diante da vida e de seus compromissos. E, quanto ao conserto dos erros, no caso de pais omissos, nem é bom falar. Afinal, pais são responsáveis pelo novo ser, pela orientação, boa formação e conduta dele. Caso se descuidem, podem arranjar problemas por milênios, até que as coisas se ajustem novamente. Isto, fora o sofrimento, a vergonha de haver falhado, muitas vezes, pura e simplesmente, por preguiça ou boa vida.

Enfim, os preguiçosos arranjam mil desculpas para sua incompetência. Até chegarem aqui e darem de cara com a Verdade. Então...

— É, já vi casos de pessoas dizerem que não vão perder nada de bom da vida por causa dos filhos. Por isso, arrumam babás e colégios que os substituam. Ou, o que é pior, não arrumam substitutos e não fazem nada. E recriminam os filhos por qualquer coisinha – falou um pensativo Danilo.

O ônibus partiu numa direção e o grupo noutra. De longe, ainda dava para ver a cabeça do menino tentando sair da janela e o pai impedindo.

Augusto e Inácio à frente, grandes mochilas de sustentação aérea bem presas às costas, todos começaram a andar. A partir dali, estavam por conta própria.

— O que é que você fazia aqui na Terra, Inácio?

— Sou médico há muitas idas e vindas... Trabalhava com doenças tropicais e morri – vamos dizer assim – na selva amazônica quando, justamente, contraí uma.

— Como foi parar perto de Gabriel, o Mago?

— A história de Gabriel é fácil de contar e, muito cedo, confunde-se com a minha: estudamos juntos desde o Jardim da Infância. Nossas famílias eram amigas e nós nos formamos juntos em Medicina. Trabalhávamos no mesmo local, um posto de fronteira do exército, dando apoio à população. Aliás, o único apoio. Éramos médicos, psicólogos, conselheiros, professores, tudo enfim. Formávamos um trio amigo com um velho pajé, ao qual Gabriel se afeiçoou muito. Recebia dele aulas de cura com ervas e raízes e aprendia a fazer contato com os espíritos dos mortos. Como era um excelente sensível, ampliou demais os conhecimentos que recebia. Foi ficando cada vez mais inconveniente, a despeito dos nossos avisos. Certa vez, só de olhar com muita firmeza para um enfermeiro, colocou-o em estado cataléptico.

O próprio pajé o advertiu. Explicou sobre cultura indígena e mostrou que ele estava fugindo dos ensinamentos recebidos. Falou sobre o respeito que se

deve aos semelhantes, para lidar com certas coisas da mente sem ferir nada nem ninguém. Gabriel não se balançou. Alguns passaram a temê-lo. Ganhou fama de feiticeiro branco entre os índios. E pior: foi perdendo os escrúpulos e as noções de princípios morais e éticos. Ele conseguia o que queria, de um modo ou de outro. E o “outro modo” nem sempre era respeitável ou aceitável...

Foi nesta fase que ele começou a fazer o que chamava de experiências avançadas, no coração da selva. Brincava de testar os poderes que tinha – cada vez mais solidificados e fortes – sem nenhum controle ou orientação, pois o idoso pajé há muito havia se afastado, magoado com o destino que ele estava dando aos conhecimentos que havia recebido. Sabem como é: os velhos índios, considerados os sábios da tribo, respeitam demais suas crenças, consideram-nas sagradas e abominam quem delas duvida ou abusa.

Temi então pelo equilíbrio mental do meu amigo. Conversamos francamente, falei dos meus temores e Gabriel riu muito de mim, chamando-me de seu irmão

covarde... Afirmou que o importante era ter força, dominar. Que, num futuro bem próximo, as nações mais poderosas do mundo teriam suas equipes de paranormais muito bem treinadas, auxiliando aos governos em questões de estado, espionagem, estratégia. Coisas assim... E por ai foi...

Numa noite escura – escolhida, segundo ele, através dos melhores cálculos – entrou numa caverna mais escura ainda que a noite, para fazer um teste tão idiota quanto tudo que ele fazia nos últimos tempos: queria ver se, mesmo com uma rocha entre eles, moveria os galhos de uma certa árvore muitas vezes centenária, apenas usando a mente. Era uma árvore gigantesca, com tronco de diâmetro colossal e galhos fortes, grossos e firmes.

Gabriel não ficou sabendo que obteve mais sucesso do que esperava e que havia quebrado um imenso galho, pois foi picado por uma cobra muito venenosa e de lá saiu morto.

Chegando aqui, esperavam-no todos os que tinham sido evocados e usados por

ele. Viu novamente a oportunidade de ser líder, organizou-os e continuou as experiências, desta vez interferindo em vidas de cá e de lá. De quebra, atendia aos pedidos dos amigos encarnados e desencarnados e castigava ou premiava, segundo um critério próprio e cada vez mais insano.

Eu fui o amigo de todas as horas, que realmente gostava dele como um irmão e que, na Terra, sempre tentou ajudá-lo, mas que nunca falou com ele usando a energia devida. No princípio, antes que as coisas ficassem incontroláveis, eu até achava graça em certas loucuras que ele praticava. Portanto, não deu outra: quando morri, ele me atraiu. Ele tem senso de amizade e fidelidade, à moda dele, e não me abandonou. Além do mais, sua cultura, sua inteligência, seus vastos conhecimentos em diversos campos, o tornam muito agradável e dono de uma conversa invejável.

Aprende-se muito com Gabriel, pois, ao contrário do que vocês possam pensar, ele não está constantemente cometendo erros. Não mora em nenhuma caverna

primitiva, nem é um ser abominável da noite, com grandes unhas e aspecto vampiresco. Aliás, é uma estátua grega, sempre primou pela beleza física do lado de lá e trouxe-a intacta para cá. E é aí que mora o perigo. Seus interlocutores ficam hipnotizados, encantados, e o passo seguinte é ficarem submissos. Só que eu o conheço muito, notei logo o que ele estava fazendo, não permiti que a força envolvente dele me alcançasse e nem consegui me adaptar lá; fiquei horrorizado, mas me sentia preso e não sabia como escapar. Quando estamos muito ligados a alguém acontecem destas coisas: mesmo que não permitamos que nos dominem, demoramos a nos desligar das forças deste alguém. Gastei muito tempo aprendendo a usar a minha mente, a reforçá-la e a não permitir que ela fosse controlada. Dificílimo! Fomos sempre irmãos-amigos e não nego que eu, embora achando aquilo tudo uma loucura, queria ficar, ajudá-lo, fazê-lo pensar. Mas algo me dizia que, talvez, saindo para longe de lá eu pudesse socorrê-lo melhor. Não só a ele, mas a todos os que ali estavam subjugados.

O maior perigo para o incauto que lida com Gabriel é este: ele é um príncipe, um diplomata. Sabe agir na hora certa e com precisão. Sabe conquistar, cativar. Sabe até ser discreto, recuar para poder avançar em seguida. É um estrategista. Por exemplo: ele nunca falou diretamente, mas tenho certeza de que conhecia minha luta para me libertar. E não pretendia medir forças comigo, por motivos pessoais e, possivelmente, por saber que eu não agüentaria encará-lo. Talvez em respeito a todo o nosso passado de família, amizade e trabalho, sei lá, ele deixou que eu me virasse sozinho e não interferiu nem contra nem a favor. Mas, sei que nem se preocupava, pois acreditava que eu jamais conseguiria. E melhor: que se conseguisse, optaria por ficar, pois desconhecia completamente o mundo de fora. Ali, pelo menos, eu estava mais seguro. Por tudo isso não foi fácil me desimantar de lá, num esforço insano comigo mesmo. Felizmente, consegui fugir usando meus próprios recursos e isto conta pontos. Quando soube, ele deve ter levado o maior susto; depois, a maior

raiva, pois sentiu que eu ganhara mais força.

Quanto a mim, fui socorrido por uma das equipes de Francisco, perambulando desorientado. Ainda volto esporadicamente à fortaleza, em missões de paz, sempre mal compreendido por lá, mas imune aos riscos locais... Mas, curiosamente, nunca maltratado. É como se eu tivesse passe livre por lá... Mesmo quando Gabriel perde a paciência comigo, ele não usa seus poderes contra mim. É curioso. O máximo que ele faz é tentar dialogar comigo, exatamente como nos velhos tempos. Vendo que não consegue, esbraveja e tenta me incutir medo. Fui eu um dos mensageiros que o advertiu da destruição que se aproxima, provocada por ele mesmo. Desta vez, quase fiquei preso lá, tamanha a fúria dele comigo. Chamou-me de missionário imbecil de inteligência curta e disse que tinha vergonha de ter sido meu amigo. Esbravejou. Tentou me intimidar. Propôs-me aliança. E por aí fora.

No fundo, ele gosta de mim e foi o que me salvou e salva a minha pele

sempre. Tenho sincero desejo de salvá-lo também, mas vejo que isto está ficando praticamente impossível. Eu só posso ajudar, mas quem terá que se conscientizar do caminho errado que percorre será ele. E nisto ele nem pensa.

Inácio interrompeu o que falava, pois tropeçara em algo. Um homem dormia deitado no chão e acordou assustado, perguntando:

— O que houve? Aconteceu alguma coisa?

Mais assustados ficaram os quatro amigos. André rebateu:

— Ele nos vê!

— Claro, André – ensinou Inácio. Ele é um dos nossos. É um guardião da estrada que, por sinal, se afastou do dever. E está aqui justamente porque esta rodovia, como vocês devem se lembrar de antigos tempos, é terrivelmente perigosa, principalmente nesta curva sem proteção. Ela não é chamada de “Curva da Morte?” Lembram-se? Se acontecesse um acidente possível de ser evitado, ele seria responsabilizado.

O homem levantou-se, visivelmente envergonhado:

— Não tenho o que dizer. É lamentável. Trabalho neste posto há cem anos... Isto nunca me aconteceu. Quem ou o quê terá me influenciado?!

— Não perca tempo pensando nisso. Somos todos passíveis de erro, meu amigo. Não se preocupe, mas não se esqueça de vigiar, para evitar ciladas deste tipo. Mantenha a mente em alto padrão e trabalhe tranqüilo.

— Depois deste susto, não me esquecerei.

Os quatro estavam encantados. O mundo novo era realmente surpreendente! E foi comentando o fato que prosseguiram o caminho.

MÃE MARIA EUFRÁSIA

O dia clareava quando notaram um carro em disparada. Parou ao lado deles, cantando os pneus. Era um utilitário grande, ocupado apenas pelo casal e o filhinho pequenino. A criança estava tendo enjôos e os três pularam fora, para que o menininho respirasse ar puro.

A solícita e preocupada mãe abriu a frasqueira, tirou um remédio que já estava preparado na mamadeira e a criança bebeu tudo. Esperaram mais um pouco, mamãe sempre abraçada ao filhinho, até que este adormeceu em paz.

— Que tal andarmos um pouco de carro? Será bom para aprenderem algo mais e adiantará bastante o trajeto.

Inácio não precisou falar duas vezes. Como crianças travessas, apostando quem entrava primeiro, aboletaram-se no banco de trás, André, Pedro e Danilo apertados no espaço traseiro, em cima da bagagem, divertindo-se como meninos em férias.

O veículo partiu novamente, fazendo zigue-zague na pista. Notaram que o motorista não tinha a menor condição de

dirigir, estava com sono e corria demais. Acabaram-se as brincadeiras e começaram as preocupações com os ocupantes.

— Êh, maluco! Anda mais devagar! – gritou Augusto com seu vozeirão bem no ouvido dele.

O homem acordou de uma vez só, estremeçando e piscando fortemente os olhos. Falou para a mulher, que o observava assustada:

— Acho que os comprimidos antidepressivos não estão me fazendo bem. Dei para ouvir coisas.

— Só para ouvir coisas? Deu para dirigir mal também. E muito mal! E não conte com minha aprovação para esta viagem. Se algo acontecer, será culpa exclusivamente sua. Devíamos ter vindo de ônibus. Quem toma os remédios que está tomando não deve dirigir em lugar nenhum, nem na cidade, quanto mais em estrada! Mas você não me ouve e coloca a vida de todos nós em risco, a nossa e a dos outros que passam por nós. Sabe que está sendo um irresponsável?

— Que nada! São uns remedinhos à toa! Eu disse que eles estão me fazendo

ouvir coisas. Mas é só. Quanto ao volante, você é uma medrosa. E andar devagar é coisa de bobo. Aí é que durmo mesmo!

Ela não respondeu. Abraçou-se ao filhinho que cochilava, resignada.

Um solavanco maior e o carro saiu da pista, desgovernado.

Augusto não pensou duas vezes. Atirou-se ao volante e, por um instante, a estranha sensação de usar braços e pernas alheios dominou-o. Mudou as marchas, pisou no freio, segurou o freio de mão, controlou a direção, rodou o volante para a direita, tudo em segundos. Bem a tempo, porém, de evitar a colisão com o caminhão-tanque.

O automóvel parou no acostamento com um ranger de pneus, todos os ocupantes mudos. O intrépido motorista – agora já não mais tão intrépido – estava lívido. Tremia da cabeça aos pés. Precisou de tempo para conseguir falar com a apavorada esposa:

— Nem eu sabia que tinha reflexos tão bons e que era excelente motorista! Senti uma força diferente nos braços e pernas e nunca pensei tão rápido assim na

minha vida! Viu só? E você preocupada com comprimidinhos! Mudei de idéia: eles são ótimos! Não falei que podia confiar em mim?

Ela olhou para ele, resoluta e furiosa:

— Tudo bem que você é o Super-Homem! Mas, por via das dúvidas, segure o Carlinhos que, de agora em diante, quem vai dirigir sou eu e pronto!

Envergonhado e intimidado pela atitude enérgica dela, ele não disse uma palavra e mudou de banco, passando a segurar o filho nos braços.

Rindo, os ocupantes-fantasmas desembarcaram e tiveram outra surpresa. Danilo quase joga ao chão uma senhora velhinha, enrugadinha e curva, de vestido estampado comprido e rodado, segurando uma bengala, observando assustada a cena:

— Perdão, vovó! Como é que eu consegui empurrar a senhora? Quero dizer, a senhora me ouve? Vê-me? Está de cá ou de lá?

— De cá, menino! Junto com vocês. Ainda não sabe distinguir não? Xiii...

— Tem diferença?

— Oh! Não vai me dizer que nem isto você consegue? Está perdido, chegou ontem ou o quê?

E, olhando para os outros, perguntou aflita:

— Ele tem algum problema?

Danilo murmurou uma desculpa meio sem jeito, enquanto André se abraçava à velhinha, recompondo-a, e Dalva apanhava a bengala que havia caído, entregando-a de novo à ranzinza proprietária.

A senhora falou alto, parecendo que, repentinamente resolvera não ficar mais zangada:

— Obrigada, crianças! Sou chamada por todos de Mãe Maria Eufrásia e moro aqui perto. Estava aqui na beira da estrada, justamente pedindo ajuda dos Céus para os meus protegidos dentro do automóvel. Pressentia um acidente, com aquele maluco ao volante. Sabem, eu os protejo há muitos anos. Nasci escrava do bisavô dele, fui ama de leite do avô e babá do pai. Felizmente, a Providência Divina mandou vocês!

— Nossa! Este mundo de cá é uma surpresa só! – interrompeu Augusto.

— Ainda não viu nada, meu filho, ainda não viu nada! Querem descansar um pouco em minha casa?

E, sem esperar resposta:

— Acompanhem-me!

Embrenharam-se pelo mato, seguindo a velhinha, que ia à frente, de braço dado com Jaciara.

Pararam em uma cabana de sapé, debaixo de frondosas árvores centenárias.

— Mora aqui sozinha, vovó? Não tem medo não? – perguntou Danilo.

— Meu filho, aqui adiante ficava a fazenda onde nasci e vivi. Daqui não saio. Além do mais, é o único local que conheço, sair para onde? E vocês, aonde vão?

— Para uma boa briga, vovó. Com gente ruim.

— Hum... Neste caso, precisam estar bem e tranquilos. Assentem-se todos nos banquinhos e vamos conversar um pouco. E, depois, antes de irem, uma boa benzida não faz mal a ninguém. Além do mais,

gosto de companhia. Raramente, aparece gente por aqui. Em cada lua, eu é que vou lá.

— Lá onde?

— No local onde trabalho. O mesmo onde nasci e vivi, no terreno da fazenda, ao lado da senzala. Na casa do Jerônimo, um amigo meu. A gente se reúne lá e os amigos necessitados de socorro, aqui e da Terra, nos procuram. Nós os benzemos e damos remédios de raízes. Sou raizeira das boas!

Um triste Danilo murmurou:

— Se fosse há algum tempo atrás, eu pediria à vovó um remédio para o meu coração... Agora, não precisa mais...

A velhinha passou as mãos pelos cabelos louros do novo neto, talvez arrependida de ter dado uma bronca com ele:

— Agora, não precisa mais, porque tudo melhorou, meu filho. Você sarou. Não pense que as coisas pioraram. Elas acertaram. E então? O que disseram? Vão brigar? Mas briga é coisa feia... Deve haver pelo menos um bom motivo, não?

Augusto adiantou-se:

— Vamos a um local perigoso, onde as pessoas mais perigosas ainda fazem maldades mil umas com as outras. Tentaremos parar com isto e libertar dois prisioneiros deles. Temos pouco tempo para fazer tudo, pois vai haver uma catástrofe lá.

A boa velhinha olhou-o espantada e depois ficou um bom tempo cabisbaixa, segurando nas mãos de Dalva. Assentada em seu banquinho, curvada para a frente, falou:

— Não fica preocupado nem com medo não, meu filho! Quem está com Zâmbi não está sozinho nunca! E vocês estão lutando por uma boa causa. Vão conseguir e melhor do que pensam. A maldade não pode vencer. Nunca venceu. O máximo que conseguiu foi dominar temporariamente. Ouçam o conselho desta velha: quando chegarem lá, nem pensem que eles são maus ou que terão que lutar. Pensem apenas que com vocês vai a Paz e a Força. Vai dar certo!

A seguir, cada qual se aproximou dela, que colocou as mãos na cabeça de um por um, rezando fervorosamente em nagô, a

língua de seus antepassados. Quando terminou, apenas disse:

— E agora vão, meus filhos. Vão com as bênçãos desta preta velha. Que a paz de Zâmbi os acompanhe!

Silenciosos, eles saíram, deixando Mãe Maria Eufrásia sentada em seu banquinho, pensativa, olhar perdido.

UM PEDIDO DE SOCORRO

— Que bom encontrar alguns dos nossos por aqui! – foi logo falando o homem que chegava correndo do outro lado da estrada.

— Que aconteceu? – perguntou Inácio.

— Meu nome é Antônio. Sempre desço para socorrer aqueles que mostram desejo – por menor que seja – de se livrarem das armadilhas onde se encontram imantados por vontade própria. Normalmente, trago comigo um auxiliar ou dois no máximo. Pois, imaginem vocês que, desta vez, encontrei uma situação mais difícil do que esperava. Preciso de ajuda.

Augusto adiantou-se:

— Explique-se melhor, meu amigo.

— Esta é uma linda região da Terra, repleta de grutas, onde turistas e estudiosos de espeleologia e paleontologia – pois aqui há também muitos restos de animais e plantas fossilizados – gostam de passear e estudar.

Abaixo de uma das grutas, por um capricho geológico, há uma imensa mina, desativada há muitos e muitos anos. No passado distante, ela continha pedras e cristais valiosos. Ambiciosos e acreditando haver mais tesouros, vários aventureiros tentavam enriquecer do dia para a noite, retirando pedras constantemente, sem a menor preocupação com segurança, agindo muitas vezes às escondidas, na calada da noite. Um dia, alguém inteiramente sem noção de responsabilidade e perigo explodiu dinamite bem no interior de uma das galerias. Pequena quantidade, mas não tão pequena para evitar que acontecesse o previsível: ficaram todos soterrados. Seus corpos astrais permanecem ali até hoje, imantados ao que consideram suas fortunas, agora reduzidas a alguns punhados de terra e pedregulhos.

Várias entidades que trabalham com socorro imediato, e outras ligadas a afetos deles que do nosso lado já se encontram, vêm tentando removê-los, acordá-los. Mas em vão. Impotentes para realizarem suas missões, as equipes começaram então a enviar pedidos constantes de socorro até

nós e, ao mesmo tempo, boas vibrações de paz e harmonia em direção a eles, os empedernidos que não aceitavam ser socorridos. O tempo fez o resto e conseguiu amolecer os corações dos garimpeiros que já estão começando a acordar, esboçar alguma reação e, muito fracamente, também eles estão pedindo socorro mentalmente, mas ainda muito confusos e perturbados, ignorando o tempo de permanência no local, sem nem sequer saber que morreram e ainda desejando seus tesouros.

Desci com dois auxiliares para tentar resgatá-los e tive uma triste surpresa: justamente hoje, um paleontólogo que aqui faz pesquisas sofreu um acidente junto com outros colegas de trabalho, bem no local onde os nossos necessitados se encontram. Morreram todos também.

Imaginem vocês a confusão que está formada lá embaixo, com antigos mortos empedernidos e confusos, junto a mortos recentes desorientados! Todos apavorados e sem saber direito o que acontece! Para completar, apenas eu e dois auxiliares!

Precisamos urgentemente de ajuda! Quando corri ao encontro de vocês para pedir socorro, a situação se complicava ainda mais, pois o paleontólogo estava acordando, descontrolado e apavorado com as cenas que via. Ao mesmo tempo, os garimpeiros, vendo invasores e julgando-os ladrões de seus tesouros, desesperavam-se a tal ponto que temo que fiquem loucos incontroláveis em pouco tempo.

Não podemos perder um minuto, por favor! Deixei meus auxiliares lá, mas eles pouco estão podendo fazer.

— Vamos lá! — comandou Augusto.

Atravessaram a estrada correndo, embrenhando-se no mato do outro lado.

Não tardou e viram-se frente a frente com uma gruta, onde foram entrando pelo lado direito, ciceroneados por Antônio, que avisou:

— Cuidado! Teremos que descer muito e o ar está irrespirável. Embora isto não nos afete diretamente, há emanções de todos os tipos, vindas das mentes que lá estão presas. Além do perigo das pedras escorregadias e soltas.

— E pedras soltas podem nos afetar?
— perguntou André.

— De certa forma, sim. Embora nada possa nos machucar, pois estamos em campos vibratórios diferentes, acontece conosco uma coisa interessante: estamos tão perto, mas tão perto mesmo do mundo dos vivos da Terra, que podemos sentir os efeitos de alguns fatos ou abalos. E, neste trabalho que vamos executar agora, teremos que fazer esforços e, muitas vezes, nos sentiremos como se ainda estivéssemos vivos lá... A não ser, é claro, que todos já estejam inteiramente equilibrados e capacitados no controle mental perfeito...

— Já sei que vou levar um tombo e coisas mais... — falou o bem humorado André.

— Se pensa assim, vai mesmo — respondeu Pedro, escorregando e provocando riso geral.

Augusto interveio na brincadeira:

— Olha lá, pessoal, cuidado! Vamos manter nosso padrão mental o mais alto possível. É uma boa hora para começarmos a aprender. E vamos em

frente! Sabem de uma coisa? Já estou gostando muito da vida de cá...

A afirmação de Augusto recebeu aplauso geral. Todos estavam se sentindo muito bem, conscientes da própria situação e do trabalho a executar. E, o principal, gostando de tudo e se acomodando muito bem ao novo e irreversível modo de vida.

Uma grande corda foi amarrada às cinturas de todos que, presos uns aos outros e em fila indiana, foram descendo, descendo, segurando nas pedras, escorregando e arfando, enfrentando com galhardia estalactites e estalagmites agudos, musgo e lama em alguns locais. Mesmo assim, André conseguia explicar a Pedro, que vinha logo atrás dele, a razão dos musgos brotarem em certos locais.

Embaixo, ainda tiveram que atravessar compridas galerias e andar totalmente dentro d'água num rio subterrâneo que, em outras circunstâncias, seria até considerado bonito. Encantaram-se, maravilharam-se mesmo, com a facilidade com que se locomoviam dentro d'água, sem problema

algum. André e Pedro combinaram repetir a experiência numa ocasião mais tranqüila.

Gritos e lamentos explodiram de repetente e o quadro que viram foi aterrador: homens caídos na lama do chão, olhos arregalados e olhar ameaçador, pareciam proteger imensas pedras, às quais se abraçavam com força. Outros, segurando as paredes, pareciam só ter olhos para elas. Todos maltrapilhos, sujos de pólvora e sangue. Parecia que estavam começando a acordar depois de longo tempo, completamente dementes e perdidos no espaço.

André segurou no ombro de Danilo, desalentado:

— Acho que este pessoal não vai sair por bem, não...

— Claro que não! – atalhou Inácio. Estão muito assustados, desorientados e, em suas mentes primitivas, pensam que viemos roubá-los. Vamos ter que levá-los com calma, mas à força. Só depois começarão a compreender que nossa chegada não foi assalto, mas colaboração.

— Eu sabia, eu sabia, meu caro, que iríamos ter um trabalho e tanto pela frente. Isto é o que se pode chamar de salvamento dos mais simples... — gracejou o alegre André, cujo bom humor era um constante alento.

— Meu Deus! — interrompeu Pedro. Este acidente não aconteceu há séculos? Parece que foi ontem!

Jaciara esclareceu:

— As antigas e preciosas pedras transformaram-se em barro e lama do lado de cá. A explosão imprudente deixou suas marcas de pólvora e sangue em todos, que, durante todo este tempo — mesmo sem ter noção da duração dele —, sentiram-se como no crucial momento.

— Mas, por que? — insistiu Pedro.

— A ambição desmedida, a ganância, a paixão pela riqueza, impediram que saíssem daqui depois de mortos. Eles mesmos se imantaram ao local. Vejam: nada os prende às paredes e pedras. No entanto, eles estão agarrados nelas. Várias vezes, equipes nossas desceram aqui tentando socorrê-los, tenho certeza. Mas, estavam todos petrificados como as

paredes às quais se agarram. E, como só sairiam caso se soltassem por vontade própria... Graças a Deus, começaram a fazer isto hoje e já afrouxam as forças que os prendem. É a nossa ocasião de ajudá-los e acabar de desligá-los. Mas, não são nossos únicos problemas...

E Jaciara apontou para a galeria ao lado, onde homens e mulheres desesperados gritavam e pediam socorro, ensangüentados. Era a equipe de paleontologia.

— E agora? — perguntou Antônio. Como vamos tirar este povo daqui? E como acalmá-los para que cooperem?

Neste momento, um pesquisador da equipe recém desencarnada aproximou-se, viu os garimpeiros e desabou a correr em direção aos amigos, numa gritaria alucinada. Estabeleceu-se tremenda confusão, onde todos gritavam e os mais calmos perdiam a compostura, acompanhando o coro, cada vez mais assustados.

Augusto assumiu prontamente o comando e deu as ordens:

— Vamos nos aproximar tranquilos. Ninguém diga a eles nada sobre vida ou morte. Tentem apenas mostrar que viemos para salvá-los, acalmá-los. Não é nossa parte fazer ou falar mais do que devemos. Vamos tirá-los daqui e, depois, onde ficarem serão tratados, orientados e encaminhados, de acordo com sua própria bagagem... Como nós fomos...

Espalhem-se por aí e façam o melhor que puderem. Se houver necessidade, usem a força para carregá-los para fora. O que não podemos é deixar este pessoal aqui, neste sofrimento todo. Enquanto isto, eu e Pedro abriremos nossas redes e as de Antônio, no espaço maior ao lado da galeria. Vão levando todos para lá. O melhor é colocá-los dentro das redes e levá-los para cima. Assim, poderão espremer à vontade que estarão contidos e teremos melhores condições de içamento. Não vai ser nada fácil. Preparem-se para muito trabalho e vamos em frente!

Neste instante, ouviram vozes e gritos e gente com lanternas acesas se aproximava pelo outro lado da parede da

galeria. Eram os bombeiros da Terra, que começavam a remover as pedras imensas que bloqueavam a passagem, para resgatarem os corpos e salvarem os sobreviventes, se houvesse. Augusto e os amigos notaram com satisfação e muita emoção que haviam visto tudo através da parede da rocha, que suas possibilidades de visão já haviam se desenvolvido e para elas não havia mais barreiras.

Augusto calculou, falando alto:

— Eles demorarão cerca de uma hora ou mais para chegarem aqui. Terão que abrir caminho tirando muitas pedras. Quando isto acontecer, já teremos saído com todos e eles apenas resgatarão os corpos.

— E os garimpeiros? – perguntou André.

Inácio respondeu:

— Eles não verão corpos, mas esqueletos carbonizados e farão uma descoberta inusitada para eles: que, no passado, alguns homens morreram aqui, em consequência de uma explosão, pois os ossos estão com marcas, tão forte ela foi. Pensarão que foram aventureiros de

outras plagas e alguns até se lembrarão de uma lenda ou história contada pelos seus antepassados sobre os garimpeiros que desapareceram na gruta ou mesmo os saqueadores que sumiram no interior da terra. É sempre assim. Toda lenda que vai de boca em boca tem um fundo de verdade, não é mesmo?

Quanto a nós, resgataremos os seus corpos fluídicos. O que já não é sem tempo.

Espalharam-se, tentando soltar uns e outros, conversar, acalmar. Todos se julgavam salvos, agradeciam por terem chegado a tempo, falavam do susto que haviam tido com o desabamento e não passava pelos pensamentos de nenhum dos socorridos paleontólogos que já se encontravam em outro mundo. Apenas o chefe deles estava totalmente descontrolado, ao lado de um casal que parecia estar em pânico.

Já os antigos caçadores de tesouros estavam em pleno acesso de pavor e agora acordavam totalmente, piscando muito os olhos e tentando mexer pernas e braços. Abraçavam-se às suas pedras,

dizendo que iam levá-las junto, onde quer que fossem.

Augusto e equipe corriam de um lado para o outro e suas atividades lembravam um serviço de enfermagem em front de guerra.

Dalva e Jaciara se aproximaram do casal que gritava desesperadamente, os dois agarrados nas pedras, tentando encontrar uma saída.

— Calma, vocês dois! Já chegamos e vamos salvá-los. Fiquem tranquilos e venham conosco. O pior já passou. Vamos subi-los em redes, não ficarão muito confortáveis.

— Não importa – falou a mulher. O importante é estarmos salvos. Pensei que íamos morrer! Foi um rápido e violento deslizamento de pedras e terra que nos barrou a saída. Mas, graças a Deus, vocês chegaram rápido! Estou machucada, mas agüentarei.

E, amparado pelas duas, o casal foi até à rede em que André e Danilo estavam colocando um outro casal em estado de choque.

— Coitados! — falou ela para o marido. Assustaram-se mais do que nós. Por que estão assim?

André explicou:

— Estão em estado de choque, senhora, mas voltarão ao normal logo. Agora, segurem-se e ajudem a segurar seus amigos. Eu e Danilo vamos içar vocês até a superfície.

Dalva e Jaciara foram buscar mais pessoas e o assustado casal nem reparou que seus dois salvadores tinham muito mais força do que seria possível para dois homens normais, pois começavam a enfrentar a árdua escalada, suportando o peso da rede com os quadros dentro e sem aparentar cansaço.

O serviço de salvamento continuava e os salvadores subiam e desciam levando os feridos, que, na superfície, eram deitados na grama, sob a guarda dos auxiliares de Antônio.

Os da recente expedição foram içados primeiro, ficando o paleontólogo e os antigos garimpeiros para o fim.

E aí começou a maior confusão. Todos urravam, gritavam, esbravejavam,

esperneavam, segurando montes de barro e dizendo que eram fortunas e não podiam abandoná-las. Tinham que levar as pedras. Ao mesmo tempo, diziam coisas desconexas e loucas, choravam alto e pediam misericórdia e socorro a Deus. E nem sequer notavam que a misericórdia já acontecia.

O paleontólogo, grande e forte, avançou furioso e começou a lutar ferozmente com André, que fazia jus aos seus conhecimentos de luta, tentando dominá-lo e salvá-lo. Mas ele nada queria compreender, em plena crise de horror. Pedro passou por perto, também lutando desesperadamente para conter um garimpeiro que, em crise de loucura, o agredia e atrapalhava o salvamento.

Nesta situação difícil, os dois amigos se cruzaram, cada um lutando mais que o outro. Mesmo na confusão, André gritou para Pedro:

— Quem foi que disse que do lado de cá as coisas são calmas e contemplativas?

— Um maluco que não usava a cabeça para pensar, mas para enfeitar o

pescoço – respondeu um combativo e alegre Pedro.

Augusto passava no momento, segurando fortemente pelos pescoços dois barbudos agarrados a suas pedras.

— Alguém estava achando que haveria pouca ação? – falou para Pedro e André, que, nestas alturas, rolavam pelo chão, tentando controlar seus pupilos rebeldes.

André deu uma gravata no grande garimpeiro, e, diante do olhar assustado e divertido de Danilo, falou para o amigo, que também estava às voltas com o seu caçador de pedras:

— É para salvar, não é? Então, estou salvando...

Danilo desatou a rir do bom humor do outro e saiu, carregando alguém recém-acordado e assustadíssimo.

Jaciara e Dalva, mais adiante, não deixavam por menos, recolhendo dois inteiramente alucinados e praticamente domando-os, devido à fúria que apresentavam, gritando que tinham que levar juntos seus tesouros e pedindo a Deus que os salvasse da morte e dos

ladrões, misturando todo nas mentes confusas.

Antônio integrou-se com fervor ao trabalho e ao bom humor dos novos amigos e encarava sem medo os doentes que tinha de salvar, mesmo quando eles estavam em acesso de loucura.

Parecia que todos os que se achavam soterrados há tantos anos haviam acordado de uma vez só, ignorando o longo tempo de sono, com a fúria e o medo de quem estava sendo roubado. Não conseguiam entender que estavam sendo salvos e lutavam a mais não poder contra os invasores.

E foi com um suspiro geral de alívio que o último foi içado, agarrado ao pescoço de Danilo.

Mesmo deitados na grama e enfim salvos, começando a entender vagamente que não enfrentavam inimigos, os garimpeiros gritavam por socorro e se abraçavam às bolas de barro que haviam conseguido levar para cima.

O agora calmo paleontólogo e amigos olhavam estarecidos para os que acreditavam serem companheiros do

mesmo desabamento, que, ao invés de agradecer, mostravam-se desesperados, querendo descer de novo e pegar mais bolas de barro.

Dalva e Jaciara, docemente, foram passando entre os recém-salvos. Paravam diante de cada um colocando ternamente as mãos em suas cabeças. Imediatamente, o paciente entrava em sono profundo e calmo.

Do outro lado, junto à entrada principal da gruta, começaram a aparecer soldados do Corpo de Bombeiros, alguns carregando grandes caixas de metal.

Estavam chegando ao fim dois salvamentos, os da Terra ignorando totalmente o outro.

Augusto dirigiu-se a Antônio:

— E agora? Que tipo de ajuda precisa?

— Agora, só quero agradecer pelo auxílio e pelo prazer de conhecer vocês. É o grupo de salvamento mais alegre que já conheci, rápido e preciso. Estou feliz e encantado, com pena de separarmo-nos. Parece mentira, mas, no meio daquela confusão toda, nunca me senti tão bem,

com a alegria de vocês me contagiando. Sabe? Quem trabalha assim, com Amor e Felicidade, é abençoado com as faculdades da presteza e da sabedoria. Devem estar a muito tempo neste trabalho de resgate, não é?

Diante dos sorrisos de todos, Augusto nem respondeu, para não deixar Antônio encabulado. Apenas falou:

— Obrigado mesmo, Antônio, pela chance que nos deu de sermos úteis. Ajudar vocês foi um prazer imenso e um auxílio muito grande para nós, acredite-me. Como vai fazer para levar tanta gente?

— Dentro de algumas horas, chegarão os veículos de transporte. Encontrarão muito mais passageiros do que esperavam. Mas, isto não é problema. Vocês foram, com sua ajuda precisa e rápida, muito importantes, pois não me deixaram atrasar e perder o horário combinado com eles, a despeito de tudo haver se complicado com mais um acidente. Obrigado, amigos!

EM QUE MUNDO ESTAMOS?

Passaram por locais conhecidos de velhas épocas e, muitas vezes, os corações choraram de saudades. Mas, mesmo assim, não se detiveram. Sabiam que o tempo era cada vez mais curto. O pressentimento de que não podiam se atrasar dominava todos.

Amanhecia e o sol raiava, depois de terem andado por uma noite inteira e mais um dia sem parar. Agora, sem dúvida, estavam em plena Terra, vivenciando a interpenetração dos mundos. Durante a caminhada puderam sentir o peso da atmosfera, cansaço e outras coisas que mostravam bem o tanto que se aprofundavam num mundo que já não era mais o deles e apresentava-se muito mais pesado.

Só agora se sentiam descansados, pois haviam se abrigado no celeiro de uma fazenda durante a última noite. O repouso era necessário para suportar aquela vibração pesada, à qual não estavam mais acostumados.

Reencetaram a marcha, mas, em pouco tempo, começaram a ficar intrigados e assustados, pois, com muita freqüência, escutavam lamentos doloridos, que pareciam vir de dentro deles mesmos.

Augusto intrigou-se:

— Estamos virando telepatas ou o que, Inácio? Ouço claramente alguém se lamentando, chamando, pedindo socorro... Ou serei eu mesmo inconscientemente? Será que ainda não me conformei com a minha nova situação?

Os outros concordaram imediatamente. Também eles ouviam e sentiam o mesmo.

— Nada disto! – socorreu o guia. Vocês todos se adaptaram muito bem à nova vida. E a cada dia se entrosam melhor! O que está acontecendo é simples: desde que partimos, ficamos sintonizados mentalmente com o nosso objetivo final, isto é, a fortaleza. Agora que estamos chegando perto dela, escutamos os clamores de quem por lá está pedindo socorro, acordando. Principalmente dos dois prisioneiros que vamos acudir. Eles já estão em linha

direta conosco, pressentindo que foram ouvidos e serão salvos, mas ainda impossibilitados de qualquer reação, como num sono hipnótico.

— Interessante sistema de telefonia! Mas incomoda muito – gracejou Pedro, coçando as orelhas.

— Incomoda, porque vocês não estão acostumados a isolar estas transmissões em determinados momentos e sintonizá-las apenas para controle da situação. Através delas, conseguimos saber exatamente quantos prisioneiros estão em condições de serem socorridos e quantos estão fingindo, querendo apenas aproveitar-se da saída dos outros para uma fuga em direção a outras regiões iguais ou piores.

— Observem – falou Dalva. Prestem bastante atenção no que ouvem.

Alguns instantes de silêncio. Inácio explicou:

— Dalva é especialista em reconhecimento e análise de transmissões, sabe dizer com precisão se são falsas ou não. Ouçam-na com atenção.

A moça parou, fechando os olhos, como se estivesse ligando antenas. Mas continuou falando:

— Concentrem-se e escutem bem. Há lamentos e pedidos em todos os tons e sons. Procurem ouvi-los com isenção, sem deixar que a tristeza deles penetre vocês. Apenas escutem.

Todos fizeram um círculo em redor dela, olhos fechados. Ela orientou:

— Deixem a mente solta. Permitam que a sintonia seja perfeita. Joguem a mente de vocês de encontro aos sons. Esperem...

Agora, ouçam bem o lamento mais baixo, mais dolorido e choroso. Quase sem forças, tenta nos alcançar. É falso. Notem como ele não é sonoro. A dor real é sonora.

Passemos aos outros sons, estes que parecem se misturar a ruídos. Entre eles, alguém apenas chora. Nem tenta pedir. Este será um dos primeiros socorridos. Engraçado... O choro dele me lembra pedra, estalagmite, uma coisa assim. Esta pessoa deve estar num local cheio de pedras, não sei bem. Mas tem pedra e

muita. Não faz mal: mesmo que não consigamos identificar quem é, ele ficará livre e será resgatado, pois é um lamento sincero e arrependido e os aflitos jamais serão desamparados. Muito breve seu choro será estancado.

— Por nós? — perguntou um emocionado Pedro.

— Talvez sim, talvez não. Isto não importa. Toda vez que parte uma expedição, como a nossa, para uma região onde haverá tempestade magnética, ela é imediatamente seguida por outra de recolhimento de sobreviventes. Nós cumprimos a nossa meta: os dois cientistas. Os que nos seguem se encarregarão de verificar quem precisa realmente de socorro. Assim, não nos desviaremos um minuto sequer de nosso objetivo e todos serão atendidos.

— Meu Deus, que mundo é este? — Augusto pensou alto.

Inácio prontificou-se a responder:

— Um mundo muito bem organizado, só perturbado pelas imperfeições que trazemos conosco da Terra.

O círculo em volta de Dalva se desfez. Augusto recomendou:

— Concentrem-se em nossa missão. Tentem não ouvir estas transmissões constantemente. Vamos começar a nos educar. Já não é sem tempo.

— Concordo! – aplaudiu André. Já estou começando a ficar incomodado com a minha ignorância!

Todos manifestaram seu apoio a quem tão bem soube explicar o sentimento geral.

Era impressionante a capacidade que Augusto tinha de reagir com rapidez. E a liderança firme dele sobre o grupo que, imediatamente, retomou a caminhada, tranqüilamente, como se nada tivesse acontecido. Estavam aprendendo autocontrole de uma vez só. E com muita disciplina, fruto do esforço de cada um.

O percurso pela estrada terminava. Era necessário voltar à região mais escura, na reta final para a fortaleza.

Foi com saudades da vida na Terra que eles a deixaram novamente e atravessaram um por um a barreira

vibracional, penetrando no astral por uma de suas entradas mais baixas e sombrias.

A paisagem mudou bruscamente: viam-se muitos espinheiros, pedras e plantas de regiões desérticas. Não fazia sol nem chuva, frio nem calor. A impressão era de total abandono, como se tivessem entrado dentro de um relógio do tempo e segurado os seus ponteiros para que parassem de andar. Corvos pareciam petrificados em galhos secos. Cascudos e negros lagartos esgueiravam-se por entre as pedras.

Indiferentes à mudança, continuaram andando normalmente e com determinação. Quem visse aquele grupo entenderia que muita coisa havia mudado neles. Estavam melhores, firmes, tranquilos, entrosados. Seria difícil dizer quem era recém-chegado e quem já conhecia há muito o Além. Saltava aos olhos a inutilidade total do arsenal que portavam. Era evidente a capacidade de fogo da maior arma de todos: a mente e o coração. Ninguém falava, ninguém perguntava, ninguém mostrava medo, ninguém reagia sem prudência: apenas

andavam em direção à meta, um grupo coeso num passo firme, Augusto e Inácio à frente. Atrás, protegendo a retaguarda, André e Pedro.

Começavam a aparecer grandes amontoados de pedra e areia, formando grutas de aspecto tenebroso, umas imensas, outras menores, todas parecendo enormes bocas negras querendo engolir tudo e todos. A paisagem mutante e sombria a cada momento apresentava aspecto mais hostil.

Repentinamente, estranho animal cortou-lhes o caminho. Pararam, petrificados diante de colossal réptil negro, com duas cabeças e presas pontiagudas, olhando fixamente para eles. As finas e compridas línguas quase os alcançavam. Ele balançava-se, como preparando o bote. Viscosa baba escorria-lhe de uma das bocas. Um apito frio e cortante partiu da outra garganta.

André não teve dúvidas e nem medo: pulou à frente e, empunhando o lança-chamas, crestou o animal que, para espanto geral, foi sumindo, sumindo, até

desaparecer por completo, deixando no chão um montinho de cinzas fumegantes.

— Há muitos animais aqui, Inácio? — perguntou Augusto.

— Vários e alguns pavorosos. Mas não são animais. São criações mentais de quem habita estas regiões e as que lhes são correspondentes na Terra. Por isso, este desapareceu com o fogo, que é elemento de limpeza e purificação. O episódio serviu também para ilustrar a utilidade das armas que portamos: servem para limpeza e não matança. Seu poder é proporcional à situação para a qual foram criadas. As chamas são sempre de limpeza e queima de emanções podres.

A região é fortemente bombardeada pelas más emissões de mentes doentias, tanto da Terra como de cá. Dá nisso que viram: criam monstros pavorosos, que se nutrem das próprias emanções pútridas que os criaram, formando um círculo vicioso.

Nunca ouviram falar em formas-pensamento? Existem até expressões na Terra: “de tanto pensar, fulano conseguiu o que queria”. Ou então: “beltrano fixou o

pensamento numa só coisa e ficou alienado". E assim por diante. Tudo tem fundamento. Quando desejamos intensamente algo, conseguimos atrair o objeto desejado ou, caso seja impossível, pegamos algo exatamente similar, já notaram? Ou, pelo menos, criamos um elo que o prende a nós. O que pode ser bom ou mau para ambos. O único elo que vale é o do Amor. Os outros, um dia se desfazem com a mesma intensidade com que foram criados.

A força do pensamento é imensa. Jaciara, que conseguiu se envenenar com os próprios desejos de vingança, é uma prova. Imaginem agora, em contrapartida, o efeito maravilhoso que fazem as emanções mentais de alguém que só perdoe, queira e deseje o Bem, vibre o Bem...

Os nossos antepassados costumavam representar santos e anjos com auréolas de luz envolvendo a cabeça, fonte de pensamentos e desejos. Quando faziam isto, talvez nem pensassem no que realmente significava: o Bem realmente é uma coroa de luz.

Augusto nada falou. Enquanto os outros discutiam animadamente formas e pensamentos, ele olhava para frente, resoluto. A fortaleza estava por perto, tinha certeza. Uma voz interior lhe dizia que ela ia brotar a qualquer momento, no meio daquele deserto. Era necessário que tivessem disciplina e organização.

Mais uns metros adiante, uma parada para descansar, numa entrada de gruta. Ali, estariam seguros para um relaxamento e um último repouso, antes da parte mais perigosa da missão. Precedendo qualquer ação, é importante relaxar e repousar. Cada um se acomodou o mais confortável possível, olhos fechados, mentes soltas, procurando Luz.

A região era triste e feia, estavam mal acomodados, mas, neste instante de Paz, só viam e sentiam o sol luminoso de seu interior. Nele, se nutriam de forças, como grandes turbinas. Em preces mudas, suas mentes vagaram para um espaço azul, muito longe dali e nele flutuaram.

Aos poucos e brilhando intensamente, em volta de cada um foi se formando uma

bolha luminosa e transparente, que cintilava como cristal lapidado.

Violentos e imensos morcegos que habitavam o interior da gruta, acordados pelo brilho das bolhas, saíram em bandos das frestas e se aproximaram cegos, mostrando enormes dentes e batendo as asas desordenadamente. Mas, na medida em que esbarravam nas redomas de cristal, desfaziam-se como em passes de mágica, com tilintares sonoros e puros que, no ambiente sem vida da caverna, compunham uma doce e bela sinfonia.

E assim, silentes e em prece, todos compreenderam que nada havia a temer nos domínios de Gabriel. O arsenal que transportavam serviria apenas para destruir barreiras magnéticas e criações sombrias das mentes desequilibradas. Contra o resto, eles eram as armas vivas. A verdadeira finalidade era destruir barreiras e não seres. E a maior munição estava neles próprios, imbatíveis e resolutos na missão de pacificar e libertar.

A FORTALEZA MEDIEVAL

Os caminhos tornaram-se fáceis de percorrer, com aspecto pesado e muita organização nas várias trilhas cobertas de seixos, cercadas por grandes pedras. Separando-as, apenas uma grossa e escura areia. Cada rota seguia em determinada direção, mas a maioria se mantinha paralela, terminando num aglomerado de casamatas. Vultos caminhavam aqui e ali, sem nem sequer se dar ao trabalho de olhar para os novos caminhantes que chegavam. Andavam apressadamente, indo e vindo, dando a impressão de organizados grupos de trabalho.

Era evidente que entravam definitivamente no coração dos domínios de Gabriel. Que, por sinal, não eram feios nem horrendos como pensavam ser. Nem bonitos também. Diferentes, a palavra adequada.

Do alto, antes da descida final, avistaram a fortaleza e estacaram perplexos. Era uma cidade! Murada e fortificada, à moda medieval. De espaço

em espaço, guaritas e muitos, muitos guardas, portando imensas lanças pontiagudas, capacetes com asas e armaduras – sim, armaduras – coloridas. A sensação de todos era a de que estavam na Terra e haviam voltado no tempo, encontrando-se agora em plena Idade Média.

— E então? Esperavam uma cidade cheia de arranha-céus, viadutos, autopistas, ônibus, carros e aquela parafernália toda? E, só para ficar igualzinho à Terra, alguns trombadinhas e trombadões atacando velhinhos indefesos? – perguntou André bem humorado, quebrando o susto e a surpresa e, como sempre, descontraindo todos.

— Tenho plena consciência de que estamos na Terra. Só que do outro lado da barreira, o que faz toda a diferença... Quanto ao lado e ao local onde estamos, pelo que imagino, aqui só tem trombadão. Mas em muito maior quantidade do que eu pensava. Deve haver exércitos aí dentro! Como vamos poder com eles? Por que não nos falou que era assim, Inácio? – adiantou-se Pedro.

— Porque não é assim como pensam à primeira vista. Isto não é uma cidade, embora pareça. Temos aí um núcleo, com tudo circulando em torno dele e protegendo-o. Observem melhor e verão que é um local realmente muito bem guardado, mais para Forte do que para cidade. Todos que moram lá dentro servem ao mesmo chefe, fazem dos desejos dele os seus próprios desejos. Ninguém tem vontade própria e nem tem o direito de ter. E tudo é muito bem organizado, não se iludam. Todos os movimentos giram em torno de Gabriel, senhor único.

Augusto murmurou pensativo:

— Sabem de onde me lembrei? De Jericó. Com suas muralhas bíblicas... Deixem para lá...

— Onde fica Gabriel? – quis saber Danilo.

— No centro. Num palácio de pedra. Para chegar até ele, você tem que passar por todos que, fatalmente, darão o alarme antes que você pisque um olho. Entendeu?

— Entendi e não gostei. Vocês sentem o peso do ar?

Todos concordaram com Danilo. Sofriam a mesma pressão invisível e nem discutiram a causa, que já conheciam: as vibrações fortíssimas ali, no próprio epicentro delas.

— Vamos lá, pessoal! Nada de pânico! Controlem-se e o mal-estar passará rápido – comandou Augusto, completando com calma: temos um contato lá dentro, Simeão. Ele é o nosso posto avançado no coração da fortaleza e já deve estar nos guardando.

— Ulálá! Novidades! Comecei a gostar! Está parecendo filme de 007! Lembram-se dele? Sabem? Eu sempre fui vidrada, vidrada mesmo no Sean Connery... Ai, meu Deus do Céu!... Sean Connery, Sean Connery! Mas vamos lá. Deixa-me acordar do sonho e perguntar: se Gabriel é tão forte, como não encontrou Simeão ainda? – perguntou uma alegre e sonhadora Jaciara.

Inácio sorriu:

— Sinto não ter um Sean Connery aqui para você. Embora apóie: artista bom aquele!

— Bom só?! Lindo, maravilhoso, charmoso, talentoso! Ai, ai!

— Acorda, Jaciara! Quanto ao bandido do filme, no caso Gabriel, ele é forte, mas nós também somos. Será uma luta diferente das do seu herói, Jaciara, mas talvez até mais emocionante, pois as armas usadas serão mentes tão poderosas, tão grandes e possantes, que não custa lembrar que estamos aqui para salvar até mesmo Gabriel, se ele quiser. Nossa consciência nos obriga a tentar.

Colocando a situação atual em nível de aventura, heróis e bandidos têm uma retaguarda invejável... No caso de Simeão, ele está constantemente protegido por um escudo mental, que funciona de maneira simples: deixa entrar todas as informações, mas não permite que nada guardado por ele seja vazado. Em nossos postos avançados, dentro de territórios perigosos, os escudos mentais são muito usados, com sucesso: permitem que não sofremos as agressões do ambiente e possamos ajudar a quem precisa e pede. Quando voltarmos, faço questão de mostrar a vocês como funciona

o controle à distância dos escudos mentais. É uma coisa fantástica!

— Quem é Simeão? Um informante nosso? – arriscou Dalva.

— Nem pensar! Não precisamos disto! Ele é um protetor dos que estão lá e faz isto por opção própria. Ao menor sinal de que alguém precisa ser socorrido, comunica-se conosco ou, então, resolve o problema ele mesmo, facilitando a fuga e providenciando transporte ou guia para o novo amigo. Além do mais, procura acordar os que ainda não viram a Luz, através da aproximação desinteressada, amizade, carinho, e coisas assim. Está mais para missionário, não acham? E que missionário! Quando sairmos daqui, não se esqueçam de procurar conhecer a história dele. Vale a pena!

— E por que ele não tirou os cientistas?

— Ele tem que ter certos cuidados, senão terá que fugir também. Não se esqueçam que o Mal tem poder e que, na fortaleza, há forças poderosas. É uma ilusão pensar o contrário. E ninguém é salvo à força, acordado à força. Tem que

haver um pedido, um lamento, uma prece, um grito, sei lá, um mínimo que seja sinal de desejo de aproximação... No caso dos cientistas, só agora eles estão conseguindo fazer comunicação, embora muito fraca. Mas estão presos ainda, imantados e hipnotizados. Sentem muita dificuldade para manter qualquer concentração mental. E, por isso, jamais conseguirão equilíbrio para se controlarem sozinhos e soltarem as amarras. Temos a considerar que isto tudo dificulta a reação deles. Por isso viemos.

— Existe alguma possibilidade de alguém controlar uma situação dessas sem ajuda, sozinho?

— Claro! É um esforço fantástico, mas não impossível. Afinal, a nossa mente é nossa... Pode ser a louca da casa, como já se disse, mas pode ser a comandante também. Controlando-a com segurança, jogando fora o medo, ganhamos forças até então desconhecidas e podemos, tranqüilamente, encarar qualquer Gabriel que apareça à nossa frente.

— Eu, hein... E quando não conseguimos tal proeza? O que acontece?

— O que está acontecendo agora. Alguém de fora, com controle mental perfeito e sem medo algum, tem que agir ajudando e libertando o prisioneiro. Arrancando da casa mental dele o pavor e inserindo ali a segurança, a calma, o equilíbrio, a certeza da paz e do amor. Sabia que o amor é o segredo de tudo? Ele amolece o coração e faz com que nos sintamos todos irmãos. Paralelamente, leva a nossa alma a um estado mais alto, imune a ataques grosseiros. Está aí a chave mágica do sucesso... Extremamente fácil para ser compreendida pela maioria...

— E no caso dos nossos protegidos, quem é que vai ser capaz de soltá-los, desimantá-los e acordá-los da hipnose profunda? Não deve ser um trabalho fácil, considerando-se que são prisioneiros de Gabriel. Pelo que entendi, parece até que são os prisioneiros favoritos, se é que há prisioneiros de estimação... – interessou-se Danilo.

— Confio em você, Danilo, para esta missão – respondeu Augusto, colocando a mão no ombro do amigo, que arregalou os olhos:

— Eu?! Está brincando comigo? Eu não sei fazer isto não! Para ser franco, nem saberia por onde começar, quanto mais segurar a barra. Pode ir esquecendo esta idéia sem pé nem cabeça!

— Sempre é tempo de se fazer algo ela primeira vez não acha? Seu passado é seu maior aval. Vai me dizer que esqueceu tudo que aprendeu?

— Está certo, vamos raciocinar friamente: eu fui orientador num Centro Espírita, fui médium passista e, muitas vezes, falei nas reuniões e ajudei no aconselhamento aos que chegavam desesperados e sem rumo, sem compreenderem os próprios problemas, muitas vezes criados por eles próprios. O que pode comprovar que eu sempre soube, com toda convicção, da existência do mundo de cá, ao passo que outros jamais desconfiaram disto... Mas, daí a soltar presos num covil de lobos... Sei não... Sou novato por cá...

— É isto aí, companheiro! – falou André dando um tapinha no ombro de Danilo, num gesto muito comum seu. E completou:

— Você faz a sua parte. Deus protege quem age com fé. Aprendi isto com minha mãe. Ela sempre fez parte do Movimento de Renovação Carismática da Igreja Católica. E, menino, você nem imagina o que ela conseguia com a força da fé e da convicção! Se eu começar a falar da minha mãe, não vou conseguir parar. Mas garanto: aquela heroína da fé libertava corações e mentes com suas preces fervorosas, sua crença inabalável num Deus de Amor! Uma vez eu li que já está comprovado cientificamente o poder da prece. Acredito, porque eu via desde menino o trabalho desinteressado da minha mãe, sempre com um sorriso, abençoando e amando a todos sem cobrar nada em troca. Minha casa vivia cheia de gente atrás dela, pedindo uma prece, um conselho. E ela nunca se cansava sempre sorria, sempre atendia. Um anjo de luz!

Não se assuste, amigo, vá em frente! Quanto a nós, estaremos todos a seu lado, dando a maior força. Não esquenta não! Aposto que você é bom nisto e não sabe. E depois, sabe o que penso? O pior e mais difícil já fizemos, nem notamos quando o fizemos e, pelo que notei, não nos saímos

mal: morremos e descobrimos o Além. Descobrimos também que a vida pulsa sempre, que a vida continua, independente de religiões e credos, mas dependente apenas do amor e da elevação moral das criaturas. Deus, a Força, o Poder Supremo – ou que nome queiram dar – está do lado e comanda aqueles que têm puros os corações. Estamos continuando, estamos mais vivos do que nunca! O resto é manha... Dá para tirar de letra.

A facilidade de André para desconstrair ambientes e minimizar problemas era maravilhosa. Danilo olhou sério para ele, mas acabou rindo, confiante.

Recomeçaram a andar, descendo a trilha pedregosa que, de vez em quando, parecia sair de foco e balançar.

— E agora, o que é isto? – perguntou Dalva, abrindo os braços, como para se equilibrar.

Inácio explicou:

— A tempestade está muito próxima. Tudo começa a se desestabilizar, pois fica cada vez mais forte o choque de forças. E

nunca se esqueçam de que são todas poderosas, venham de onde vierem.

Um vento frio e cortante assobiava e, de vez em quando, um raio cortava os ares.

Já estavam bem perto de uma guarita avançada, onde carrancudo e desconfiado guarda olhava para eles, com cara de poucos amigos.

Augusto aproximou-se descontraído, aparentando um ar malandro e uma ginga até então desconhecida dos companheiros que, no íntimo, começaram a achar interessante e admirar mais ainda aquele líder que havia surgido para eles e que demonstrava conhecer tão bem táticas de aproximação e de reconhecimento de estranhos, além de infundir a maior confiança nos seus comandados. Espalharam-se em volta e tentaram manter a atitude mais descompromissada possível, enquanto Augusto abordava o homenzarrão:

— E aí, amigo? Tem lugar para nós aí dentro? Estamos procurando pouso. O tempo não está nada bom.

— Para descansar ou para ficar?

— Depende. Tanto faz... Está convidando? É simples: se for bom aí, ficamos. Se não for, não ficamos. Estamos cansados de andar sem rumo. Queremos nos fixar onde nos agrade.

— Andando tanto, não acharam outro local para pedir pousada?!

— Um que nos agradasse totalmente não. Os que encontramos não nos interessaram. Cada um tinha um defeito. Alguns eram muito pacíficos para nós. Outros estavam cheios de gente meio esquisita, boazinha, meio carola... Todos encheram nossa paciência. Imagina você que, em um deles, queriam que trabalhássemos! E trabalho monótono! Mandei que fossem se coçar!

E Augusto deu de ombros, com desdém.

— Ah, é? O que chamam de pacíficos e monótonos? Posso saber ou é muito cansativo falar?

— Não goza, cara... Não gostamos de pouca ação, muita paradeira. Nosso negócio é movimento, barulho, trabalho ativo...

— E como chegaram aqui? Olha que é longe...

— É, notamos isto. Mas, sabe como é, não é? Andando, andando, conversa daqui, conversa dali... Gente muito chata para todo lado...

E Augusto foi se assentando numa pedra ao lado do guarda, que continuou as perguntas:

— E o que é que sabem fazer?

— Qualquer coisa, desde que nos dê satisfação.

— Mas gostam mesmo é que tenha movimento, embora não queiram se comprometer nem cansar demais. São uns tremendos boas-vidas! Acertei?

— Em cheio! Você é um gênio, meu amigo! – empolgou-se Augusto.

— Se há uma coisa que tem aqui, é ação constante. Mas é coisa para macho... Sei lá... Você é o chefe deles?

— Sou. E não ouse duvidar que sou macho, pois lhe dou uma lição aqui e agora! Como faremos para participar de tudo por cá? Queremos conhecer a cidade primeiro, para ver se interessa.

— Isto não é cidade. É um Forte, não vê? Vou encaminhá-los ao Ebenezer. Ele poderá colocá-los em contato com os traficantes de liberdade. Vão ver o que é movimento.

— Calma lá! Gostamos de escolher as coisas. Quem são os traficantes de liberdade? Que negócio mais doido é este?!

— Vamos por etapas, seus otários vagabundos e burros. Primeiro devem saber que quem entra aqui, entra definitivo, para sempre. É caminho sem volta. Não pode se arrepender e deve obedecer sem discutir, senão tem castigo. E castigo dos bons. Portanto, eliminada a hipótese de escolherem. Caso entrem, fim! Já ficaram. Deu para entender bem?

Segundo: aprendam desde já a temer os traficantes de liberdade, caso não se incorporem a eles. Mas vocês não me parecem ter cancha para entrar numa dessa. Gostam é de curtir uma sombra e água fresca, quem não vê? Mas, lá vai: saibam pelo menos como eles agem. Depois, se caírem na esparrela, bem feito! Não mandei ninguém vir aqui pedir abrigo.

Acontece que, vez em quando, o sujeito tem vontade de aprontar por conta própria, resolver umas coisinhas particulares, tirar umas lasquinhas nos inimigos ou mesmo vagabundear procurando emoção nos cantos por fora. Aí é que entram os traficantes, que facilitam ao boboca algumas horas fora daqui, sozinho, sem ser notado e sem que sua ausência seja sentida. Em troca do favor, o fujão executa alguma tarefa para seus protetores, que tanto pode ser azucrinar alguém ou localizar desafetos deles, atualmente escondidos na Terra. O único problema é que os bobos que se utilizam destes expedientes ficam viciados e abusam: querem sair toda hora, custe o que custar. Quando começam a incomodar, os traficantes dão um jeito neles: facilitam a saída, mas providenciam para que a guarda note. Preparado o campo para a volta do desprevenido, o castigo vem certo: o sujeito imantado na prisão ou petrificado por tempos no Campo das Pedras. Os traficantes ficam livres, sem problema. E morrem de rir.

— Qual o pagamento que pedem para colaborar com alguém? Só o trabalho extra ou mais alguma coisa?

— Por acaso você é mais burro ainda do que penso? Ninguém faz nada de graça, bobão! No caso, o pagamento não é a missão que o sujeito é obrigado a executar para eles. É pior ainda: submissão total às vontades e ordens deles. Quando os dominados se comportam, são até muito úteis, fazendo todo o trabalho sujo e pesado. Quando não, são algumas pedras a mais... Mas a maioria obedece, porque, a partir da primeira fuga temporária – e às vezes nem tão interessante – os idiotas ficam entre o pavor de dois castigos: o de Gabriel e o dos novos chefes. Quem descobrir primeiro, ferra! E nenhum dos dois é bom, diga-se de passagem. Os novos dominadores nunca mais têm sossego, pois passam a ter dois senhores poderosos, que exigem submissão total. Não dá, não é?

E o guarda soltou estrepitosa gargalhada.

— Anda, me fala sobre o Campo de Pedra... Nunca ouvi falar nisso... E olha que já andei por aí... – insistiu Augusto.

— Simples: todo mundo que é petrificado pelos traficantes ou por Gabriel, é levado para lá. É um espaço imenso, a perder de vista, coberto de estátuas cinzentas que vivem chorando. Um negócio muito deprimente, mas bem feito! Otário tem mais é que acabar lá, duro e berrando...

— Chorando por quê? Não são estátuas? Estátua não chora... E como é que se petrifica uma pessoa? Vai me dizer que aqui a turma é tão adiantada em ciência?...

— Moço, deixa de ser bobo... Conversar com gente besta é o que mais me enerva... Não sei e nem quero saber como é que uma pessoa vira pedra. Esqueceu que é punição? Embora se transformem em pedra e fiquem imobilizados, suas mentes continuam funcionando perfeitamente. É terrível, um senhor castigo, sabia? Ultimamente, as coisas estão ficando ainda piores, se é que isto é possível, por causa dos inexplicáveis

terremotos. Além da rotação normal de defesa da fortaleza, que periodicamente muda de posição para evitar assaltos, tem havido abalos sísmicos muito freqüentes e violentos, não sabemos porquê. As estátuas quase sempre caem, pois nem sempre se fixam com firmeza no chão. Então, ficam rolando sem eira nem beira, batendo umas contra as outras... Dizem que é um sofrer que não acaba mais... Cruz em credo!

— É, imagino... Cruz em credo mesmo! E eles não conseguem se livrar dessa, meu chapa? Não tem ninguém esperto por aqui, além dos chefes? Alguém pode até querer me fazer virar pedra, mas vai ter trabalho, ah, se vai...

O guarda olhou para Augusto com os olhos arregalados:

— Correm histórias ou lendas, sei lá, de gente que se salvou, se derreteu com as próprias lágrimas, voltou ao normal e fugiu. Ou foi levada por algum louco, pois dizem que os loucos perambulam por lá que nem assombrações, olhando as estátuas, limpando-as, coisas assim, que só doido sabe fazer. Não acredito em nada

disto não. Acho que nem doido gosta daquilo... Você não conhece os domínios de Gabriel... Mas, está em tempo: vira para trás e cai fora se não tiver coragem de encarar! Não vou perder tempo com gente covarde!

— Calma lá, meu caro! Eu e meus amigos encaramos qualquer coisa, não temos medo de nada, não! Não vai nos confundir não, olha lá! Tá pensando que tem algum maricas aqui? – Augusto falou bravo e alto.

— Tudo bem, tudo bem! Gostei de vocês e vou deixá-los entrar. Se fizerem alguma coisa errada e me trouxerem problemas, não vão gostar do que farei com vocês.

Não vão entrar pelo portão principal. Tem uma entrada aqui no chão da guarita, de emergência. Vocês entram pelo alçapão e já saem dentro da sala do Ebenezer, em frente a ele. Não vão conseguir se perder, nem que queiram. Ele saberá que fui eu quem mandou vocês e, daí em diante, cuidará de tudo.

Augusto olhou para os preocupados companheiros e se comunicou com eles

pelo pensamento, pela primeira vez. Tranqüilizou-os pedindo calma e firmeza mental. Rápidos sorrisos brotaram nos rostos de todos, felizes com a descoberta da possibilidade de falarem entre si e ninguém de fora conseguir captar. Como um raio, passou pela mente de todos que, cada vez mais, estavam se adaptando à nova realidade e aos novos poderes que, por sua vez, estavam aumentando cada vez mais.

No entanto, a preocupação voltou rápido, pois, na verdade, não pensavam em se ligar a Ebenezer ou qualquer outro. Queriam apenas entrar da maneira mais discreta possível. Quanto menos gente em contato com eles, melhor. Quanto menos fossem vistos e conhecidos, mais fácil ficariam as ações que teriam que empreender.

Augusto arriscou:

— Não precisa se preocupar não, seu guarda. Já nos conhece o bastante e sabe que somos da mesma turma. Entramos pelo portão mesmo, o senhor o abre para nós. Lá procuraremos por Ebenezer. Sabe? É que queremos conhecer primeiro o local.

Se entrarmos por um túnel subterrâneo, não veremos nada. E alguém pode nos confundir com malfeitores... Concorda comigo, não concorda?

— Nada disso, espertinho! Está pensando que aqui é a casa da sogra? Quer arrumar complicação para mim? Verão a fortaleza inteira depois. Terão bastante tempo para tal. Nas novas atribuições, terão que andar por todos os lugares e sua curiosidade vai ficar mais que satisfeita. Mas tudo a seu tempo e no tempo certo. Antes, vão conversar com Ebenezer, que vai escolher onde ficarão e o que farão. Assim, qualquer problema ou deslize de vocês, a responsabilidade é dele também. E se existe um sujeito que sabe cair fora de encrencas, é ele. Olha para vocês e sabe logo com quem está lidando. Está falado e pronto! E se me amolarem muito, vão caçar encrenca em outro lugar! E, juntando a palavra à ação, foi abrindo o alçapão e ordenando:

— Entrem logo e pouca conversa! Se são medrosos, não têm nada que aparecer por aqui. A fortaleza não é lugar de

covardes! Andem, andem! Tenho mais o
que fazer!

PARADA NO BAR

— Bar?! Mas tem bar neste mundo?! Não acredito!

Pedro foi o primeiro a botar a cabeça para fora do alçapão e a levar um susto: estavam saindo dentro de um bar, bem no meio do salão! Pelo menos, era o que mais parecia o local, cortado de fora a fora por comprido balcão, cercado por uma desordem de mesas e cadeiras colocadas irregularmente e com uma espécie de palco num dos cantos.

Um a um, foram saindo, olhando para os lados, tentando ver alguém, conhecer o lugar.

O alçapão foi fechado e encaixado, tão bem que não se conseguia distinguí-lo facilmente.

André e Pedro pularam para o outro lado do balcão, procurando alguma coisa que nem sabiam o quê. Mas, nada! Os dois lados eram exatamente iguais, não possuíam gavetas nem prateleiras. E muito menos garrafas ou copos. O que era aquilo afinal?

Apito estridente cortou os ares e um barulho ensurdecedor precedeu um tremor de terra. Cadeiras e mesas começaram a cair e rolar, as paredes se movendo em todas as direções, enquanto eles se seguravam fortemente no balcão, apavorados.

O barulho era cada vez mais forte, parecia uma montanha rugindo. Vento fortíssimo e gelado soprava, vindo não se sabia de onde, assobiando e criando um redemoinho dentro da sala, jogando cadeiras e mesas para o ar.

André olhou divertido para Pedro:

— Bar eu não sei se é ou se tem algum neste mundo. Mas terremoto eu garanto. E dos grandes! Se segura, menino!

— Nem precisa avisar!

Com um grito, as moças soltaram-se do balcão, caíram e rolaram para a parede, tentando segurar nos pés das mesas e escorregando junto com elas.

Inácio e Danilo soltaram-se e foram rolando até onde elas estavam, tentando impedir que as duas saíssem porta afora,

segurando-as e colando-se com elas à insegura parede.

O barulho foi diminuindo, ao mesmo tempo em que a vibração aumentava. De repente, tudo parou de se sacudir como gelatina e o chão ficou firme novamente, cessando de balançar. Do mesmo modo como veio, o terremoto parou. Durou pouco, mas arrasou tudo.

Exaustos todos se puseram de pé, levantando algumas cadeiras e sentando-se nelas ao redor de uma mesa.

— E agora, Inácio? — perguntou Danilo.

— Agora o quê?

— Explica mais essa. O que aconteceu? Foi terremoto mesmo?

— Rapaz... Nem eu sabia que estes tremores eram tão fortes assim, porque eu nunca fiquei nos limites da fortaleza. Vivi sempre perto de Gabriel, onde tudo é protegido e estas coisas não acontecem.

Meus amigos: saibam que, por medidas de segurança, de tempos em tempos, a área em torno do núcleo desta fortificação roda, trocando tudo de posição. No centro, nada treme, ouve-se

apenas o barulho ao longe. Na periferia, acabo de ver que a coisa é brava.

Ao girar tudo, a conseqüência é certa: o palácio de Gabriel muda, e toda a parte central da fortaleza troca de lugar em relação ao resto. Como a residência principal é cercada por labirintos, e eles também sofrem uma metamorfose, o acesso aos aposentos particulares do mago fica cada vez mais impossível até para os membros mais antigos da comunidade.

Quanto aos de sua segurança pessoal, estes não passam pelos corredores dos labirintos e não enfrentam tal tipo de problema: existe uma passagem subterrânea especial e do conhecimento só dos iniciados. Aliás, o que não falta aqui é passagem subterrânea.

Muitos habitantes daqui nunca viram o próprio chefe, que jamais sai de casa. Para todos os contatos externos, ele tem mensageiros de confiança.

A fortaleza é um mundo diferente. Mais diferente ainda é o mundo que ela

abriga: o comando, a residência de Gabriel. Vocês verão.

— Não tenho a menor pressa em ver. E você, Pedro? – perguntou André.

— Por mim, fico aqui mesmo... Meu consolo é saber que em pouco tempo isto tudo não existirá mais, será destruído e consumido.

— É? E já pensou se você estiver aqui dentro na hora?

— Vira essa boca para lá, vira...

Neste momento, entra na sala, passando por uma disfarçada porta lateral, um homem muito alto e forte, torso nu, barba cerrada preta e sobranceiras grossas. Sem a menor cerimônia, foi falando:

— Ah, já se refizeram do susto? Quem é o chefe?

Augusto levantou-se:

— Eu. E você, quem é?

O brutamontes, ao contrário da expectativa geral, deu um sorriso bobo e estendeu a mão peluda, de unhas grandes e sujas, cumprimentando todos:

— Ebenezer. De onde vieram? Por que vieram para cá?

— Viemos de lugar nenhum. Vivemos andando. Não temos pouso fixo. Andarilhos, sabe?

— Só me aparecem doidos! Também, para querer viver aqui... Quanto a mim, breve volto para casa, pois acaba o meu contrato de trabalho e não pretendo renová-lo. Chega! Vou me aposentar e pronto. Serviço mais chato esse... — reclamou, entredentes, Ebenezer, sentando-se e espalmando as mãos na mesa, ao mesmo tempo em que dava um longo suspiro.

— Não gosta daqui? — arriscou Danilo, tentando puxar conversa.

— Não. Quer saber? Detesto! Gosto mesmo é de beber, no meu bar, na minha cidade, sossegado.

— Então, por que está aqui? Já quanto a bar, estamos num... É só começar a beber...

— Nunca precisou trabalhar não? Estou aqui trabalhando com um contrato de trabalho que vencerá logo e me

permitirá voltar para casa. E isto não é bar, idiota.

— E o que é?

— Local de reuniões de traficantes.

— Ah... Barra pesada, hein? Você trabalha para eles?

— Infelizmente sim. Digo infelizmente, porque é um trabalho muito bobo. Fico aqui, recrutando os novos trabalhadores que chegam e encaminhando-os. Nada mais do que isto.

É monótono não acham? Quanto aos traficantes, não é que eu goste ou não goste deles, isto não vem ao caso. Eu não gosto muito é da paradeira e de nunca poder viajar para ver a família. Ou mesmo ir buscar a família para morar comigo. Mas, não vou ficar reclamando. Eles não gostariam de morar num local como este... Afinal, me pagam bem e posso sustentá-los, mesmo de longe.

— Quanto?

— Você não precisa saber, seu perguntador. Mas, vá lá: cá para nós, nem eu mesmo sei quanto ganho ou pego no meu dinheiro. Faz parte do contrato. Eles entregam diretamente à minha mulher e

filhos. Até hoje ninguém escreveu reclamando ou pedindo mais. Deve estar dando...

— E onde está sua família?

— No Nordeste. Fico aqui no Sul trabalhando porque lá não tem emprego para mim.

— Nordeste? Sul?! De onde?

Ebenezer olhou para Pedro, que estava sentado a seu lado, e apontou para Danilo:

— Ele é doido?

Pedro prontificou-se a responder, sem conseguir disfarçar um sorriso:

— Não. Ele é mesmo muito perguntador, só isso. Temos andando tanto, que perdemos um pouco a localização, a noção de lugar...

— Quer dizer que você também não sabe que está no Sul? Vocês estão é fugindo da polícia e não querem contar... Onde já se viu andar por um país inteiro, sem saber onde se está? Malandros, vocês não me enganam não... Tenho muito tempo de janela...

Sem saber como responder e pensando que Ebenezer é que era doido, Pedro deu um sorriso amarelo:

— É... Parece que estamos todos perdidos. Mas Sul de onde?

E Ebenezer, de olhos arregalados, cofiando a barba:

— Hum... Do Brasil. De onde mais podia ser, seu pateta? Acorde, cara! E desembucha logo. Conta quem vocês mataram ou que droga traficaram. Ou acha que penso que são santinhos?

André divertia-se a mais não poder, junto com as moças.

Augusto e Inácio se entreolharam preocupados. Inácio fixou os olhos no companheiro, informando a todos, mentalmente:

— Já entendi tudo. Este cara é um idiota a serviço deles. Nem sabe que morreu, muito menos de onde veio ou onde está. Aceitou um serviço e pensa estar executando-o. Como ele diz, acredita que voltará para casa ao terminar o contrato. Repete apenas o que falaram para ele, como um zumbi. Aliás, é o próprio zumbi.

Instantaneamente, todos captaram a informação. André aproveitou para informar a todos, telepaticamente, o seu protesto, pois não estava gostando da história não.

Augusto falou grosso:

— Olha aqui, Ebenezer: estamos gostando muito daqui e já conversamos bastante. Agora, gostaríamos de dar uma volta. Mais tarde voltaremos. Se gostarmos do lugar, você nos providenciará um contrato de trabalho, estamos acertados?

Sem esperar resposta, todos se levantaram e caminharam rapidamente para a porta. Que não encontraram.

Ebenezer deu o seu sorriso mais largo e divertido:

— Pensando que podiam me enganar, hein? A porta rodou e mudou de lugar seus bobalhões!

Jaciara e Dalva se sentaram pesadamente num cantinho da sala, desconsoladas. Os outros se encaminharam novamente para Ebenezer, cercando-o na mesa.

Augusto fez outra tentativa, com mais calma:

— Escuta, Ebenezer. Ninguém quer enganá-lo. O bobo é você de pensar isto. É errado querer passear?

— Não. E passear é o que vocês vão fazer agora, garanto. Eu e um amigo ficamos reparando-os durante e após o tremor. E não gostamos. Não sei o que é, mas tem uma coisa errada. E não quero confusões para o meu lado, nem ter de me explicar com ninguém. Muito menos virar pedra. Não tenho nada com isto e não quero ter. Se tiver mesmo alguma coisa errada, nem quero saber. Por isso, antes de entrar aqui na sala, avisei à Polícia. É melhor eles conferirem vocês primeiro.

Foi dito e tinha sido feito mesmo.

Homens grandes e barbudos, com carrancas de poucos amigos, acabavam de entrar, passando por uma porta que se abriu na parede, parando em volta dos recém-chegados.

Atrás de todos e esquecidas por todos, Dalva e Jaciara, assentadas no canto e aterradas, observavam a cena.

Silenciosamente, foram escorregando pelo chão, se arrastando até o local por onde os homens haviam entrado.

E nem olharam para trás quando saíram e se esconderam entre grandes caixas, no pátio. Agora, era urgente que as duas encontrassem Simeão. Por onde começar?

NO CORAÇÃO DO INIMIGO

Amarrados fortemente uns aos outros, amordaçados, levando empurrões e socos dos guardas que os escoltavam, os cinco amigos partiram da casa de Ebenezer, puxados pela ponta da frente da corda pelo mais forte dos homens barbudos.

Mentalmente, Augusto se comunicou com todos:

— Pessoal, chegou a hora de provarmos a nós mesmos que estamos preparados para continuar com galhardia e valor a caminhada da Vida. Que nenhum de vocês se deixe levar por pensamentos de raiva ou quaisquer outros menos dignos. Lembrem-se de todas as instruções que receberam e do que vêm aprendendo em todos os momentos. Mantenham alto seu padrão vibratório, não se esqueçam. Pensem e desejem unicamente ajudar aos que ainda não se encontraram e não se equilibraram. Lembrem-se que estamos entrando na etapa mais difícil da nossa missão e temos a obrigação de realizá-la. Continuem

tranqüilos. Vejam como temos conosco a força da paz, num exemplo simples: estas amarras que nos prendem só conseguem me dar a impressão de fragilidade. Tenho a nítida sensação de que conseguiria nos soltar a todos agora, se quisesse.

A resposta mental geral foi imediata: concordavam e sentiam a mesma coisa. Tinham consciência que deviam fingir estar bem presos, para poderem chegar mais perto do objetivo. Em nenhum momento e por nada deviam dar mostras de superioridade.

Foi, portanto, com tranqüilidade que atravessaram vielas e mais vielas – onde gente curiosa, mal encarada e mal vestida, se aglomerava para vê-los – e entraram numa passagem subterrânea, sempre puxados violentamente pelos guardas.

Na medida em que avançavam, notavam que as paredes do túnel iam se alargando e havia perfume no ar. Um perfume exótico, sensual e forte. A escuridão não era total e pedras de todos os tamanhos e luminosidades serviam como lâmpadas, estrategicamente

colocadas. André, que adorava a capacidade de conversar telepaticamente, avisou a todos que aquele projeto de iluminação era dos mais interessantes que já tinha visto.

Uma escada pequena e chegaram em amplo salão, todo de pedras, lembrando um rico arsenal medieval. Brasões, armas e armaduras enfeitavam as paredes, onde bandeiras coloridas e com os mesmos brasões estampados em cores fortes, desciam do teto ao piso de rocha.

No centro, imensa mesa oval formada por um único bloco de soberbo granito negro, com castiçais e objetos de ferro adornando-a, brotava do chão, como se nele tivesse raízes. Não havia cadeiras comuns em volta, mas confortáveis e anatômicos bancos talhados em mármore cinza escuro, com encosto alto, de uma beleza que impressionou a todos.

Um colossal candelabro de cristal, com dezenas de grossas velas acesas, pendia do teto e emanava uma luz morna que se refletia no centro polido da mesa.

Na lateral, à direita, uma escadaria de pedra encostada à parede era um

caracol que tanto entrava pelo teto como afundava no chão, cujo início e final não se via ou se previa.

O mesmo perfume forte que sentiram antes dominava o ambiente.

Retiradas cordas e mordanças, eles foram deixados ali pelos guardas, sem nenhuma explicação ou mesmo precaução da parte deles.

— Lugar de uma beleza estranha... — murmurou Augusto, correndo o olhar pelo local.

— Estou e não estou gostando — definiu André, que foi logo se assentando sem cerimônia, experimentando um dos exóticos bancos de mármore. Gelado como um iceberg, por sinal. Levantou-se rapidamente, com uma expressão de susto e mal-estar, resmungando:

— É nisto que dá querer mexer em tudo...

Inácio informou:

— Acho que vamos falar com o chefe. Ele usa esta sala para interrogar presos especiais.

— Sinto-me honrado, mas tenho medo das conseqüências de tanto prestígio... Por que somos presos especiais? Aliás, é melhor nem me responder, porque tenho medo da resposta... – atalhou Pedro.

— Aqui nada acontece sem que ele saiba. Deve ter me pressentido e, quer queira ou não, ele tem absoluta certeza de que sou amigo dele. E sempre teve uma curiosidade imensa em descobrir o porquê da minha transformação e fuga, pois, nem usando todos os seus poderes, ele conseguiu desvendar a minha renovada mente, depois que nos separamos. Isto pode ser bom ou mal para nós. Não sei se Gabriel, que me tem como irmão, teme que eu me torne seu inimigo, pois não tem a menor vontade de medir forças comigo... Principalmente pela raiva que tem de desconhecer o que se passou em minha mente e me mudou tanto. Ele é Rei aqui, mas não suporta nem deseja entender o reinado de lá, de onde viemos. Mas não se iludam: sabe se defender e conhece as posições das peças deste tabuleiro de xadrez perfeitamente.

Preparem-se. Terão muitas surpresas com ele e sobre ele... Não pensem que o que chamamos de Mal é feio, asqueroso e menos potente. Demo est Deus inversus...

Um homem novo, alto, louro e muito bonito, surgiu majestosamente por detrás de uma bandeira que decorava a parede central. Vestia uma túnica vermelha comprida, presa por largo cinturão dourado. Farta capa de veludo grená quase negro espalhava seus gomos pelo chão de pedras lustrosas, lembrando um rei antigo pelas roupas e adornos preciosos. Aproximou-se mansamente, sorrindo e estendendo a mão fina, fria e bem tratada para um Augusto perplexo:

— Esperava encontrar um homem primitivo, morando numa gruta e brandindo o tacape?

— Confesso que não fazia idéia... Passaram pela minha cabeça várias imagens, todas completamente diferentes da que vejo. Você combina perfeitamente com a sua sala, com tudo aqui, sabia?

— Sabia. Não quer sentar-se? Mande que todos se sentem.

— Por que você mesmo não convida todos a se sentarem?

— Quem manda nos subordinados, nos mínimos detalhes, é o chefe.

— Como sabe que sou o chefe? Quem é você?

— Não vai me bombardear com perguntas idiotas, vai? Está cansado de saber que sou Gabriel.

— Não custava confirmar, não é? Eu gosto das coisas muito bem explicadas. É vício antigo. Mas, claro que quero que meu pessoal se sente; no entanto, eles não vão ficar congelados nesses assentos gélidos?

— Já não estão mais frios. Agora eu estou aqui e estou convidando. Se alguém congelou antes da minha chegada é porque se assentou antes da hora.

Assentaram-se, Pedro e Danilo olhando para André com o maior sorriso, Augusto ao lado do Mago, que foi logo dizendo sem cerimônias, apontando Inácio com desdém:

— Vejo que trouxe este covarde de sempre. Ele serve exatamente para que? Aliás, eu não entendo qual é a dele:

quando morava aqui e tinha uma vida régia, foi ingrato e não quis ficar. Fugiu como um rato de esgoto, sem saber agradecer a amizade com que era distinguido. Mas, vira e mexe, vive aparecendo por cá...

Inácio levantou a voz firme, do outro lado da mesa:

— Como vai, meu amigo? Estou feliz por vê-lo novamente. Ficaria mais, se conseguisse levá-lo conosco para o lugar de onde viemos.

— Você conseguiu se fixar em algum lugar? Fantástico! Como pretende me levar? Preso? Ou vai tentar me intimidar e amedrontar, falando em destruição de novo? Não me canse! Você já nem me preocupa mais, meu caro. Meus guardas têm ordem de deixá-lo entrar e sair à vontade. Está maluco, pregando no deserto... Em consideração à nossa amizade anterior, passei a considerá-lo inofensivo. Você já esteve aqui inúmeras vezes, falando neste tal fogo e coisas assim... Tem certeza de que está bem? Já procurou tratamento psiquiátrico?

— É a primeira vez que entro preso...

— Claro, é a primeira vez que chegou aqui rodeado de desconhecidos. Mas, considere-se solto imediatamente. Que se afaste sempre de mim a vontade de mantê-lo detido! Pode entrar e sair à vontade. Andar por onde quiser. Você é cachorro conhecido e não morde. O que quer desta vez? Avisar de novo? Você deve ter fixação em mim, não é verdade?

— Obrigado, mas prefiro ficar com meus companheiros. Gosto de você como um irmão. Você sabe disto, Gabriel. Sou o amigo que teve e tem, para todas as horas. Mas que, por ser amigo, não vai concordar com seus métodos de ação e de vida. No entanto, tranquilize-se: não há mais tempo para avisos. Agora, quero é salvá-lo mesmo. E, por tabela, salvar todos que mantém prisioneiros, sofrendo.

Um sorriso frio como o mármore da sala tornou ainda mais lindo e pétreo o rosto perfeito de Gabriel, o brilho dos olhos claros extremamente azuis, que balançou a mão com desprezo em direção ao interlocutor.

Dirigiu-se novamente a Augusto, desta vez com voz forte e imperiosa:

— Não sabe respeitar os domínios dos outros? Por acaso ocorreu-lhe que está invadindo meu território?

— Longe de mim tal idéia! Você é que me desrespeitou, mandando nos prender como criminosos, antes mesmo de saber o que queríamos, de onde vínhamos e porque viemos. Não foi nada hospitaleiro e foi um ato arbitrário.

Gabriel engoliu em seco e seus grandes olhos azuis brilharam. Excitava-o constatar que aqueles homens não o temiam nem um pouco, mesmo estando com os destinos em suas mãos. Encarou Augusto, que não baixou os olhos:

— Estão soltos agora, ninguém está amarrado e estamos a sós. Pode dizer o que quer.

— Quero levar comigo dois presos que você tem aí. E quem mais quiser sair. Não vai concordar, vai?

— Você sabe ser óbvio e direto. Adivinhou. Claro que não.

— É, eu imaginava... Em todo caso, obrigado pelos elogios.

— Você merece, acredite. Muito bem. Já que não chegamos a uma conclusão,

vocês têm duas opções. Na primeira, em respeito à minha antiga e fraternal amizade com este idiota aí, mandarei levar vocês até o portão principal, de onde irão embora sem olhar para trás e nunca mais voltarão.

— Negativo.

— É, eu também imaginava... Resta então a segunda. Vão fazer companhia aos presos do calabouço, até que eu resolva o que fazer. Pretendo acabar com vocês de uma vez, mas na hora certa. Conheço várias e boas maneiras de deixar sujeitos corajosos inativos por séculos... Não tenho nada pessoal contra vocês, que até me agradam: gosto de homens fortes e de coragem, que não se dobram com qualquer vento. Mas é que não suporto mais esta mania de socorro do seu povo... Eu sou um chefe poderoso. Tenho legiões de comandados trabalhando para mim, aqui e em outros locais. Nunca pedi e nem pedirei socorro. Não preciso, entendeu? Mas, mesmo assim, volta e meia, sou perturbado: lá vem um de vocês, de preferência esse parvo aí, com fala mansa e conversa fiada. Chega!!!

A voz possante e sonora de Gabriel ecoou em toda a sala, produzindo um efeito acústico surpreendente e fazendo tilintar fortemente os cristais do lustre, cujas velas espalharam fagulhas, como gotas douradas para todos os lados. Seus olhos soltaram faíscas e suas mãos ficaram tensas e crispadas.

Ninguém se moveu, se preocupou ou se intimidou com o som e o efeito atordoante. Ficaram imóveis, esperando tudo voltar à normalidade. E foi a hora da voz de Augusto, também bonita, forte, possante e tranqüila, ecoar por sua vez, não provocando faíscas, mas espalhando segurança e uma vibração de paz naquela sala macabra:

— Posso fazer uma pergunta, Gabriel?

— Claro.

— Conhece o mundo de onde viemos?

— A Terra? Até demais para o meu gosto...

— Não se faça de desentendido. Sabe muito bem de onde viemos.

— Nem tanto como você pensa, pois não é prioritário para mim estudá-lo. Sei

que vocês são bem organizados e têm mania de salvar os outros. Querem que todo mundo pense como vocês e, de preferência, more com vocês. Isto é meio neurótico, não? Nunca me interessei em visitar sua região. Seria cansativa demais para mim... E monótono. Nossos interesses não coincidem. Nem desejo nada do que vocês têm: sábios, cientistas, máquinas, armas, tenho tudo, igual ou melhor que lá, pelo que me informaram os traidores de vocês! Ou você não sabe que, vez por outra, tem gente de lá correndo para cá? E tenho mais o que fazer.

— Aceita o convite? — revidou, implacável, Augusto.

— Como?!

— Convite sem compromisso de permanência lá, mas com seriedade. De homem para homem. Você vai conosco, olha tudo com total liberdade e opina depois. Com sua inteligência, captará logo todas as nossas atividades e – por que não? – talvez até aprove alguma. Será muito bem vindo lá, acredite. Se não gostar, volta correndo. Pode até continuar dizendo que não gostou, que não aprovou,

mas com conhecimento de causa. Olha, filho, posso ser seu pai e, portanto, posso ensinar isto a você: nunca fale contra ou a favor de algo, sem prévio conhecimento. Não condiz com sua capacidade intelectual. E então?

Um perplexo Gabriel respondeu:

— Está me chamando de filho?! Como me levará lá?

— Normalmente. Conosco. Não tem segredo nenhum não. Digamos que você saísse de férias... Já disse e repito: com garantia de volta, caso não queira ficar, o que é uma das possibilidades... Mas, com uma única condição: os dois prisioneiros que viemos buscar irão também. Sabe? É questão de responsabilidade: gosto de cumprir minhas missões integralmente. Você não se incomoda, não é?

— Está brincando comigo...

— Nunca falei tão sério, filho.

— E eu pensando que só o Inácio era maluco... Por uns instantes, imaginei que você era normal... Não está enxergando a diferença entre nós dois? Eu sou um rei, enquanto você...

— Somos iguais, garanto-lhe. No momento, dois filhos de Deus necessitando muito da Misericórdia Divina, para que possam entender todos os meandros da vida infinita, que, agora, sabem ser uma realidade irrefutável. E, ao mesmo tempo, dois homens corajosos o suficiente para não temerem um ao outro e saberem encarar as verdades da vida, procurando ter sabedoria para navegar na correnteza de Deus... É tão simples! Basta se deixar levar... Eu já encarei e optei. É a sua vez.

— Fala em Deus?

— Sim. Mas, se você quiser dar outro nome à Força que governa a vida, não tem problema. O importante é crer. Nós dois já passamos pelo portal que divide os mundos e sabemos que algo mais forte governa tudo isso. Que nome queira dar a este Poder, é bobagem. Nomes são rótulos, mas nem por isso devem ser desrespeitados. Use o seu, que uso o meu. Eu chamo de Deus. Mas, caso queira ou ache importante discutir isso, estou aberto a todas as teorias.

Gabriel ficou de pé, revelando toda sua majestade e imponência. E que majestade! Inegavelmente, sua presença dominava o ambiente e transmitia magia e mistério. Olhou para baixo, para Augusto precisamente, e sua voz saiu gélida:

— Não sei como tive paciência para ouvi-lo por tanto tempo... E olhe que o meu tempo é precioso. Tenho mais o que fazer.

E, correndo os olhos em volta:

— Ninguém aqui merece minha atenção.

Dizendo e falando, espalmou a mão esquerda em um grande ônix incrustado sobre a mesa, bem em frente ao seu lugar, na cabeceira. Imediatamente, uma dúzia de homens vestidos com armaduras reluzentes ocupou a sala, surgindo ninguém viu de onde, tamanha a rapidez com que apareceram.

Silenciosa e mansamente, Gabriel afastou-se, sumindo atrás da mesma bandeira por onde entrou, arrastando os gomos fartos de sua capa grená e deixando no ar o mesmo perfume inebriante e insinuante de sempre.

— Sempre achei que só as mulheres podem ser lindas. Nunca sequer imaginei que um homem pudesse ser bonito. Mas este é maravilhoso! Nem parece humano... – murmurou André.

— Não é humano. Mas convenhamos que tem majestade... – rebateu Pedro.

Um dos soldados aproximou-se e, sem falar, indicou uma escada estreita no fundo do salão, meio encoberta por uma alta peça de madeira maciça, onde lâminas de diversos tipos e pedras escuras e cortantes repousavam nas prateleiras.

Um a um, todos desceram, guiados pelo mesmo soldado e acompanhados pelos outros. Os minúsculos e irregulares degraus exigiam o máximo cuidado para ninguém tropeçar e cair. A escada parecia não ter fim e perfurar as entranhas escuras da terra.

Chegaram a uma galeria cheia de portas de ferro em toda sua extensão. Na primeira, que já se encontrava escancarada, entraram os cinco, onde foram imediatamente trancafiados.

UMA PRISÃO SOMBRIA

— Essa é boa! E agora? O homem é mesmo muito poderoso e forte, vocês notaram? Vai fazer picadinho conosco! Ou melhor, sei lá se ele pode picar alguém em pedaços, pois já morremos... Ou não morremos? Estou vivinho, vivinho! Antes eu pensava que morte era fim, agora descobri que morte é mudança de realidade. E, na atual realidade, viemos criar problema com um sujeito que comanda legiões, mora numa fortaleza bem fortificada, tem cara e aspecto de rei e uma mente prodigiosa. Estamos malucos!

André, como sempre, começava a conversa, enquanto examinava detalhadamente a porta da cela e sua tranca, de aspecto completamente diferente das conhecidas dele. Continuou:

— A fechadura é magnética, portanto cem por cento segura. Pelo andar da carruagem, dá para notar que o pessoal aqui trabalha mais com a mente do que com as mãos. Até para trancar portas! Notaram que vamos ter grandes

problemas pela frente e que eu, completamente maluco, não estou com medo? Para falar a verdade, estou bastante entusiasmado e cada vez mais motivado e entrosado na minha nova vida!

— Notei uma coisa também — falou Augusto, abraçando paternalmente André pelos ombros e levando-o para perto dos outros.

Continuou:

— O homem é forte, mas não conseguiu, em momento algum, entrar na minha mente. É verdade que eu também não consegui entrar na dele... E olhem que eu tentei...

Encostado na parede de pedra do calabouço, com uma das mãos no queixo e prestando muita atenção ao que falava, como se estivesse revivendo algo, o sensível e observador Danilo informou:

— Pois eu acho que pesquei algo naquele mar gelado... Durante todo o tempo, fixei-me na pomposa figura do Mago. Olhei constantemente dentro dos seus olhos, mesmo quando não estavam na minha direção. Persegui-os, fixei-me neles. Ele notou, agüentou e, quando

passava os olhos por mim, encarava, é claro. E ainda me endereçava um meio sorriso. Deve ter até se divertido com um bobo que tentava ficar par a par com ele. Mas não faz mal: se não sondei fatos, acredito que consegui captar sentimentos, não pensamentos. Sabem, eram ondas que pareciam vir dele e batiam fragorosamente em mim. Ondas fortes de profunda solidão, sofrimento intenso e um vazio interior tremendo. É isto mesmo: ondas muito fortes, mas ocas, dá para entender? Por mim, acho que ele nem está mais interessado no que faz. Só se vê num caminho sem volta, ou pior: que acredita ser sem volta. Tive a impressão muito pronunciada de enfado, ausência. E na hora em que você, Augusto, convidou-o para visitar nosso mundo, senti que quase aceitou. Como teve vontade de dizer sim, quero! Foi por pouco.

Sei lá, isto tudo pode ser ilusão minha. Não acreditem em mim, por favor. Acho que sou muito sentimental e o ambiente diferente, as roupas dele, o perfume, sei lá, me fizeram imaginar coisas...

— Pois foi a mesma impressão que tive, meu filho, quando, por minha vez, tive uma única e decisiva conversa com ele. Parecia que estava querendo estender a mão para mim, dialogar, entender o que eu dizia, ouvir minhas justificativas, compreender melhor o drama pessoal dele do qual eu fui o principal protagonista e desencadeador. Mas foi só por um momento. Mesmo assim, com estas considerações todas, estamos encarcerados e nem imagino por quanto tempo. Ainda bem que não estamos sendo torturados...

A voz vinha de um canto escuro da cela, para onde se voltaram todos os olhares.

Um homem de idade indefinida e profunda tristeza no olhar estava assentado no chão, encostado na parede, debaixo da única janela gradeada.

Danilo se adiantou:

— Aqui há tortura também? Meu Deus do Céu! Quem é você? De onde vem? O que faz aqui? Qual a sua história? Como não o vimos antes?

— Meu nome é José Anselmo, filho. Já lá se vai tanto tempo que nem me lembro

de quando comecei a trabalhar na fortaleza, na guarda do portão principal do palácio, um dos locais mais melindrosos com todo um processo magnético diferente dos restantes. Alguém que esteja bem dentro do núcleo de comando e que planeje cair fora, tem obrigatoriamente que passar por ele primeiro, pois só assim conseguirá chegar ao subterrâneo mais próximo e mais acessível à escapada. Sei que os traficantes de liberdade têm um macete para localizar esta saída, mas nunca quis saber detalhes disto. Eu, hein? Nunca fui doido de me meter em coisas fora da minha alçada. Tomava conta do portão e só. Abri-lo era possível só para os moradores de máxima confiança. Para os outros, era preciso consultar a chefia. Eu tinha a senha e respondia por ela diante do chefe supremo. Mas não me preocupava com isto, pois conhecia perfeitamente quem podia e quem não podia passar, sabendo punir qualquer irregularidade de algum engraçadinho que se atrevesse a criar caso comigo ou mesmo me enganar simulando um passeio ou outra coisa e escondendo a fuga.

Só sei que, nesta história toda, já fui muito cruel e não poupava nada nem ninguém. Isto ficou em minha mente e, não sei bem porque, hoje me envergonho de certas cenas que protagonizei e que ficaram gravadas em meu íntimo. Quando pegava um fujão, eu mesmo encaminhava-o para o Campo de Pedras. Ou para coisa pior. Com o maior prazer e consciência do dever cumprido.

No entanto, sem que eu mesmo notasse quando e como o processo mental começou a se instalar e a me incomodar, passei a me cansar do serviço, achando-o monótono, ficando relaxado com os castigos e acreditando que no mundo devia haver coisa melhor e mais interessante para se fazer do que ficar tomando conta de portão e perseguindo todo mundo. Para piorar a situação, fiquei muito doente, passei a sofrer alucinações e ausências, a ter delírios, sentia minha mãe me estendendo os braços. Via os lugares lindos que a cercavam, repletos de flores, água e gente feliz. Comecei a querer me sentir feliz também, a precisar ser feliz, entenderam?

Fui mudando pensamentos, atitudes, nem eu conseguia me entender. Perdi a vontade de bater, agredir, castigar. E cheguei ao extremo do destemor e do desinteresse pelo trabalho: ajudei um amigo de Gabriel a fugir, embora nem mesmo ele tivesse ficado sabendo disto. É que, quando o moço passou sorrateiramente por trás de mim, compreendi perfeitamente que ele não estava passeando, li com clareza as intenções mentais dele, fingi que não o vi e, distraidamente, soltei as amarras do portão. Não me arrependi e não me arrependo. Coitado! Merecia uma oportunidade melhor. Era um sujeito bom, fiel, não combinava com o lugar. Lia-se nos seus olhos que não estava satisfeito nem feliz. Nunca o vi participar de julgamentos, perseguir alguém ou mesmo sugerir punições. Sempre o admirei muito, embora pouco conversássemos, pois ele fazia parte da elite restrita do chefe e, por isso, acessá-lo era proibido. Só podíamos falar com ele quando ele se dirigia a nós. Mas o moço não combinava com o lugar, tenho absoluta certeza: estava sempre tentando apaziguar, acalmar. Havia algo

diferente no seu olhar e na sua voz. Tomara que tenha encontrado um destino melhor que o meu! Pelo menos para isto eu servi: deixar que um justo saísse deste inferno!

O resultado de minhas ausências e delírios – que continuaram cada vez mais intensos – foi fatal: fui considerado inútil pelos meus chefes, doente mental, incapaz para qualquer tipo de serviço responsável e outras coisas. Passei pela inevitável entrevista com Gabriel, no Salão da Pedra Negra, onde acredito que vocês estiveram também.

Fui muito sincero e cheguei a chorar. Falei com o Mago que não lhe desejava mal – aliás, estava tão doente que não desejava mal a mais ninguém – que queria algo mais, que sentia meu coração vazio, que não queria prejudicar pessoa alguma e procurava a Paz para mim e para todos.

Por momentos, senti que o coração dele também estava balançando, tive as mesmas sensações e impressões que você. Pensei até que ia respeitar minha nova opção de vida, me deixar ir embora,

me estender a mão, pois notei compaixão nos seus olhos. Mas, foi por pouco tempo. Acho que eu mesmo é que estava doido de pensar isso. Era alguma emoção qualquer dele, mas não a que eu imaginava. De qualquer maneira, ele se refez logo e o resultado vocês estão vendo: eu estou aqui preso. Antes, porém, fui torturado com descargas magnéticas na mente e no coração. Não gosto de me lembrar. Foi horrível! Vocês ainda não conhecem e espero que nem conheçam as torturas daqui...

Mas, nisto tudo, guardo comigo duas vitórias inúteis para mim no momento, pois em nada me ajudam, embora muito me alegrem. A primeira: comecei a me sentir cada dia mais leve, mais tranquilo, quase feliz, embora tenha perdido a noção de tempo, trancafiado aqui. E não acredito que tenha chances de sair. Embora vivendo quase no escuro, neste lugar onde tudo é eternamente sombrio e frio, sonho com muita luz e continuo vendo minha mãe naqueles lugares, me chamando. Ah, se eu pudesse! Se fosse verdade, se minha mãe estivesse a meu alcance! Não me lembro como vim parar aqui, como

vou saber onde ela está? Éramos tão amigos, tão ligados!

A segunda vitória é que, em momento algum, ele, que é tão forte e poderoso, conseguiu entrar em minha pobre e desprotegida mente e descobrir que fui eu quem deu cobertura a Inácio! Minha condenação foi por ter me tornado um guarda relapso e não cumprir fielmente os meus deveres, desinteressando-me deles. Ainda bem para mim! Inácio era o amigo-irmão, que sabia protegê-lo sem concordar com seus atos, o único que tinha condições de aconselhá-lo, repreendê-lo e – o melhor – ser ouvido. Acredito que tinha esta força sobre o Mago por ser infinitamente superior a ele nos caminhos do coração, sempre dando bons conselhos e tentando ajudá-lo a se elevar. Por sua vez, Gabriel só confiava em Inácio, única pessoa em quem acreditava e de quem gostava! Se alguém tivesse o poder de tirar algo bom do Mago, seria Inácio. Não entendo como duas criaturas tão diferentes podiam ser tão unidas! Uma vez comentei isto com um amigo e este amigo, o João, falou comigo num negócio muito esquisito de muitas vidas,

reencarnação, coisas muito estranhas. Por via das dúvidas e porque não entendi nada, dei um fim em nossa amizade, senão ia acabar me comprometendo. Logo depois, soube que levaram João para o Campo de Pedras. Bem feito! Ficar conversando fiado dá nisso – pensei eu na época.

Mas, voltemos ao assunto principal. Quando soube da perda do amigo, o homem quase enlouqueceu de fúria! E de dor não revelada, creio eu, pois, no fundo, ele sabia que o outro era superior a ele – se não no poder mental – pelo menos no poder moral.

De vez em quando, eu me pergunto, sem resposta: como consegui enganá-lo? Não sou forte e nem tenho os poderes dele... Ainda bem para mim: se descobrisse, não sei o que seria deste pobre coitado! Mexi logo na maior ferida dele. Ou melhor, criei a maior ferida dele. No íntimo de Gabriel misturaram-se as dores da perda, o orgulho ferido por se ver preterido, a mágoa, o horror de ser desprezado, mesmo sendo tão poderoso. E quem sabe mais o quê?

Uma voz emocionada e embargada respondeu atrás de todos:

— Porque você amaciou o seu coração, tornou-se bom e saiu da faixa vibratória dele, José Anselmo, meu irmão! Só isto! Mas isto tirou toda a força dele sobre você. A única coisa que ele podia, a partir daí, era mantê-lo trancafiado, em virtude da sua ignorância da nova condição: caso contrário, nem isto! Você já estaria longe a esta hora! E obrigado, meu amigo! Deus queira que eu algum dia possa retribuir sua generosidade! Você foi a chave da minha recuperação espiritual. Eu não me deixava dominar por Gabriel, como você disse, mas havia uma coisa que eu jamais conseguiria, por causa do violento processo de imantação entre nós dois, que atravessou até o portal dos mundos: abrir o portão da liberdade. Cheguei várias vezes até ali, mas tive que retroceder. Ao soltar a trava, você me libertou, pois soltou as minhas amarras também, entendeu? Devo-lhe muito, muito mais do que você pensa...

José Anselmo e Inácio se abraçaram chorando, no meio do silêncio, da surpresa e da emoção geral.

Foi quando a porta se abriu com estrondo e Dalva e Jaciara foram atiradas para dentro, jogadas sem piedade no chão. Imediatamente amparadas por Pedro e André, e ainda assustadas, elas contaram que, apenas viram os amigos saírem presos e a rua se esvaziar, saíram do esconderijo e esgueiraram-se por entre os muros silenciosamente.

Nunca haviam visto um local tão cheio de cruzamentos, embora tudo fosse quadrado e retangular! Nada redondo! As casas – se é que eram casas – pareciam grandes caixas de pedra, todas com janelinhas também quadradas e gradeadas, bem no alto das paredes. Até a pracinha, aonde chegaram totalmente perdidas, era um grande retângulo, onde desembocavam várias ruas, numa ordem perfeita e espaços iguais.

Havia gente por todo lado, como um grande e desorganizado mercado. Todos pareciam atrasados, sem tempo, agitados. Ninguém olhava para os lados e, até os

grupos que pareciam conversar, o faziam andando sem parar, quase correndo. A maioria carregava cestos, garrafões, trouxas e até peças inteiras de panos de cores fortes. As roupas lembravam os trajes medievais e diferenciavam as escalas sociais. Algumas muito suntuosas, em mulheres com grandes e trabalhadas cabeleiras. Outras vestiam camponeses e camponesas, com sapatos de pano grosso cheio de amarras de couro. Todos usavam chapéus pontudos e coloridos.

As duas encostaram-se numa parede e ficaram olhando o movimento, tentando localizar alguém que parecesse confiável. O máximo que conseguiram foram olhares de desprezo ou de troça.

Começavam a se desesperar, quando uma porta se abriu bem ao lado e uma cabeça de mulher apareceu, mandando que entrassem rápido, pois era perigoso ficarem paradas na rua e sozinhas.

Desconfiadas, mas sem alternativas, as duas entraram e se viram em linda e original sala, com cortinas que imitavam o caimento de tendas, em tudo igual a um harém árabe, pelo tipo de decoração e

pelas roupas das lindas mulheres ali espalhadas, sentadas ou deitadas em almofadas grandes e confortáveis, que nem prestaram atenção às recém-chegadas.

A mulher que as colocara para dentro era mais velha e não se vestia como as outras. Parecia ter grande influência sobre todas e, também, muita autoridade. Com carinho, mandou que as duas se acomodassem à vontade e sem medo. Disse que, por enquanto, poderiam ficar ali, pois era certo que estavam perdidas e que não pertenciam àquele local.

Elas responderam que estavam um pouco confusas, pois não conheciam o lugar e haviam realmente se perdido dos amigos.

Uma outra mulher, alta, morena e de fisionomia dura, entrou na conversa de maneira brutal, dizendo que as duas não se fizessem de rogadas, pois ali ninguém era idiota e estava na cara que não tinham para onde irem. E, sem cerimônia e nenhuma delicadeza, falou que elas agora podiam fazer parte do grupo e que – tinha certeza – gostariam do trabalho de

consolar os tristes e ajudar os cansados e relaxarem.

Diante do olhar de espanto e incompreensão das duas, uma loura alta e esguia deu-lhes boas vindas na mais antiga profissão do mundo... E desatou em estrondosa gargalhada.

A conversa foi interrompida pela entrada barulhenta e desrespeitosa da polícia, procurando por duas mulheres suspeitas. De susto em susto, elas foram amarradas e atiradas num canto da sala, entre almofadas. Os policiais pretendiam revistar o local para ver se havia mais suspeitos, antes de levá-las.

E foi precisamente isto que facilitou a aproximação da mulher que as deixara entrar. Fingindo apanhar almofadas no chão, ela conseguiu sussurrar no ouvido de Dalva que avisaria Simeão.

O ENCONTRO COM SIMEÃO

Acalmadas as moças e José Anselmo incorporado ao grupo, todos se assentaram no chão, em círculo, para combinarem a estratégia a seguir.

Pelo tanto de escadas que haviam descido e baseados nas informações do novo amigo, constataram que a prisão se encontrava muito abaixo dos subterrâneos. E, justamente por isso, sentiam que os abalos na superfície estavam cada vez mais freqüentes, pois o interior da terra estremecia em convulsões. A tempestade chegava. Tinham que agir.

José Anselmo foi informado da urgência da fuga, do objetivo a cumprir e da destruição próxima. Chorou comovido quando ouviu que agora era membro do grupo. Em lágrimas, jurou que cumpriria a parte que lhe fosse destinada na missão. Mas, quando soube que o lugar de flores, água e paz que via em sonhos existia mesmo e que ele iria para lá, pôs-se de joelhos, agradecendo a Deus por haver aberto seus olhos.

Ainda sob forte emoção, ouviram a informação do novo amigo e parceiro:

— Estamos com um problema. É muito difícil escapar daqui, se não impossível. As fechaduras das celas são controladas magneticamente pelo chefe da guarda, que fica lá em cima. Elas têm precisão total, como André já notou. Falando com o máximo de otimismo, mesmo que consigamos sair – e não faço a menor idéia de como faremos isto – teremos que passar pelos guardas e andar muito pelos subterrâneos.

Augusto interrompeu-o:

— Sabemos que não é fácil, José Anselmo. Nada vai ser fácil, é por isso mesmo que estamos aqui. Não temos outra escolha. Diga-me: caso consigamos destravar esta fechadura, você nos guiará para fora? Conhece estes caminhos?

— Sim, com certeza.

— Então, Danilo, passo-lhe a vez.

— Que vez?

— De abrir a fechadura, meu caro, a fechadura... Avie-se, vamos...

Danilo levantou-se. Os outros ficaram de pé atrás dele, aguardando. Ele se aproximou da porta, colocou as duas mãos sobre a fechadura e cerrou os olhos. Ficou imóvel por segundos e então suas mãos começaram a deslizar em volta do pino principal que entrava pedra adentro, tornando o lacre da porta inviolável. Mais alguns segundos e um ruído de engrenagens que se destravavam se fez ouvir, primeiro baixinho, depois mais alto, cada vez mais nítido o som. As mãos de Danilo largaram o pino, parando a alguns centímetros dele que, lentamente, foi se movendo para trás, para trás, até que um "clic" final escancarou a porta.

Com um "Hurra!" André e Pedro festejaram o fato diante de um atônito José Anselmo, que perguntou incrédulo:

— Mas, afinal, quem são vocês? Em quê ou em quem você se transformou Inácio? Um novo Mago? Por acaso são todos Magos? Vocês acabam de me provar que há coisas mais belas e mais profundas, que o meu amigo que eu abandonei pensando ser louco estava era aproximando-se da verdade...

Diante da alegria geral, foi Inácio quem respondeu:

— Viemos de onde será seu novo lar, meu amigo. Um local de paz e de luz, onde aqueles que lutam para o próprio aperfeiçoamento vivem e pelejam para auxiliar aos outros que se encontram mais atrás. Lá você morará e aprenderá a ser feliz e fazer os outros felizes também, como vem sonhando há tanto tempo.

Sem serem perturbados pelos guardas – e sem nem sequer serem vistos por eles – passaram todos pelo corredor que se tornou inexplicavelmente mais escuro, entrando numa minúscula passagem debaixo da escada e se embrenhando nos subterrâneos, guiados com segurança por José Anselmo que, em suas atividades anteriores, já passara muito por ali. Andaram por túneis largos – agora subindo – e entraram em maravilhoso salão cheio de estalactites e estalagmites, que brilhavam como diamantes. Uma gruta! E de rara beleza! Ali novamente presenciavam dois planos – o da Terra e o do Além – se interpenetrando com perfeição.

Inacreditável! Mas não era possível parar para observar melhor. Aguardava-os a travessia de mais um longo túnel e mais uma penetração na cortina de separação dos mundos. Uma longa caminhada e saíram do subterrâneo, num local cheio de terra, pedras e lama.

José Anselmo informou:

— Estamos entrando no Campo de Pedras. Não é agradável, mas, infelizmente, teremos que atravessá-lo. Logo após, sei de um lugar seguro onde me informarão sobre seu amigo Simeão. Infelizmente, nunca ouvi falar dele. Estávamos em campos opostos e, pelo visto, ele muito mais protegido do que eu... Vamos em frente.

O que viram era estarrecedor. Estátuas por todos os lados, nas mais variadas posições, umas em pé, outras caídas, algumas paradas, outras rolando, esbarrando umas nas outras, sujas de terra e barro. No entanto, se observados de perto, os olhos de todas apresentavam-se como as únicas partes vivas!

Alguns olhares refletiam ódio e chegavam a dar medo, outros mostravam

loucura total, outros mais eram vazios ou desesperados. Muitos estavam molhados e algumas estátuas apresentavam sulcos profundos, que saíam dos olhos e se espalhavam por todo o corpo. Estas pareciam querer se movimentar.

O guia informou:

— As pedras só se derretem com o líquido salgado que, em alguns casos e de repente, começa a escorrer-lhes dos olhos, parecendo lágrimas. É um fenômeno que não entendemos e ninguém se interessa ou consegue explicar. Dizem que é o sal que não combina com este tipo de pedra e a marca e derrete. Parece uma reação química, nada mais. Estes que começam a se molhar muito entram num estranho processo de movimentos desordenados e são os que começam a se derreter! Cruzes! Quando se derretem totalmente, ficam ensopados e soltam uma casca molhada e quebradiça. Então, saem correndo assustados por aí.

— Para onde? – quis saber André.

— E eu sei? E quem sabe? A única coisa que alguns falam é que eles simplesmente somem no ar e nunca mais

os vemos. Tem uns doidos que dizem que eles viram anjos e, por isso, são expulsos daqui. Vejam se é possível! Mas há outras teorias e muitos malucos que acreditam nelas: algumas pessoas juram que eles são recolhidos, mas não se sabe por quem, nem para quê. Quem conta baseia-se no fato de que já foram vistos vultos por aqui, entre as estátuas, mas ninguém se aventurou a chegar perto. Tudo são conjecturas.

Comovidos diante de tanto sofrimento, mas sem nada poderem fazer no momento, continuaram a andar, até que, lívido, Pedro ajoelhou-se para observar melhor uma delas que, quase livre, tentava se mover, arrastando-se de bruços pelo chão de lama, soltando pedaços semelhantes a cimento molhado e quebradiço. Com cuidado, Pedro virou-a e seus olhos se encontraram com os olhos suplicantes e cheios de lágrimas do homem-estátua. As mãos, ainda pétreas, se estendiam em direção a Pedro, como que em prece.

E os olhos agora molhados de lágrimas de Pedro, se cruzaram com os olhos cansados de chorar de Pedrão Boi.

Compreendendo que algo muito profundo estava acontecendo, todos pararam e cercaram Pedro, mantendo silêncio profundo. André ajoelhou-se e colocou a mão no ombro do amigo, numa atitude de solidariedade e presença muda.

O que se passou em segundos na mente de Pedro ninguém imaginou ou imaginará, mas o resultado, cheio de misericórdia e perdão, todos presenciaram.

Chorando, Pedro foi passando as mãos pela cabeça do infortunado. Depois, desceu-as até o coração da estátua e as manteve lá. Os primeiros movimentos na cabeça e nas mãos de pedra fizeram-se sentir então. Pedro mantinha as mãos firmes no coração do inimigo de outrora, dando-lhe forças e chorando com ele.

Os olhos de Pedrão Boi se arregalaram desmesuradamente e ele sofreu violenta convulsão no corpo todo. Grandes pedaços de pedra despedaçada foram se soltando dele, rachando-se como

um casulo quebrando-se. Com dificuldade, seus lábios se abriram, murmurando:

— Perdão!

O salvador do próprio assassino, chorando cada vez mais, respondeu:

— Quando eu o vi qual pedra, havia tanta dor e desespero em seus olhos, que não foi o seu, mas o meu coração que doeu. Seja o que for que você tenha feito, já sofreu muito. E, por me matar e me tirar do convívio amado dos meus, eu perdoo você, Pedrão Boi, o homem que em vida foi tão meu amigo e me traiu tanto! E, se eu o magoei a ponto de induzi-lo a tal ato de loucura, perdoe-me também agora, meu amigo!

As lágrimas de Pedro, copiosas, caíram no rosto do assassino, misturando-se às dele. E toda a pedra foi se derretendo, enquanto pernas e braços começaram a se mover normalmente.

Pedrão Boi voltava ao normal, agora ajudado também por André, que ia passando as mãos em movimentos longitudinais pelo corpo do outro, desembaraçando-o de invisíveis e ainda pétreos fios.

Emocionada, Dalva se lembrou:

— Meu Deus! O homem que chorava e me passou a imagem de pedras, de estalagmite... Estalagmite, estátua... Ele estava preso ao chão, como estalagmite. E foi socorrido por nós...

Pedrão Boi já se encontrava de pé, amparado por André, procurando firmar as pernas. Tentou explicar algo para Pedro, que o cortou:

— Não quero saber porquê você fez aquilo. Tudo tem uma razão na vida e eu mesmo, inconscientemente, posso ter estimulado o seu ato. Quem sabe? O que passou, passou e você tem o meu sincero perdão. Vamos levá-lo e providenciar ajuda. Acalme-se.

E o grupo seguiu em silêncio, José Anselmo e André amparando o ex-homem de pedra que ainda sentia dificuldades para andar, Jaciara e Dalva carinhosamente abraçadas com Pedro.

Mais adiante, já saindo do campo, notaram que um vulto os observava de longe. Depois, veio se aproximando, acompanhado de outros dois. Haviam encontrado Simeão.

Com um sorriso nos lábios e um rosto bondoso, largo manto branco, barbas e cabelos alvos, Simeão lembrava um profeta da antiguidade. Acostumado a agir rápido, antes mesmo de falar com os novos amigos, ele fez um sinal para os dois auxiliares que, imediatamente, desdobraram a padiola que traziam e nela colocaram cuidadosamente Pedrão Boi. Sem palavras, afastaram-se celeremente.

Só então o velho Simeão falou:

— Felizmente encontrei-os! Não se preocupem com o homem que acabaram de salvar. Juntamente com outros que tirei daqui, ele está sendo levado para longe deste pesadelo, onde será cuidado e encaminhado a seu destino. Agora mesmo, todos os que foram libertados nas últimas horas já estão seguros. Já quanto a nós, não digo o mesmo: ainda temos muito que fazer e em pouco tempo. Não podemos nos atrasar e nem estamos livres de ciladas. Sigam-me!

OS CIENTISTAS

Violento abalo sísmico interrompeu a caminhada, atirando todos ao chão. Relâmpagos e raios cortaram o espaço e fagulhas elétricas desceram ao solo, perfurando-o e soltando altíssimas chispas de fogo, incendiando galhos secos e árvores mortas.

Levantaram-se, uns ajudando aos outros. Simeão avisou que estavam chegando a uma gruta, onde poderiam descansar e fazer os planos imediatos. Correram, por entre os fogos que crepitavam ao tocarem o solo, uns puxando os outros e todos segurando onde fosse possível.

Incêndios propagavam-se em todos os locais que a vista alcançava. Desembaraçando-se de uma pedra que obstava o caminho, André comentou:

— Parece que a festa começou...

Ao que Simeão retrucou:

— Você ainda não viu nada. Ela está apenas se anunciando.

Uns auxiliando aos outros, correndo entre as labaredas escarlates, conseguiram chegar à gruta onde, mais protegidos, Danilo foi logo ao assunto:

— Simeão, por favor, satisfaça à minha curiosidade: por que tanta importância a estes dois cientistas? Ainda não entendi isto. Quem são eles? Precisamos tanto assim de cientistas?

— Meu filho, nem nós nem Gabriel precisamos de mais aparato técnico. Já quanto a objetivos... Um dia, os nossos pontos de vista hão de coincidir e então uma nova história do Universo será contada... O casal de velhinhos que veio buscar foi, na Terra, o casal que adotou uma criança abandonada e deu a ela o nome de Gabriel.

Cientistas conhecidos no campo da pesquisa da genética humana, eles passaram ao filho muito querido a profissão, os conhecimentos e o nome respeitado nas comunidades científicas internacionais. Só não preencheram o coração dele com alguma fé ou crença, pois não tinham este tesouro invisível.

Eram ateus e só acreditavam no exatismo da Ciência.

O menino – possuidor de uma paranormalidade de altíssima qualidade, aliada a uma beleza física fora do comum – cresceu acreditando que podia tudo, ao lado da facilidade material e da grande inteligência. Tornou-se médico e escolheu dedicar-se às pesquisas no campo das doenças tropicais. Esta parte da história vocês já conhecem bem.

Os pais, embora lhes faltasse a paz de uma fé, eram pessoas sérias e bondosas. Digamos que eram aqueles ateus maravilhosos: que fazem o Bem, não porque esperam alguma recompensa, mas porque acreditam nele. No caso deles, vendo a situação que criaram, conscientizaram-se imediatamente e sem nenhum orgulho do erro que haviam cometido na criação do ser amado, tentaram intervir várias vezes junto ao filho, mas não foram ouvidos. Já era tarde demais. No entanto, um grande e real laço de amor unia os três que, logo após a vinda de Gabriel, se reuniram aqui, pois os que ficaram não conseguiram

sobreviver à dor da partida do filho amado.

Ao se reunirem novamente, vendo os atos loucos e impensados do filho, eles sentiram realmente o peso da responsabilidade para com aquele Espírito que lhes havia sido confiado pela força do destino e se conscientizaram da culpa por omissão que tinham em tudo. Descobriram também que a vida continua – coisa que nunca lhes havia passado pela cabeça – e isto só complicou mais as coisas, pois as consciências acordaram mais. Tentaram mais uma vez falar ao coração do filho, mas em vão. Eles se transformaram então num empecilho para Gabriel que, no entanto, os amava muito, mas se sentia incomodado com as admoestações deles.

Os velhinhos tiveram várias chances para escapar daqui, mas recusaram todas, pois os dominava a idéia fixa de salvar o filho querido, embora, por total falta de informação, eles não soubessem como nem por onde começar. Afinal, eles sempre acreditaram só na Ciência...

Ficaram enredados no seu próprio desconhecimento das coisas do espírito: se optassem por fugir, não saberiam o quê, onde e o quê procurar. Optando por ficar e agir em favor do filho, não sabiam por onde começar a fazer o quê...

Afinal, é muito difícil, praticamente impossível, achar aquilo que não foi forjado previamente no coração e do qual não se tem o menor conhecimento.

Criou-se uma situação complicada e, mais uma vez, Gabriel – também tentando solucionar o conflito à sua maneira complicada, embora amando-os – resolveu as coisas a seu modo: colocou os dois em local confortável, mas completamente isolado e fortificado, onde só ele entrava para visitas periódicas, tentando atendê-los e protegê-los em tudo, menos ouvi-los com seriedade. Achava ele que eram achaques de velhos que um dia passariam e poderiam então ficar juntos e felizes novamente.

O silêncio e a mágoa do isolamento imposto pelo próprio filho amoleceram mais ainda os corações dos velhinhos, que foram acordando aos poucos, e, no

princípio inconscientes, depois plenamente conscientes, eles começaram a pedir socorro e apoio da Misericórdia Divina, mesmo sem saberem ao certo o que era o Divino. Apelaram para aquela mesma misericórdia da qual eles tinham ouvido falar a muitos anos atrás – em cinemas, jornais, teatros, palestras e mesmo conversa de clientes e colegas – e da qual, aparentemente, nunca precisaram e nem sequer conseguiram entender o mecanismo ou porque as pessoas acreditavam nela. Algumas vezes chegavam a perguntar aos mais chegados: por que não estudam e resolvem o problema pela ciência exata, que tem resposta para tudo? Crendice popular, reza, tudo isto é desculpa para preguiçoso, diziam. Afinal, achavam muito comodismo quando, ao invés de pesquisar, as pessoas levavam o assunto para o campo da religião e pronto: davam um basta nele! Gostavam até de provocar os amigos mais chegados dizendo: “Ao invés de acreditar cegamente nisto que você está me falando, vá pesquisar, procurar, achar, estudar, vá! Tudo tem explicação e para isto existem a física, a

química e outras ciências mais!” Uma vez, ao responder a um cunhado que tentava questionar determinado assunto não concreto, o pai de Gabriel provocou-o: “Vá procurar lá dentro do seu cérebro que você acha! Ainda falta muita coisa para pesquisar no cérebro humano. Por que você não inicia uma coisa séria neste campo?” E por aí afora...

E foi numa de suas visitas periódicas que o filho descobriu a mudança operada nos pais e se desesperou, entre o desejo de puni-los e o receio de magoá-los mais. Como vêem, o coração de Gabriel não é totalmente árido: há esperanças para ele. Aliás, para quem não há esperanças?

Danilo interrompeu a narração, eufórico:

— Viu, José Anselmo? Tínhamos razão! Ele tem pontos vulneráveis! De algum modo, nós conseguimos ver isto!

Simeão aparteou:

— E quem não tem pontos vulneráveis, filho? Nos corações sempre habita a Misericórdia Divina, basta uma estocadinha e... Só que Gabriel luta muito contra o que ele também acredita serem

seus pontos vulneráveis, e que considera manifestações de fraqueza. E, ao ver os pais mais fortes, considerou-os fracos e, à sua moda, quis protegê-los. E aprontou outra: colocou-os em estado cataléptico, acreditando cegamente que assim eles sofreriam menos, até que ele encontrasse uma solução. Ao mesmo tempo, desesperava-se toda vez que os via assim, pois ele, o Mago poderoso, respeitado e temido, não conseguia curar os pais e trazê-los normais ao convívio dele, para voltarem a fazer a família feliz de sempre. É como ele se sente no momento.

Gabriel luta consigo mesmo e, infelizmente, sempre que seu coração é tocado, toma a atitude errada... Ele próprio está escolhendo um caminho de muito sofrimento, até conseguir aprender. E não poderá reclamar nunca, apenas lamentar o tempo perdido. Afinal, teve todas as facilidades, até demais: beleza física, inteligência, riqueza material, bons amigos. Mas não soube aproveitar nada... Pobre Gabriel!

Augusto estava pensativo e murmurou:

— Meu Deus! Ninguém me falou que eram os pais do Mago... Por quê, Inácio?

— Acredite-me: você não receberia bem a notícia. Lembre-se de que apenas acabara de acordar. Com muito êxito por sinal. Mas ainda não estava totalmente firme e preparado para tudo. Na medida em que viajávamos para cá, e através das muitas coisas que nos aconteceram, todos nós amadurecemos. Foi um processo muito bonito e, depois que tudo passar, sugiro que cada um de nós pense nisto. Valeu muito mais do que possamos imaginar agora. De certa forma, passamos em mais um teste... Nada acontece por acaso ou com a pessoa errada. No futuro, descobriremos porque nós fomos os escolhidos para esta missão. Há um motivo forte para estarmos aqui juntos, mesmo que não o conheçamos agora, podem ter certeza.

— É mesmo! Eu me sinto tão bem, tão seguro, bem incorporado ao ambiente e às novas perspectivas, com inteira consciência de que algo muito grande mudou em mim, nenhuma dúvida ou

medo me assalta mais... Estou em paz... – ponderou Pedro.

— E eu? Já me sinto uma perfeita alma do outro mundo... – alardeou André, rindo gostosamente e fazendo uma careta para Danilo, como se quisesse assombrá-lo. Danilo retribuiu com um tapa na nuca do amigo-assombração.

Simeão sorria bondosamente, ouvindo as considerações de todos e constatando que, realmente, tinha diante de si novos seres imortais preparados para tudo e, principalmente, com perfeita noção da interpenetração dos mundos e das vidas. Sugeriu então:

— Que tal irmos buscar o nosso casal? Não temos muito tempo... Confirmam só o barulho lá fora. Não será nada agradável conhecer esta parte do mundo de cá, se estivermos por perto na hora em que eclodir todo o potencial da tormenta. Conheço um caminho onde conseguiremos passar com menos dificuldades. A convulsão ainda não deve ter chegado lá, espero. Vamos logo!

Levantaram-se e acompanharam Simeão.

Seguiram por estreita trilha arenosa e escorregadia, escondida entre grandes pedras, onde a fúria do tempo estava menos assustadora. Entre as estreitas passagens e as colossais pedreiras, ficavam disfarçados e tornava-se difícil a localização deles, pois tinham certeza de que deveriam estar sendo seguidos. A fuga já deveria ter sido descoberta há algum tempo.

Andaram bastante, escorregando e segurando uns nos outros, até que pararam diante de uma construção que lembrava uma pirâmide, com a ponta de cima cortada, toda de pedra. E o primeiro obstáculo apareceu: não havia porta e nem entrada visível.

Simeão parou de frente para a pequena e inviolável edificação e abriu os braços, estendendo as mãos espalmadas para o alto. Cerrou os olhos e ficou imóvel.

Ligeira brisa começou a soprar só em volta de Simeão, formando um cone cuja ponta sumia no infinito e a base entrava terra adentro, contrastando com toda a violência do lugar. A veste branca e

comprida do ancião balançava docemente. A nítida sensação de que ali, naquela hora, dois mundos se tocavam e um se abria para o outro, dominou a todos.

Mansamente, uma pedra começou a se deslocar devagarzinho, formando um ângulo com a parede e criando uma passagem, por onde todos entraram sem hesitação, parando em espaçosa sala sem móveis, onde, no centro, rico toldo de alva renda pendia do teto em cascatas, cercando uma elevação coberta com tecidos finos e esvoaçantes, mostrando cama protegida, confortável e macia. Em cima, cercados por almofadas, o casal de velhinhos dormia profundamente.

Aproximaram-se reverentemente. A um sinal de Simeão, formaram um círculo ao redor deles e estenderam as mãos à frente, com as palmas para baixo. Luz azulada começou a brotar dos dedos de todos, iluminando o local com delicadeza.

Sem que precisasse ser lembrado de que a hora era dele, sem medo ou insegurança, mostrando saber o que devia fazer, Danilo adiantou-se e se colocou na cabeceira. As duas mãos no ar, cada uma

na direção da cabeça de um adormecido, palmas para baixo, dedos bem abertos e separados.

Como por encanto, o cortinado começou a subir delicadamente, permanecendo pairando no ar a uma razoável distância, deixando a cama inteiramente acessível.

Danilo ficou imóvel e concentrado por mais alguns minutos, depois ajoelhou e tocou, ao mesmo tempo, as testas geladas. Como se tivessem levado um choque, as mãos do casal começaram a dar sinais de despertar, os dedos se mexendo com fraqueza, desordenados e sem forças.

Por sua vez, as mãos de Danilo, acercando-se dos olhos dos dois, pareciam fazer evoluções no ar, em movimentos ora lentos e circulares, ora rápidos e descendo em direção aos corações.

A coordenação de Danilo era excelente e as suas mãos faziam exatamente os mesmos gestos, uma para cada um dos adormecidos. A rapidez era grande e parecia que faziam mágico desenho no ar. Doce luz cristalina com

emanações rosadas começou a brotar das pontas de seus dedos, em direção aos corações dos velhinhos.

Desordenadamente, o casal começou a ter convulsões, bater pernas e braços, mas ainda parecendo ter as costas coladas na cama. Danilo, impassível, continuava a sua coreografia com as mãos iluminadas.

Repentinamente, pararam todos os movimentos descontrolados. E os dois velhinhos abriram os olhos, indecisos, assustados e choramingando como crianças. Dalva e Jaciara acercaram-se, abraçando-os ternamente, beijando-os nas testas e acalmando-os. André e Pedro, de um pulo, ampararam e levantaram Danilo, que parecia exausto.

O bom velhinho, arregalando os olhos, perguntou:

— São anjos? Existem mesmo anjos?

Inácio aproximou-se:

— Somos seus amigos. Viemos buscá-los. Não temam.

— E nosso filho? Não podemos deixá-lo...

— Não se preocupem. Um dia ele também irá, quando chegar a hora dele... O lugar para onde vamos agora é o ponto onde termina a peregrinação de todos... Ninguém se perde no caminho, embora uns demorem mais que os outros. Podem confiar em mim.

Trovões ribombavam lá fora e forte chuva de granizo começou a cair barulhenta, espalhando pedras imensas que, ao invés de ajudarem a aplacar o fogo, pareciam atiçá-lo.

Simeão avisou:

— Vamos logo! Temos que nos esconder! Aí vêm Gabriel e a tempestade também!

Docilmente, os velhinhos se deixaram conduzir pelo imenso carinho das moças. E, pelo mesmo caminho que haviam percorrido para entrar, voltaram quase correndo. Sem parar de caminhar rápido, Augusto ia dando as ordens com precisão:

— Dalva e Jaciara, não se afastem dos nossos protegidos. Inácio e Danilo dêem cobertura a elas. André e Pedro protejam Simeão! Eu e José Anselmo abriremos passagem de qualquer maneira.

Sigam-nos todos, o mais perto possível uns dos outros. Vamos sair em bloco, atravessando qualquer barreira. Lançam as pedras e tudo mais que interceptar o nosso caminho. Os obstáculos vão se derreter.

— Como sabe? – um curioso André perguntou.

— Não sei. Imagino que sim.

— Eu sabia que não deveria ter perguntado... Eu falo demais... O que é que eu estou fazendo aqui, meu Deus do Céu? – foi a resposta bem humorada de André, acompanhada de uma risada de Pedro.

Imensas pedras caíam de todos os lados, quase atingindo o coeso grupo. Galhos secos e pesados troncos desabavam não se sabia de onde e o local parecia uma filial do inferno descrito por algumas religiões e pelo próprio Dante.

O grupo bem unido, colados uns aos outros, andava o mais depressa possível, tentando alcançar os portões dimensionais e sair, fugindo rápido do que ainda viria, tinham certeza muito pior e mais

avassalador do que o vento, o fogo, o granizo e os trovões.

COMBATE FINAL

Estavam no alto da colina, aproximando-se das guaritas dos portões avançados da fortaleza, quando puderam ver que lá dentro acontecia a pior e mais terrível devastação.

As casas voavam pelos ares, onde se desfaziam estrondosamente, provocando chuvas de pedras, entre fogo, granizo e muita areia.

O chão pulsava, abrindo e fechando, abrindo bocas monstruosas que engoliam tudo e todos.

Fogo, pedras, granizo, gritos e imprecações fundiam-se num rugido surdo e aterrorizante.

As muralhas rompiam-se como se fossem de papel, provocando mais desmoronamentos e mais chuvas de pedras no ar.

De repente, bem perto deles, vindo dos ares, um majestoso manto grená cobriu o horizonte, aparecendo Gabriel e sua guarda que lançava dardos paralisantes em direção ao grupo.

As moças abraçaram-se instintivamente aos velhinhos, protegendo-os com carinho e tentando esconder-se com eles num vão de rocha.

E então aconteceu o pior, a convulsão final. Violento ribombar, parecendo vir das entranhas do Universo, sacudiu a terra e o ar, entre relâmpagos, trovões e cargas elétricas. Como se acompanhando a rotação da Terra, tudo se misturou num desespero só, pessoas e escombros. O fogo que saía das entranhas da terra cruzava com o fogo que caía do céu e bolas incandescentes espalhavam-se por todos os lados. Augusto e José Anselmo firmaram-se no chão, protegendo-se. Os guardas de Gabriel voaram pelos ares como bólidos, sendo levados pelo vento e caindo bem adiante, estatelando-se entre os escombros da cidade. O chefe das hostes do Mal balançou no ar, escorregou num obstáculo invisível, ficando preso a um tronco espinhoso apenas pelo manto, enquanto a terra abria a garganta gulosa ao seu redor, tentando engolir tudo.

Inácio rolou desesperadamente em direção ao abismo, procurando segurar a

mão do amigo, que se levantava no ar, tentando agarrar algo. André se atirou junto para auxiliar, Pedro segurando nas suas pernas, ajudando-o a firmar-se e melhor protegê-lo de uma queda. Formou-se uma corrente de amigos, as mãos estendidas para salvar Gabriel.

— Fuja, louco! – gritou Gabriel para Inácio.

— Não sem levar você! Seus pais já estão a salvo conosco. Vamos! Estique mais o braço, vou conseguir pegar sua mão...

Um sorriso passou rápido pelos lábios do Mago que, antes de cair na cratera negra e fumegante, ainda falou e pôde ouvir a resposta:

— Cuida deles por mim...

— Eu o farei, meu irmão, até que você mesmo tenha condições de fazê-lo.

A terra toda se abriu em gargantas de fogo, enquanto José Anselmo puxava Pedro que, por sua vez, puxava André e Inácio, num esforço hercúleo.

A situação era a pior possível e Augusto gritou:

— Todos de pé! Firmem-se de qualquer maneira! Vamos sair correndo!

Braços apareciam entre pedras fumegantes e galhos estorricados, segurando-os e tentando retê-los, enquanto tentavam se equilibrar, uns ajudando os outros a se levantarem. Lamentos e gritos ecoavam por todos os lados. O fogo grassava sem piedade. Pedras de todos os tamanhos e formatos caíam sem cessar, cruzando-se no ar antes de baterem no chão e se arreventarem cuspindo dardos explosivos.

André, com seu sorriso de menino levado, olhou para Pedro:

— Morrer não corro risco de morrer novamente! Portanto, lá vou eu!

Seguindo Augusto e imediatamente acompanhado por Pedro e José Anselmo, André formou com eles um grupo coeso de batedores, abrindo caminho para os outros, bombardeando todos os obstáculos. Era fogo contra fogo e pedras: os lança-chamas eram como metralhadoras, cuspindo sem parar labaredas e bolas incandescentes que derretiam os obstáculos do caminho,

competindo no barulho com o ribombar ensurdecedor da tempestade.

Uma voz conhecida falou ao lado de Augusto:

— Para que tempestade magnética? Vocês estão fazendo muito mais barulho e limpando mais que ela!

De macacão branco e portando um lança-chamas, Francisco parecia mais uma visão de lutador galáctico do que o pacato instrutor do “Francisco de Assis”. Continuou sorrindo, diante da alegria geral ao vê-lo:

— Se estão pensando que tenho uma fórmula mágica para escaparem daqui, estão muito enganados... Tudo tem suas leis naturais e o local onde estamos também. Precisamos sair por terra. Vamos logo! Nunca me viram?

Um sorridente André falou baixinho para Pedro:

— Ainda bem que desta vez eu não perguntei nada... Fórmula mágica, hein?

E Pedro, contagiado pelo bom humor do amigo:

— Anda logo, menino, anda...

Francisco incorporou-se ao grupo, encarando e dismantelando obstáculos, saltando crateras, ajudando aos amigos, o grupo todo numa corrida louca para fora e para bem longe da fortaleza.

Um roçar de hélices ou asas fez-se sentir acima do barulho geral. Todos olharam para cima e para trás e, no meio do tumulto, tiveram uma visão celeste de amor: companheiros do “Francisco de Assis”, liderados por Clara, literalmente voavam, descendo suavemente bem no meio das convulsões.

— Quê que é isso? Que coisa mais linda, meu Deus do Céu! – gritou André para Inácio.

— A misericórdia divina, meu caro. Ela não falta nunca e leva luz e paz até aos confins do deserto. As equipes de salvamento estão chegando para recolher os sobreviventes...

— Como anjos de luz... – balbuciou extasiado André.

— Como anjos de luz... – repetiu Inácio emocionado.

E, enquanto eles corriam para longe, no meio da balbúrdia toda, cumprindo a

sua parte da Missão, continuou a doce visão dos céus, com os amigos de Clara cumprindo a parte deles, estendendo as mãos prestimosas aos que pediam socorro e, docemente, os recolhendo, de volta ao caminho da Luz...

VAMOS VOAR, VOAR, VOAR, MEUS AMIGOS...

Bem longe da fortaleza, passaram pela barreira vibracional e entraram novamente na Terra, para descansarem antes da viagem final de volta ao lar, que, depois de tudo, sabiam perfeitamente onde seria daquela hora em diante.

Viram-se num lindo bosque, onde água corrente e cristalina murmurava canções de paz, entre o verde da relva e a alegria de flores coloridas.

Deitaram-se debaixo de uma árvore frondosa, repondo energias através do contato com a Mãe Natureza.

Os pássaros cantavam, o sol brilhava e, novamente, lembranças da Terra acorreram às mentes de todos. Mas, desta vez, sem dor, sem mágoa, apenas recordações das histórias de cada um.

Simeão, Francisco e Augusto relaxavam deitados de olhos fechados sob frondosa copa verde e os outros se encantavam com a conversa gostosa dos recém-salvos velhinhos, que queriam

saber de tudo ao mesmo tempo e mostravam-se na mais perfeita lucidez. André desdobrava-se em explicações, mostrando o quanto já fazia parte da nova realidade.

Curiosamente, em momento algum os pais falaram do filho ou tentaram se informar da mudança de local e mesmo dos horrores que haviam passado momentos antes. Tal fato chamou a atenção de Augusto que, embora de olhos fechados, estava atento à conversação. Perguntou discretamente a Francisco:

— Por que não falam do filho e nem mostram mágoa por perdê-lo? E por que não estão traumatizados com o que aconteceu com ele e com eles?

— Por que não se lembram mais dele e nem de nada do que lhes aconteceu.

— Hã? — Augusto assentou-se num pulo.

— Isto mesmo. Foi apagada temporariamente da memória deles a lembrança do cativo, da tempestade e do filho. Sofreriam muito caso se lembrassem. E eles fizeram por merecer esta trégua de paz. Logicamente, como

nada se perde no Universo – nem seres nem fatos – eles se encontrarão no futuro, onde, juntos novamente, terão chances de reconstruírem a vida com muito amor e mais sensibilidade. Mas, no momento, ficarão bloqueados, para o próprio bem de todos e para que possam se dedicar integralmente ao próprio crescimento – e isto é um trabalho individual – dentro do caminho que escolheram.

Um dia, não sei se amanhã ou daqui a cem anos – que importa o tempo diante da Eternidade? – Gabriel acordará e reencetará a marcha da evolução, usando os próprios recursos. Até lá, será bom para ele ficar esquecido por aqueles que ele não esquecerá em momento algum. Ele fez por merecer isto. Lembra-se da frase “a cada um segundo suas obras?”.

Augusto mirou o azul do céu, pensando na grandeza do Universo e do seu comando.

Depois do proveitoso descanso, onde ficou imóvel como se estivesse profundamente adormecido, Simeão levantou a voz forte e sonora.

— E agora, vamos voar, meus amigos?

— Voar?! – repetiram todos em coro.

— A opção é de vocês: querem voltar para casa imediatamente ou preferem andar dias e dias a pé, à cata de portões vibracionais?

E, juntando a palavra à ação, abriu os braços como uma ave de paz e foi-se levantando lentamente do solo, seguido por Francisco, que gritou para baixo, rindo dos olhares indecisos de todos:

— Não querem vir?

Dalva e Jaciara, decididas e confiantes, abraçaram seus alegres e já muito queridos velhinhos e alçaram vôo, chamando e encorajando os boquiabertos companheiros.

Desajeitados, eles começaram a tentar imitar aves, batendo os braços desordenadamente. Foram orientados por um divertido Inácio:

— Voar – ou voitar – é um estado de espírito de quem sempre voou e mantém estes registros ocultos na mente, prontos a desabrocharem ao menor toque. Ou seja, todos nós. Basta que pensem

firmemente que vão voar. Alcem vôo primeiro com o pensamento. O resto acompanhará. Não precisa desta ginástica toda não, pessoal!

Lição rapidamente assimilada e festivamente posta em prática, todos foram se levantando do solo, alguns mais devagar, outros rateando e desequilibrando ainda, os melhores estimulando os piores. Até se reunirem festivamente no azul do infinito.

Já com segurança e contentes como crianças no recreio, planaram de braços abertos, rindo e brincando, felizes, felizes, curtindo ao máximo a nova experiência, a inefável sensação de liberdade, de uma realidade sem fronteiras ou obstáculos...

— Meu Deus do Céu! Meu sonho sempre foi voar! Sempre tive fixação em anjos e aves, porque eles têm asas. Esta é a melhor coisa que já aprendi na minha vida! – dizia André, deslizando no ar de braços abertos, enquanto os amigos o incitavam a deslizar mais e mais, divertidos com a espontaneidade e felicidade dele.

Todos sentiam o quanto era lindo voar! A sensação de varar o infinito com leveza era fantástica e fazia com que planassem sem medo, como grandes pássaros de volta ao ninho, um enorme bando de luz, acompanhando Simeão que ia à frente!

Não demorou e viram o grande complexo do "Francisco de Assis", com a sua movimentação de sempre. Posicionando-se verticalmente, foram baixando, baixando suavemente, até colocarem os pés no chão firme e florido.

No Jardim das Rosas, onde tanto gostavam de ficar, Dona Cacilda e Dona Marieta, irrequietas como sempre, lideravam o grupo que aplaudia os novos habitantes, que chegavam vitoriosos e agora perfeitamente integrados à nova vida.

Mário, João, Carmen, Sr. Antenor, agora quase refeito, e Antônio batiam palmas, olhando a descida dos companheiros.

Eles tocaram o chão como plumas e, no mesmo momento, Dona Cacilda e Dona Marieta se aproximaram de José Anselmo,

conduzindo uma senhora loura, de profundos olhos azuis, que foi logo se abraçando ao filho em prantos.

Alberto, radiante, não esperou um minuto para começar a apresentar o pai Saulo a todos e, principalmente, aos dois alegres velhinhos recém-chegados, os mais novos membros da equipe liderada pelo médico...

“A Missão” narra a trajetória de Espíritos colhidos pela morte, sem preparo para a nova vida, mas com bagagem considerável e respeitável vinda de vidas anteriores.

O leitor – com muitas pinceladas de emoção – acompanha o rápido desenvolvimento espiritual dos quatro amigos – Augusto, Pedro, André e Danilo – através de aventuras no outro lado da vida, desempenhando funções difíceis, galhardamente vencendo obstáculos, mostrando situações e cenas jamais vistas ou imaginadas do Além.